



Instituto Superior de Ciências da Educação
= ISCED de Luanda =
MESTRADO EM ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

**CARACTERÍSTICAS GRAMATICAIS DO PORTUGUÊS DO
CUANDO CUBANGO E ENSINO DA GRAMÁTICA NA
PERSPECTIVA FUNCIONALISTA**

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em Ensino da
Língua Portuguesa

AUTOR: VALENTIM FRANCISCO MOREIRA

Dissertação realizada sob orientação do Professor Doutor Afonso João Miguel

Luanda, Dezembro de 2022

Dedicatória

*Dedico este trabalho aos meus pais: **Fernado Moreira e Inês Dala Francisco.***
*À minha querida esposa, **Isabel Alfredo Moreira;** aos meus filhos: **Adelaide***
Manuel Caia, Amiltom Mawete Alfredo Moreira e Valentina Wami Alfredo
***Moreira** e a todos os investigadores da língua Portuguesa no contexto*
*angolano e ainda ao **Senhor Nicolau Ninca** de feliz memória.*

Agradecimento

Meus agradecimentos são direccionados, primeiramente a Deus, pelo dom da vida e da sabedoria que me concedeu. A seguir, aos meus pais “Fernando Moreira e Inês Dala Francisco” por me terem, me criarem e por me ensinarem os melhores caminhos da vida; à minha família, minha esposa “Isabel Alfredo Moreira” aos meus filhos “Adelaide Manuel Caia, Amiltom Mawete Alfredo Moreira e Valentina Wami Alfredo Moreira” por suportarem as minhas ausências durante o percurso de aulas. Vão de igual modo, ao “Professor Doutor Afonso João Miguel” que, pacientemente e de forma sábia, orientou a realização desta dissertação e ao colectivo de docentes que ministraram os módulos seleccionados para esta edição do curso de Mestrado em Ensino da Língua Portuguesa no ISCED de Luanda.

Resumo

O estudo descreve o Português do Cuando Cubango (PCC), usando os princípios teóricos funcionalistas, com vista a realçar as suas particularidades gramaticais.

Temos como principais objectivos: contribuir para a descrição fonológica e morfossintáctica do PA, visando o melhoramento do ensino da gramática da língua portuguesa em Angola; identificar as principais características fonológicas e morfossintácticas do português falado no Cuando Cubango; adequar o ensino da gramática da língua portuguesa à realidade linguística do falante-aluno do português no Cuando Cubango e em Angola e apresentar métodos e técnicas, baseadas no funcionalismo, como propostas para o melhoramento do ensino da gramática do português no Cuando Cubango e em Angola.

Para o desenvolvimento desta dissertação, usamos a pesquisas bibliográfica e documental de fonte secundária. O uso das referidas técnicas permitiu: (i) definir o problema em estudo; (ii) escolher o tema e o método de abordagem; (iii) escolher e desenvolver a teoria de base para a análise dos resultados e resolução do problema e (iv) a constituição do *corpus* por meio da gravação de sequências proferidas por falantes entrevistados nos diversos programas da Rádio Cuando Cubango.

Como resultados, destacamos, a realização do fonema /a/ como central aberta [a] em todos os ambientes fonológicos (ex.: caderno → [ka`dɛrnu]); a desnasalização das sequências fonológicas /uN/ e /eN/ (ex.: função → [fu`sãw]; manutenção → [manu`te`sãw]) e a pré-nasalização, ou mesmo nasalização dos fonemas /d/, /b/, /p/ e /g/ (ex.: aprendizagem → [aprẽ`di`zaʒi]; embora → [ẽ`bɔra]; acompanhas → [acõ`pa`na]; Angola → [ã`gɔla]). No nível morfossintáctico, destacamos como principais características do PCC, o caso da pré-pluralização de sintagmas nominais (ex.: **Os consumidor/ØØ/** / dizem [...]) assim como os casos de transposições gramaticais envolvendo unidades pronominais (ex.: **você não acompanhas**) e verbais (ex.: As mensage/Ø/ que temos **recebido na** população).

Palavras-chave: Fonologia, Morfossintaxe, Ensino da gramática, Português do Cuando Cubango

Resumé

L'étude décrit le Cuando Cubango Portuguese (PCC), en utilisant des principes théoriques fonctionnalistes, en vue de mettre en évidence ses particularités grammaticales.

Nos principaux objectifs sont : identifier les principales caractéristiques phonologiques et morphosyntaxiques du portugais parlé à Cuando Cubango ; adapter l'enseignement de la grammaire portugaise à la réalité linguistique de l'étudiant-locuteur portugais à Cuando Cubango et en Angola et présenter des méthodes et des techniques, basées sur le fonctionnalisme, comme propositions pour améliorer l'enseignement de la grammaire portugaise à Cuando Cubango et en Angola .

Pour l'élaboration de cette thèse, nous avons utilisé des recherches bibliographiques et documentaires à partir d'une source secondaire. L'utilisation de ces techniques a permis : (i) de définir le problème à l'étude ; (ii) choisir le thème et la méthode d'approche ; (iii) choisir et développer la théorie de base pour analyser les résultats et résoudre le problème et (iv) la constitution du *corpus* à travers l'enregistrement de séquences prononcées par des locuteurs interviewés dans les différentes émissions de Rádio Cuando Cubango.

De ce fait, nous mettons en évidence la réalisation du phonème /a/ comme un [a] central ouvert dans tous les environnements phonologiques (ex : notebook → [ka`dɛrnu]) ; la dénasalisation des séquences phonologiques /uN/ et /eN/ (ex : fonction → [fuØ`sãw] ; entretien → [manuØteØ`sãw]) et la pré-nasalisation, voire nasalisation des phonèmes /d/, /b / , /p/ et /g/ (ex : apprendre → [aprẽ`di`zaʒiØ] ; quoique→[ẽj`nɔɾa] ; accompagner → [acõ`pa`naØ] ; Angola → [ã`ŋɔla]). Au niveau morphosyntaxique, nous soulignons comme principales caractéristiques du PCC, le cas de pré-pluralisation de syntagmes nominaux (ex : Os consommateur/ØØ/ / dire [...]) ainsi que les cas de transpositions grammaticales impliquant des unités pronominales (ex : : você non suivi) et verbal (ex. As message/Ø/ que nous avons reçu dans la population).

Mots clés : Phonologie, Morphosyntaxe, Enseignement de la grammaire, Cuando Cubango Portuguese

ÍNDICE GERAL

CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO

1.1-Contextualização do Objecto de Estudo	12
1.2-Justificação da Escolha e Relevância do Tema	14
1.3-Formulação do Problema	15
1.4-Objectivos do Estudo	17
1.5-Hipóteses	17
1.6-Metodologia	18
1.7-Estrutura da Dissertação	18

CAPÍTULO II - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1-Enquadramento Geral do Capítulo	21
2.2-A Gramática e seu Ensino na Perspectiva Funcionalista	21
2.2.1-Perspectiva Funcionalista sobre a Gramática	22
2.2.1.1-Níveis Centrais da Gramática	23
2.2.1.1.1-O Fonema: Unidade Mínima do Nível Fonológico	24
2.2.1.1.2-Monema: Unidade Mínima do Nível Morfossintáctico	26
2.2.1.2-Princípios Funcionalistas de Análise Gramatical	27
2.2.2-Ensino da Gramática na Perspectiva Funcionalista	31
2.3- A Língua Portuguesa em Angola: O Problema em Estudo	32
2.3.1-A Norma-Padrão do Português em Angola	34
2.3.2-Algumas Características Gramaticais do PA	37
2.4-Characterização Sociolinguística do Cuando Cubango	41
2.4.1-Characterização Sociocultural do Cuando Cubango	41
2.4.2-Characterização Linguística do Cuando Cubango	43
2.4.2.1-Principais Características das Língua Nacionais Faladas no Cuando Cubango: Cokwe, Umbundu e Ngangela	44

CAPÍTULO III - METODOLOGIA DE ESTUDO

3.1-Aspectos Metodológicos Gerais do Estudo	50
3.2-Characterização dos Informantes	51
3.3-Constituição do <i>Corpus</i>	52
3.3.1-Convenção Adotada na Transcrição dos Dados Orais	53

3.3.2-Transcrição Fonética e Ortográfica do <i>Corpus</i>	56
---	----

CAPÍTULO IV - ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1-Questões Preliminares	59
4.2-Características Fonológicas do PCC	59
4.2.1-Características do Sistema Vocálico do PCC	60
4.2.1.1-Realização do Fonema vocálico /a/ e da Sequência Fonológica /aN/	61
4.2.1.2-Realização do Fonema /e/ e da Sequência Fonológica /eN/	63
4.2.1.3-Realização o Fonemas /o/ e da Sequência Fonológica /oN/	65
4.2.1.4-Realização dos Fonemas /i/ e da Sequência Fonológica /iN/	67
4.2.1.5-Realização do Fonema /u/ e da Sequência Fonológica /uN/	68
4.2.2-Características do Sistema Consonântico do PCC	68
4.2.2.1-Realização dos Fonemas /b/, /d/, /p/ e /g/	69
4.2.2.2-Realização dos Fonemas /s/, /ʃ/ e /ʒ/	70
4.2.2.3-Realização dos Fonemas /l/ e /r/	71
4.2.3-Processos Fonológicos Ocorridos no PCC	71
4.2.3.1-Assimilação	72
4.2.3.2-Desnasalização	73
4.2.3.3-Neutralização	73
4.2.3.4-Supressão ou Apagamento [Ø]	74
4.2.3.5-Inserção	75
4.2.4-Considerações Finais Sobre o Nível Fonológico do PCC	76
4.3-Características Morfossintáticas do PCC	77
4.3.1-O ProcessodePluralização no PCC	78
4.3.3-Uso dos Pronomes Relativos no PCC	86
4.3.4-Usodas Expressões Locativas no PCC	88
4.3.5-Uso de Modos Verbais no PCC	88
4.3.6-Funcionalidadeda Regência Verbal no PCC	91
4.3.7-Considerações Finais sobre o Nível Morfossintático do PCC	93

CAPÍTULO V: O ENSINO DA GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS NA PERSPECTIVA FUNCIONALISTA: PROPOSTAS PARA O MELHORAMENTO DO ENSINO DA GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS EM ANGOLA

5.1-QuestõesIntrodutórias	96
---------------------------	----

5.2-Adequação do Ensino da Gramática do Português à Realidade do Aluno/Falante Angolano	97
5.2.1-Codificação do Português Angolano	97
5.3-Métodos e Técnicas para o Ensino da Gramática do Português no Cuando Cubango/Angola	101
5.3.1-Métodos e Técnicas Activas para o Ensino da gramática do Português no Cuando Cubango/Angola	102
6-CONSIDERAÇÕES FINAIS	
6.1-Conclusões	108
6.2-Sugestões e Realização de Possíveis Estudos	110
7-BIBLIOGRAFIA	112
ANEXOS	
Anexo1-Corpus Transcrito	119
Anexo2-Plano de Aula	136

Índice de Quadros

Quadro 1 - Designação e Categoria dos Programas Seleccionados	53
Quadro 2 - Protocolo de Transcrição	54
Quadro 3 – Realização do Fonema /a/ no PCC	61
Quadro 4 – Realização da Sequência /aN/ no PCC	62
Quadro 5 – Realização do Fonema /e/ no PCC	63
Quadro 6 - Realização da Sequência /eN/ no PCC	63
Quadro 7 – Realização do Fonema /o/ no PCC	65
Quadro 8 – Realização da Sequência /oN/ no PCC	66
Quadro 9 – Realização dos Fonemas /b/, /d/ e /g/	69
Quadro 10 – Realização dos Fonemas /s/, /ʃ/ e /ʒ/	70
Quadro 11 – Realização dos Fonemas /l/ e /r/	71
Quadro 12 – Codificação do PA	98
Quadro 13 – Métodos e Procedimentos a Serem Usados na Aula de Gramática do Português no Cuando Cubango/Angola	103

Símbolos e Abreviaturas

// - Barras inclinada (indica que o segmento entre elas é um fonema)

[] – Colchetes (indica que o segmento entre elas é do nível fonético)

[- nasal] – Representa os traços distintivos do fonemas

→ - Flecha (Indica que o elemento à sua esquerda transformou-se no elemento à direita)

/ - Uma barra inclinada à direita (usada para se dizer o contexto de ocorrência da informação que está à sua esquerda)

___ - Travessão (indica o lugar exacto da ocorrência de uma regra fonológica)~

- Cerquilha (indica a fronteira de palavras)

/N/ - Representação da nasalidade no nível fonológico

< > - Indica o nível ortográfico e morfológico

C – Representação da categoria de consoante

V – Representação da categoria de vogal

Ø – Representa o apagamento ou não realização de unidades fonológicas e morfológicas

Daf – Diversos contextos fonológicos

PrefBt - prefixo bantu;

RadBt – radical bantu;

SufPt - sufixo do português

PA – Português Angolano

PE – Português Europeu

PCC – Português do Cuando Cubango

LP – Língua Portuguesa

NP – Norma-padrão

LN – Língua Nacional

CD – Complemento Directo

CI – Complemento Indirecto

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO

1.1-Contextualização do Objecto de Estudo

O Português do Cuando Cubango (PCC), nosso principal objecto de estudo, é uma subvariedade da variedade do Português Angolano (PA) e, tal como as outras subvariedades da língua portuguesa em Angola, é o resultado do contacto entre as Línguas Nacionais (LN) e o Português.

Esta constatação faz-nos deduzir que ao descrevermos as características gramaticais do PCC e ao propormos metodologias de ensino da gramática do português que se adequem à realidade dos falantes do português no Cuando Cubango, estamos necessariamente a desenvolver um trabalho que visa contribuir para a descrição gramatical e melhoramento do ensino da gramática da língua portuguesa em Angola.

Este estudo tem como base teórica a perspectiva funcionalista de análise e ensino da gramática, mais precisamente o modelo martinetiano da dupla articulação sem descurar os outros. De acordo com esta corrente, qualquer tratamento que se faz de uma língua natural, quer a nível da descrição quer a nível do ensino, tem como base a determinação da competência comunicativa (Neves, 1994). A descrição e ensino da gramática da língua deve estar orientado para o desenvolvimento da competência comunicativa dos falantes/alunos.

A língua e sua estrutura gramatical, nesta perspectiva teórica, tornam-se num produto da actividade humana com um carácter de finalidade, isto é, a língua é um sistema de meios de expressão ajustados a um determinado fim: o de permitir que haja comunicação entre os seus falantes (Marçalo, 1992).

É assim que Martinet (2014: 34), um dos principais impulsionadores do funcionalismo, refere que:

A função essencial do instrumento que uma língua constitui é a comunicação: o francês, por exemplo, é antes de mais o utensílio que permite às pessoas «de língua francesa» relacionarem-se umas com as outras. Veremos que, se qualquer língua se modifica ao longo do tempo, tal acontece para se adaptar de forma mais económica à

satisfação das necessidades de comunicação da comunidade que a fala.

De acordo com esses princípios funcionalistas, apura-se que o mais importante no estudo e ensino de línguas é garantir a realização do seu principal objectivo: a concretização do processo comunicativo.

Neste estudo, descreve-se o PCC com vista a fazer subsair suas particularidades gramaticais que, embora a tornem numa subvariedade divergente do padrão europeu ensinado e promovido pelas escolas angolanas, não fazem dela uma forma de realização da linguagem que não garanta o processo comunicativo entre os seus falantes.

Tendo em conta essa realidade que caracteriza a Língua Portuguesa no Cuando Cubango e em Angola, neste trabalho propõe-se um ensino da gramática que visa desenvolver a competência comunicativa dos alunos/falantes.

A presente obra é um estudo linguístico fundamental e sobre o ensino das línguas. É um estudo linguístico fundamental porque se propõe a descrever o funcionamento gramatical de uma língua e um estudo sobre ensino de línguas porque visa solucionar um problema detectado no processo de ensino e aprendizagem da gramática da língua portuguesa em Angola (Mateus & Villalva, 2006).

Ao longo do nosso trabalho, abordamos, destacadamente, os seguintes aspectos:

- i. Uma fundamentação teórica que visa apresentar a perspectiva funcionalista sobre a gramática e seu ensino; problematizar ou questionar o alcance da norma-padrão europeia por parte de falantes angolanos da língua portuguesa em Angola; apresentar as características gramaticais do PA por meio de estudos já realizados e comprovar a existência/surgimento da variedade angolana da língua portuguesa e caracterizar, do ponto de vista sociolinguístico, a província do Cuando Cubango;
- ii. A identificação e descrição das principais características fonológicas e morfossintáticas do PCC com vista a demonstrar e comprovar as

particularidades gramaticais do PCC, por meio da descrição de um *Corpus* Oral do Português do Cuando Cubango, transcrito ortográfica e foneticamente; apresentação de propostas metodológicas, baseadas nos princípios teóricos funcionalistas, como fundamento para o melhoramento do ensino da gramática da língua portuguesa no Cuando Cubango.

Por conseguinte, de acordo com esta abordagem, o nosso estudo visa, essencialmente, descrever as características gramaticais da Língua Portuguesa no Cuando Cubango e, no âmbito da perspectiva teórica do funcionalismo linguístico sobre o ensino da gramática, propor um ensino que privilegie as realizações fonológicas, morfológicas e sintáticas dos falantes do português no Cuando Cubango, sabendo que a principal função da língua é a interação ou comunicação entre os seus falantes (Martinet, 2014).

1.2-Justificação da Escolha e Relevância do Tema

A escolha deste tema deve-se, em primeiro lugar, ao facto de que a investigação linguística se assenta sobre a descrição do funcionamento da gramática das línguas de acordo com o que afirmam Mateus e Villalva (2006). Nesta vertente, ao descrever as principais características fonológicas e morfossintáticas do PCC, estamos a desenvolver um estudo propriamente linguístico que vai contribuir na descrição e ensino do Português Angolano.

Em segundo lugar, a nossa escolha por este tema tem a ver com as estratégias de apropriação da língua pelos falantes; isto é, de acordo com Eliseu (2008), no momento da aquisição e aprendizagem de uma língua, os falantes/aprendentes absolvem, numa primeira fase, as operações de reconhecimento, combinação e de interpretação.

Concorrem para a interiorização ou aprendizagem das operações de reconhecimento a fonologia (reconhecimento dos sons da língua) e a morfologia (reconhecimento da estrutura das palavras) e para a interiorização das operações combinatórias e interpretação a sintaxe (reconhecimento da estrutura frásica da língua e do seu significado) (Eliseu, 2008).

Sendo assim, conclui-se que os aspectos relacionados à fonologia, morfologia e à sintaxe (morfossintaxe) de uma língua ajudam quer na aquisição quer na aprendizagem dela. Não podemos dissociar esses aspectos que caracterizam as línguas no geral da sua aquisição e aprendizagem; pelo que, analisar o funcionamento gramatical de uma língua numa localidade e a forma como ela (a gramática) tem sido ensinada e apreendida é sempre relevante.

Assim, qualquer estudo que, como o nosso, visa descrever o funcionamento fonológico e morfossintático de uma língua ou de uma variedade dela bem como analisar o seu ensino e aprendizagem torna-se relevante para a linguística como tal e para o ensino das línguas em particular.

Este trabalho, é ainda relevante, porque munirá os professores de língua portuguesa em Angola e no Cuando Cubango, foco do nosso estudo, de metodologias de ensino da gramática da língua portuguesa que facilitem o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos.

1.3-Formulação do Problema

Todos os dias, professores e gestores escolares dos diversos níveis de ensino em Angola queixam-se das dificuldades e do elevado número de reprovados na disciplina de Língua Portuguesa, o que não nos parece estranho se tivermos em conta o que disse Neto (2012: 90), refletindo sobre tal realidade:

Podemos afirmar que no ensino da língua portuguesa, tanto disciplina de especialidade como de opção, no sistema educativo de Angola, no que diz respeito ao público aprendente, entre as competências comunicativas em língua, a gramatical é a que mais dificuldades apresenta (...)

Na base de tais dificuldades estão, ao nosso ver, duas realidades vividas no nosso país: o facto de se ensinar em Angola uma norma-padrão que revela outra realidade sociocultural, como refere Adriano (2015), e o facto de as aulas de língua portuguesa serem baseadas na memorização e reprodução das regras gramaticais, como nos faz entender Neto (2012). A primeira realidade reflecte a política linguística angolana, enquanto a segunda as metodologias usadas no ensino da gramática do português em Angola.

Calvet (2007) define a política linguística como as decisões do Estado referentes à relação da língua com a sociedade. Um dos pontos dessas decisões tem que

ver com a valorização linguística, tal como a entendeu (Reis, 2006), que, entre vários pontos, trata da codificação linguística cujo objectivo é elaborar normas de funcionamento de línguas assim como sua conservação e publicação em gramáticas, dicionários, manuais, prontuários e outros materiais que facilitem o seu ensino e aprendizagem.

Assim, considerando a perspectiva da política linguística apresentada, presume-se que umas das soluções para as dificuldades encontradas no ensino da gramática da língua portuguesa em Angola consiste na definição de uma norma-padrão do “Português Angolano” (PA), o que obrigaria, conseqüentemente, à descrição e sistematização desta variedade do português, isto é, levaria à elaboração e publicação de gramáticas, dicionários, prontuários e até manuais escolares do Português Angolano.

Por outra, os métodos baseados na memorização e reprodução das regras gramaticais que caracterizam as aulas de gramática do português em Angola, como salienta Neto (2012), são passivos, tradicionais, centrados no conhecimento e não caracterizam a escola nova que se centra no aluno como nos faz entender Piletti (2004).

Ora, se o aluno não for o centro do saber, a aprendizagem não é efectiva e real. Logo, haverá sempre dificuldades no processo, o que nos leva a pensar na introdução de novos métodos que o ponham no centro do processo.

Ao nosso ver, a aplicação das técnicas funcionalistas, que visam contribuir para um ensino e aprendizagem da gramática que amplie a competência comunicativa dos alunos e privilegiam conteúdos que reflectem a sua realidade (Cunha & Tavares, 2016), pondo desta forma o aluno no centro de todo o processo, pode ajudar a resolver as dificuldades encontradas no ensino da gramática da língua portuguesa em Angola.

Tendo em conta esta realidade que marca o processo de ensino e aprendizagem da gramática da língua portuguesa em Angola, realizamos este estudo levantando o seguinte problema:

- i. Como contribuir para a resolução das dificuldades identificadas no ensino da gramática da língua portuguesa em Angola, e de modo especial, no Cuando Cubango?

Elegemos, como ponto de partida ou campo de acção, a situação do funcionamento gramatical e do ensino da gramática do português no Cuando Cubango, cientes de que, o que se aplica no Cuando Cubango, dada a semelhança sociolinguística e educativa com as outras localidades, pode ser implementado em todo país.

1.4-Objectivos do Estudo

Desta feita, considerando o problema levantado, este estudo tem como principais objectivos:

Objectivo geral:

- i. Contribuir para a descrição fonológica e morfossintáctica do PA, visando a melhoria do ensino da gramática da língua portuguesa em Angola.

Objectivos específicos

- i. Identificar as principais características fonológicas e morfossintácticas do português falado no Cuando Cubango;
- ii. Adequar o ensino da gramática da língua portuguesa à realidade linguística do falante-aluno do português no Cuando Cubango e em Angola;
- iii. Apresentar métodos e técnicas de ensino da gramática, baseadas no funcionalismo, como propostas para a melhoria do ensino da gramática do português no Cuando Cubango e em Angola.

1.5-Hipóteses

Dado o problema e os objectivos geral e específicos que se pretendem alcançar, levantam-se como *hipóteses* para responder à questão inicial:

- i. O português do Cuando Cubango, como subvariedade do Português Angolano, apresenta características fonológicas e morfossintácticas divergentes da norma-padrão europeia ensinada e promovida pela

escola angolana, pelo que, urge a necessidade de se estabelecer uma norma-padrão do PA a ser ensinada;

- ii. O ensino da gramática da língua portuguesa, usando métodos e técnicas, baseadas no funcionalismo, privilegiando o uso ou padrão real dos alunos-falantes, pode resolver os problemas detectados no ensino da gramática do português no Cuando Cubango e de forma geral em Angola.

1.6-Metodologia¹

Do ponto de vista metodológico, o presente estudo faz uma abordagem indutiva sobre as características gramaticais e ensino da gramática da língua portuguesa. Desta forma, observamos as características fonológicas e morfossintáticas da língua portuguesa no Cuando Cubango, com a finalidade de: *Contribuir para a descrição fonológica e morfossintática do PA, visando a melhoria do ensino da gramática da língua portuguesa em Angola*. Dito de outro modo, o nosso estudo visa, de forma generalizada, contribuir para o ensino da gramática da língua portuguesa Angola.

Para o desenvolvimento desta dissertação, usamos duas técnicas de pesquisa: (i) pesquisa bibliográfica e (ii) pesquisa documental de fonte secundária (Marconi & Lakatos, 2010).

Para o nosso estudo, estas técnicas permitiram: (i) definir o problema em estudo; (ii) escolher o tema e o método de abordagem; (iii) escolher e desenvolver a teoria de base para a análise dos resultados e resolução do problema e (iv) a constituição do *corpus* por meio da gravação de sequências proferidas por falantes entrevistados nos diversos programas da Rádio Cuando Cubango no período que vai desde Julho de 2021 a Março de 2022.

1.7-Estrutura da Dissertação

Do ponto de vista estrutural, a presente dissertação está constituída por seis (6) partes: *Introdução, Fundamentação Teórica, Metodologia de Estudo, Análise dos Resultados e O Ensino da Gramática do Português na Perspectiva*

¹ Mais detalhes sobre a metodologia foram apresentados no Terceiro Capítulo

Funcionalista: Propostas para o Melhoramento do Ensino da Gramática do Português Angola e considerações finais.

No *Capítulo I*, apresentamos a contextualização do objecto de estudo, justificação da escolha do tema e formulámos o problema, os objectivos e as hipóteses do estudo. Concluímos o referido capítulo destacando alguns aspectos de orientação metodológica da dissertação.

No *Capítulo II*, relatamos os pontos que sustentam teoricamente o nosso estudo. Nele, apresentamos o conceito e a perspectiva funcionalista sobre a gramática, assim como os principais princípios usados por esta corrente para a descrição de línguas. Fazemos ainda referência à situação da língua portuguesa em Angola, destacando, mais precisamente, o alcance da norma-padrão do português por parte dos falantes angolanos e as principais características gramaticais do PA bem como a situação sociolinguística do Cuando Cubango.

No *Capítulo III*, referenciamos, mais detalhadamente, as estratégias metodológicas usadas no estudo. Definimos o método e as técnicas de pesquisas. Caracterizamos os informantes e os procedimentos usados para a constituição do *corpus*.

No *Capítulo IV*, descremos, com base nos princípios funcionalistas de Martinet (2014), Marçalo (1990) e (2009) e outros autores, as principais características fonológicas e morfossintáticas da língua portuguesa no Cuando Cubango.

No *Capítulo V*, apresentamos a nossa proposta para o melhoramento do ensino da gramática da língua portuguesa no Cuando Cubango e em Angola de forma geral.

Na última parte, “Considerações Finais” apresentamos as conclusões do estudo e sugestões para que futuramente se possam tomar certas decisões com vista a melhorar o processo de ensino e aprendizagem da gramática da língua portuguesa em Angola.

CAPÍTULO II – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1-Enquadramento Geral do Capítulo

Na perspectiva de Zassala (2013), o capítulo “Fundamentação Teórica” surge para descrever a teoria adotada pelo autor e relacioná-la com o problema e as hipóteses.

Desta forma, ao desenvolver este capítulo, a nossa principal intenção é apresentar a corrente funcionalista como uma teoria linguística cujos princípios teóricos podem contribuir para a melhoria do ensino da gramática da língua portuguesa em Angola.

De forma mais detalhada, neste segundo capítulo da nossa dissertação, temos como objectivos: (i) apresentar a perspectiva funcionalista sobre a análise e ensino da gramática; (ii) descrever a situação da língua portuguesa em Angola, (alcance da norma-padrão por parte dos falantes e as suas principais características gramaticais) e por fim, (iii) apresentar a situação sociocultural e linguística do Cuando Cubango.

2.2-A Gramática e seu Ensino na Perspectiva Funcionalista

Nesta primeira secção do segundo capítulo, temos como objectivos apresentar o contexto histórico de surgimento do funcionalismo, as suas principais linhas teóricas, o conceito de gramática e a perspectiva sobre o seu ensino defendidas por esta corrente teórica que sustenta nosso estudo.

O funcionalismo é uma corrente linguística que surgiu no século XX, com as investigações linguísticas dos checos V. Mathesius, B. Havránek, J. Mukarovsky, B. Trnka, J. Vachek, M. Weingart, os franceses L. Bruo, L. Tesnière, J. Vendryes, E. Benveniste, A. Martinet e os russos Jakobson e N. S. Troubetskoi do Círculo Linguístico de Praga criado em 1926, que, com base nas ideias de Saussure, tinham a língua como um sistema funcional, cujo principal objectivo ou função é garantir a comunicação entre os falantes (Kristeva, 1969).

Por essa razão, Cunha (2011) refere que os primeiros estudos levados à cabo por esta escola ou teoria linguística tiveram como objectivos determinar a função das unidades mínimas pertencentes aos três principais domínios da gramática.

No âmbito da fonologia, Troubetskoi destacou as funções distintivas, demarcadoras e expressivas dos fonemas; na morfologia, Jakobson, através do princípio de marcação, elevou a função distintiva ou opositiva dos morfemas, destacando a marcação ou não marcação da categoria numeral nos nomes; na sintaxe, Mathesius implementou a concepção funcional da frase que deu origem à teoria funcional da frase centrada na informação das frases transmitida pela organização das palavras (Cunha, 2011).

Por volta de 1975, por influência dos trabalhos de Franz Boas, Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf, o funcionalismo chega também à América do Norte onde se defendia que a estrutura da língua não podia ser estudada, descrita e explícita ou até mesmo ensinada sem fazer referência a sua função comunicativa (Cunha, 2011).

Sendo assim, para esta vertente teórica, garantir a interação ou comunicação entre seus falantes é o principal objectivo do uso da língua que tende sempre a adaptar-se às necessidades comunicativas dos falantes, tal como salienta Martinet (2014).

Para reforçar, Cunha (2011, p.158) ressalva que o modelo de análise funcionalista resume-se em duas propostas básicas: “(i) a língua desempenha funções que são externas ao sistema linguístico em si e (ii) as funções externas influenciam a organização interna do sistema linguístico”.

Desta forma, infere-se uma forte ligação entre o sistema social ou a sociedade em que os falantes estão envolvidos e o sistema linguístico ou estrutura formal da língua, sendo que, este último é determinado pelo primeiro.

2.2.1-Perspectiva Funcionalista sobre a Gramática

Dada as linhas teóricas do funcionalismo, antes apresentadas, constata-se que o modelo funcionalista defende e se revê no conceito de gramática descritiva,

definido por Câmara Jr (2004) como o estudo do funcionamento de uma língua como meio de comunicação entre os seus falantes.

É assim que, ao definir a gramática, na perspectiva funcionalista, Cunha (2011) diz que o funcionalismo se caracteriza por uma concepção dinâmica do funcionamento das línguas. Nessa perspectiva, a gramática é vista como um organismo maleável, que se adapta às necessidades comunicativas e cognitivas dos falantes. Isso implica reconhecer que, ao lado de padrões fonológicos e morfossintáticos estáveis, sistematizados pelo uso, a gramática de qualquer língua exhibe mecanismos de codificação emergentes, que são consequentes da necessidade de formas mais expressivas.

Esta análise permite-nos deduzir que, para o funcionalismo, a gramática de uma língua adapta-se às diversas situações, inclusive à realidade comunicativa e cognitiva dos falantes; que a sistematização, normatização ou padronização do funcionamento gramatical de uma língua é o resultado do uso que se faz dela e que existem, para todas as línguas, formas gramaticais que podem ser padronizadas e ensinadas como advoga (Câmara, 1976, p. 10), ao referir que:

Mas é igualmente claro que a codificação (que é um ramo da linguística aplicada, isto é, da aplicação da linguística a fins de interesse social) tem de partir dos resultados obtidos pela linguística descritiva, como uma técnica de pesquisa e interpretação objectiva e rigorosa, para não operar viciosamente no vazio, fora de qualquer uso real.

De acordo com essa análise, há uma relação de dependência entre a descrição linguística e o ensino de línguas. Assim, as gramáticas, dicionários, prontuários e manuais escolares, onde é conservada a norma-padrão, são elaborados em função da descrição do uso que os falantes fazem da língua. O uso real da língua condiciona a norma-padrão ensinada e promovida pelas escolas.

Rosário (2015), por sua vez, salienta que para o funcionalismo o mais importante, ao conceitualizar a gramática e determinar padrões de ensino da mesma, são os aspectos interacionais que se manifestam no uso concreto da língua e que determinam as construções gramaticais.

Assim sendo, a sustentabilidade teórica do funcionalismo, apresentada no princípio deste subtema, permite-nos definir a gramática em função dos

conceitos de uso, função comunicativa e adaptação do sistema linguístico à realidade dos falantes.

A gramática será tida como a estrutura linguística manifestada no uso que os falantes fazem da língua com o objectivo de comunicar em determinados contextos.

2.2.1.1-Níveis Centrais da Gramática

No modelo martinetiano, no qual nos baseamos para analisar as características gramaticais do PCC, a língua é vista como um instrumento de comunicação duplamente articulado de manifestação, essencialmente, vocal (Martinet, 2014).

Desta análise infere-se que, por um lado, a língua é constituída por partes ou unidades menores indivisíveis e que, por outro lado, a sua principal característica é a vocalidade, o som.

Na perspectiva de (Suelela, 2019), o conceito martinetiano de dupla articulação da linguagem remete-nos à existência de duas disciplinas linguísticas “fonologia e sintaxe” e, por conseguinte, a dois objectos de estudo “o fonema para a fonologia e monema para a sintaxe”.

Este facto é ainda reforçado por Marçalo (1992) ao referir que a análise linguística para Martinet assenta em dois pilares, a fonologia e a sintaxe.

De acordo com a perspectiva de Suelela (2019) e de Marçalo (1992), baseadas no funcionalismo martinetiano, dá-se conta, no âmbito na estrutura gramatical das línguas, da existência de duas unidades gramaticais mínimas e indivisíveis “fonema e monema” e de dois níveis gramaticais: o nível fonológico e o nível sintáctico ou morfossintático².

Portanto, considerando a dupla articulação, a gramática está estruturada em dois níveis específicos: o nível fonológico, correspondente à segunda articulação, cuja unidade de análise é o fonema e o nível morfossintáctico, primeira articulação, cuja unidade de análise é o monema.

² Neste nível analisa-se o funcionamento dos monemas (morfemas) dentro de uma unidade sintagmática (Gallisson e Coste, 1983).

2.2.1.1.1-O Fonema: Unidade Mínima do Nível Fonológico

O *fonema*, objecto de análise do nível fonológico, correspondente à segunda articulação martiniana, é uma unidade mínima distintiva e sucessiva pertencente a um determinado sistema fonológico (Marçalo, 1992).

A caracterização do fonema como “ unidade distintiva” revela a relação paradigmática estabelecida entre os fonemas que podem ocupar a mesma posição e cuja substituição implica um outro monema. Já a qualificação como “unidade sucessiva” tem a ver com a relação sintagmática observada na forma como os fonemas se combinam para formar monemas (Marçalo, 1992).

As relações a que os fonemas estão envolvidos são facilmente observadas na formação dos significantes dos monemas em língua portuguesa. Desta forma, ao substituímos, por exemplo, o fonema /b/ por /k/ em *bola*, tendo como resultado o signifiante *cola*, podemos dizer que entre /b/ e /k/ há uma relação paradigmática. Por outro lado, considerando que o fonema vocálico /o/ sucede os fonemas /b/ e /k/ para formar os significantes *bola* e *cola*, conclui-se que o referido fonema encontra-se em relação sintagmática com os dois últimos.

A delimitação do conceito de fonema implica a sua distinção em relação aos conceitos de variantes ou alofone e arquifonema (Marçalo, 1992).

Por *variantes* ou *alofone* entende-se as diferentes formas de realização fonética de um determinado fonema. Distinguem-se as *variantes combinatórias* ou contextuais, determinada pelo contexto de utilização do fonema no monema, das *variantes individuais*, determinadas pelas condições extralinguísticas nas quais está envolvido o locutor (Marçalo, 1992). Como exemplo de variantes combinatórias no português padrão europeu, pode-se apresentar a realização do fonema /l/ como [ɫ] (/l/→[ɫ]) que ocorre apenas em ambientes fonológicos de final de sílaba ou em posição de coda. As variantes individuais podem ser observadas, no PE, na realização do fonema /v/ como [b] (/v/→[b]) pelos falantes portugueses setentrionais.

O *arquifonema* é o resultado do processo de neutralização ou perda da distinção fonológica que opõe um fonema a outro. O arquifonema é o conjunto dos traços distintivos comuns a dois ou mais fonemas. Assim, quando dois

fonemas são realizados do mesmo modo, diz-se que tal realização pertence a um arquifonema que, regra geral, é representado por uma letra maiúscula: (Marçalo, 1992).

Um exemplo³ de ocorrência de arquifonema, no PE, pode ser observado a quando da realização do fonema /e/ como [ɐ] (/e/→[ɐ]) em ambientes fonológicos em que antecede os fonemas /ɲ/ e /ʎ/, neutralizando desta forma sua distinção fonológica com o fonema /a/. Neste caso, há realização do arquifonema /E/.

2.2.1.1.2-Monema: Unidade Mínima do Nível Morfossintático

O *monema*, objecto do nível morfossintático, é uma unidade significativa manifestada numa forma fónica (Martinet, 2014). Dito de outro modo, o monema é uma unidade gramatical que comporta um sentido e uma forma que é essencialmente fónica.

Martinet (apud Suelela, 2019:37) apresenta três tipos de monemas: funcionais, não funcionais ou dependentes e autónomos.

Os *monemas funcionais* são aqueles que ocorrem no enunciado como determinantes e indutores de determinadas funções sintáticas. Como exemplo, apresentam-se os pronomes relativos, as preposições e conjunções subordinativas (Suelela, 2019).

Os *monemas não funcionais* ou dependentes são os que não introduzem funções sintáticas e cuja ocorrência no enunciado depende de outro monemas. Suelela (2019) coloca nesse grupo os artigos, afixos e as desinências.

Já os *monemas autónomos* são os que possuem uma certa independência sintática e liberdade acupacional no enunciando. É o caso dos advérbios (Suelela, 2019).

Há ainda o *monema lexical* em comparação com os gramaticais. Os monemas lexicais, diferentes dos gramaticais, referenciam um dado da experiência

³ Exemplo retirado em Duarte (2000).

humana e existem em número indeterminado. Martinet, apresenta como exemplo, os nomes “homem e rico” e a forma verbal “come” (Martinet, 2014).

Na perspectiva de Marçalo (1992), a delimitação do conceito de monema, objecto da primeira articulação martinetiana, implica a sua distinção das unidades gramaticais “sintema e sintagma”. *Sintema* é definido como a composição de vários monemas para referenciar uma única realidade, como: “caminho-de-ferro”. O sintagma é um conjunto de unidades portadoras de significado intimamente relacionadas entre si (Martinet apud Marçalo, 1992: 77). Como exemplo, apresenta-se a forma “uma cadeira” na qual os monemas “uma” e “cadeira” estão relacionados.

Para terminar esta secção, reporta-se que a nossa análise incidirá sobre o funcionamento das unidades gramaticais mínimas nas unidades máximas do PCC, isto é, análise da realização dos fonemas nos monemas do PCC e análise da realização dos monemas nos sintagmas e enunciados do PCC, perspectivando desta forma os níveis fonológico e morfossintáctico.

2.2.1.2-Princípios Funcionalistas de Análise Gramatical

A análise linguística ou gramatical desenvolvida pelos funcionalistas apoia-se nos princípios de: *informatividade, iconicidade, marcação, transitividade e plano discursivo, gramaticalização* (Cunha, 2011); *pertinência, comutação, método distribucional* (Marçalo, 1992) e ainda a *segmentação* (Martinet, 2014), e a *transposição* (Marçalo, 2009).

O princípio da *informatividade* faz referência aos conhecimentos ou informações, linguísticas (gramaticais) e extralinguísticas (contextuais), partilhados pelos falantes no momento da interação verbal. De acordo com esse princípio, uma informação, gramatical/linguística ou extralinguística, pode ser tida como: *dada/velha, nova, disponível e inferível* (Cunha, 2011).

Será *dada* a informação gramatical ou situacional/extralinguística já referenciada no texto (Cunha, 2011). Este facto pode, ao nosso ver, justificar o apagamento da pluralização no núcleo de um sintagma nominal, muito comum no PA, tal como, a seguir, se comprova, quando esta informação gramatical já foi dada no determinante: “Os meninoØ ainda não chegaram”.

Quando uma informação gramatical/linguística ou extralinguística/situacional for introduzida pela primeira vez no discurso, é considerada *nova* (Cunha, 2011). Como exemplo, podemos referir a pluralização do determinante artigo “os” no exemplo anterior, sendo que, antes não tinha sido referenciada, ou seja, foi referenciada pela primeira vez, no início da frase “Os menino/Ø/ ainda não chegaram”.

Se uma informação gramatical ou extragramatical/extralinguística já estiver na mente do interlocutor ou ouvinte é considerada *disponível* (Cunha, 2011). Aqui, mais uma vez toma-se como exemplo a frase “Os meninoØ ainda não chegaram”, onde o mecanismo de pluralização em língua portuguesa é já do conhecimento dos interlocutores.

A utilização de um determinante artigo definido antes de um nome faz inferir alguma informação de actualização (como algo já conhecido) acerca do mesmo. Esse mecanismo faz desta informação gramatical e situacional *inferível* (Cunha, 2011).

O princípio de *iconicidade* referencia a dependência mútua e motivada entre o elemento linguístico ou gramatical e a sua função ou significação dentro da construção linguística sendo que, a estrutura gramatical ou linguística de uma língua reflecte a experiência do falante (Cunha e Tavares, 2016).

De acordo com Cunha (2011), este princípio é subdividido em: *subprincípio de quantidade*, *subprincípio de integração* e *subprincípio de ordenação sequencial*.

O *subprincípio da quantidade* enuncia que a qualidade do conteúdo veiculado por uma construção gramatical é determinado pela quantidade de sua estrutura ou forma (Cunha e Tavares, 2016).

Assim, por exemplo, a adição de monemas não funcionais a um monema lexical adiciona na informação veiculada por uma unidade lexical como se pode ver: se em *falar* temos uma acção vaga, em *falámos* temos uma acção praticada em um determinado tempo por determinadas pessoas.

Segundo o *subprincípio de iconicidade por integração*, as unidades gramaticais ou lexicais que, semanticamente e na mente do falante, estão mais próximas, sintacticamente também estarão mais próximas (Cunha & Tavares, 2016).

De acordo com este princípio, ao nosso ver, faz mais sentido a próclise em relação a ênclise, em frases como: “Eu te amo”, dado que o sentimento de amor é manifestado pelo “eu” para o “te” que na frase se encontram próximos um do outro.

O *subprincípio de ordenação* manifesta-se em duas formas: *forma linear* e *forma sequencial de topicalidade* (Cunha & Tavares, 2011).

A forma *linear* enuncia que as frases são organizadas segundo uma ordem temporal dos acontecimentos (Cunha & Tavares, 2016), como expresso na frase “O João abriu o pão, pôs queijo e comeu”.

Na forma *sequencial de topicalidade*, verifica-se que os itens lexicais já mencionado na primeira frase tendem a ocorrer no princípio da segunda frase ao passo que as novas ocorrem no fim (Cunha & Tavares, 2016) como o que, por exemplo, ocorre na frase “Gosto muito do José. O José é o meu melhor amigo”.

Introduzido na Linguística pelo Ciclo Linguístico de Praga, o princípio de *marcação* referencia o contraste entre dois elementos de uma dada categoria gramatical dos principais níveis de análise gramatical “fonologia, morfologia e sintaxe” (Cunha, 2011).

Quando a categoria gramatical estiver presente, diz-se “marcada”, quando não estiver, diz-se “não marcada”. Por exemplo, em *menino*Ø a categoria [+plural] é não marcada, sendo que em *meninos* a mesma categoria [+plural] é marcada com a presença do <s>, marcador do plural em português.

Embora não seja um princípio propriamente gramatical, por ser inserido na pragmática por Cunha (2011), o princípio da *transitividade e plano discursivo* ao referenciar que o uso da língua é determinado pelos objectivos do locutor e as necessidades do interlocutor segundo Cunha (2011), demonstra claramente a influência do estado ou condição sociolinguística do falante na realização

fonética de fonemas e na actualização de monemas na construção de enunciados.

Assim, por exemplo, de acordo com este princípio, a próclise em contextos de ênclise, pode ser justificada pelo facto de o falante querer destacar o pronome em causa como em: “Joana, tu *me* amas?”

A *gramatilicalização* diz respeito ao facto de itens lexicais, como verbos e substantivos, desempenharem funções gramaticais como a de conjunções ou de morfemas derivacionais (Cunha, 2011).

Por exemplo, em “*Quer* chova *quer* não, estarei lá” a forma da terceira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo “querer” “quer” repetida desempenha a função de locução conjuntiva alternativa.

O princípio da *pertinência* que, de acordo com Marçalo (1992), foi proposto por Matinet, considerado um dos impulsionadores do funcionalismo, destaca a função de uma categoria ou unidade gramatical como sendo o mais importante no processo comunicativo levado à cabo pelos intervenientes.

Por exemplo, sabe-se que um fonema tem a função principal de distinguir um monema ou palavra de outras, o que leva ao fonema /a/, na língua portuguesa, distinguir a palavra “lado” de “lodo”, contrastando com o /o/, não se importando com a forma como ele será realizado no plano subjacente da fonética, a sua função distintiva foi realizada sendo a detentora da permissão do uso desse fonema na palavra “lado”.

No plano morfossintáctico, um exemplo de pertinência pode ser verificado no processo de colocação ou posição dos pronomes de complemento como na frase: “Me diz onde está o José”. Nesta frase, a posição pré-verbal ocupada pelo pronome de complemento “me” não distorce o sentido da frase nem a sua função de substituir nomes na frase.

A *comutação*, assim como o *método distribucional*, é um princípio metodológico que visa auxiliar na identificação das unidades gramaticais mínimas: fonemas, monemas e sintagmas. A *comutação* consiste na troca de um elemento por outro sem distorcer a estrutura da língua e o *método distribucional* consiste na

determinação de ambientes gramaticais onde ocorram certos constituintes ou unidades gramaticais da mesma natureza (Marçalo, 1992).

Para esclarecer melhor, toma-se como exemplo a frase “ O gato está doente” em que se pode comutar o monema dependente (artigo “o”) do sintagma nominal “o gato” pelo monema dependente “este”, tendo como resultado uma frase reconstruída dentro dos padrões sintáticos do Português: “ Este gato está doente”.

A aplicação do *método distribucional* servirá para determinar que os monemas não funcionais “o” e “este” ocorrem em contextos distribucionais de antecedência nominal como se comprovou na frase anterior.

A *segmentação* é uma operação de análise gramatical que visa identificar os segmentos ou unidades gramaticais que concorrem para constituição do significante ou palavra (Matinet, 2014). Por exemplo, ao segmentarmos a palavra “parado → /p/, /a/, /r/, /a/, /d/, /o/” percebemos que ela está constituída por seis (6) fonemas. O mesmo pode acontecer caso se segmente a frase “ O Pedro é sorridente” onde se observa que nela estão contidos os sintagmas “ o Pedro” e “é sorridente” que por sua vez também podem, no âmbito do funcionalismo, ser segmentados por monemas “o” e “Pedro”, “é” e “sorridente”.

Para Marçalo (2009), a *transposição* é o mecanismo de que uma língua dispõe e que permite a um sintagma ou monema exercer funções que antes não lhe era permitido exercer. Trata-se de uma mudança de categoria que causa mudança de função. Na sua realização entrem em destaque a “base” ou categoria originária e o “transpositor” ou categoria nova.

O uso de um artigo antes de um adjetivo permite que este se transforme em substantivo como na frase: “Compare o carro novo e o velho. **O novo** é mais confortável, não é?”.

2.2.2-Ensino da Gramática na Perspetiva Funcionalista

As pesquisas funcionalistas, dizem Cunha e Tavares (2016), visam contribuir para um ensino da gramática de uma língua que desenvolva a competência comunicativa dos alunos e privilegie conteúdos que revelem o uso real e contextualizado que se faz dela.

Neto (2012) reforça este facto ao afirmar que o principal objectivo nos Programas de Língua Portuguesa, é que o aprendente consiga alcançar a competência comunicativa, ou seja, consiga comunicar na língua que aprende.

De acordo com Neves (1994), a competência comunicativa é alcançada quando o falante concretiza a função do uso da língua, isto é, quando transmite algum significado ou informação; implica necessariamente a capacidade de criar mensagens para comunicar. Esta constatação leva-nos a inferir que a perspectiva funcionalista sobre o ensino da gramática se assenta no cumprimento da principal função da linguagem ou do uso da língua, a comunicação.

Focando-se no desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos, com vista a colocá-los no centro de todo o processo educativo, apura-se que o funcionalismo defende a inserção de métodos activos no processo de ensino da gramática da língua, que põem no centro da aprendizagem o aluno, defendendo uma aprendizagem alicerçada nos conhecimentos que os mesmos têm da gramática da língua objecto de aprendizagem (Azevedo, 2012), excluindo desse processo a aprendizagem por repetição impostas pelos métodos tradicionais centrados no conteúdo.

Recorrendo a Mpanzu (2018), fica-se a saber que a perspectiva funcionalista sobre o ensino da gramática concide com a abordagem comunicativa sobre o ensino dela, que visa desenvolver actividades interactivas e reflexivas na sala de aula, com vista a promover uma comunicação eficaz que consiste na adequação ou adaptação das formas linguísticas ou gramaticais às diversas situações de comunicação.

O ensino da gramática, na análise feita por Mpanzu (2018), é condicionado pela situação de comunicação a que estiverem expostos os falantes. Este facto é ainda reforçado pelo que o Quadro Europeu Comum de Referência (QECR, 2001) evidencia ao colocar, no âmbito das competências da linguagem, a competência gramatical como uma tipologia da competência comunicativa.

Ao adoptarmos esta perspectiva teórica sobre o ensino da gramática, queremos destacar e propor que se considere as contruções gramaticais dos

alunos/falantes desde que não fujam da concretização do objectivo do uso da língua: a manutenção da interacção comunicativa entre os alunos/falantes.

2.3-A Língua Portuguesa em Angola: O Problema em Estudo

A situação da língua portuguesa em Angola “as suas características gramaticais e o seu ensino baseado na norma-padrão europeia” constitui, de forma indirecta, o principal problema deste estudo.

Assim, nesta terceira secção do segundo capítulo, queremos problematizar a situação da língua portuguesa em Angola, o alcance ou realização da norma-padrão do português em Angola e comprovar as dinâmicas variacionais da variedade do PA.

No nosso território, a língua portuguesa deve ser conceituada e percebida como o resultado do contacto entre esta língua e as línguas autóctenas angolanas, facto que a torna divergente da variedade de origem, como afirma Amélia Mingas (2005: 105):

Tendo em conta a presença de contributos linguísticos e socio-culturais locais, a alteração que a língua portuguesa tem vindo a sofrer, em Angola, durante todos esses séculos de contacto com as línguas e culturas locais, constitui um progressivo e contínuo desenvolvimento e é graças a essa coabitação que ela foi crescendo e diferenciando-se de acordo com cada uma das sociedades receptoras.

Na mesma senda, Queta (2010) postula, com base na teoria laboviana, a existência de uma variante angolana da língua portuguesa, Português Angolano (PA), que representa um universo das experiências e simbolismos dos povos angolanos.

O português falado em Angola e pelos angolanos já não é uma forma de manifestação da cultura portuguesa, mas sim uma forma de actualização dos hábitos e costumes próprios dos angolanos; já podemos falar de um português angolano, um português concretizado de acordo à realidade dos angolanos, pois que, há, nessa variedade (PA), elementos socio-culturais estranhos dos da comunidade portuguesa (Mingas, 2005) e por conseguinte já não faz sentido promover um português que manifesta a cultura e sociedade portuguesa em Angola.

É por essas razões que Costa (2013) recomenda uma problematização e tratamento da língua portuguesa em Angola que tenha em conta a realidade social, cultural e linguística do nosso país. Dito de outra forma, as descrições ou estudos, sistematização ou padronização e o ensino da língua portuguesa em Angola deve revelar o uso concreto e real que os angolanos fazem dela.

O facto segundo o qual, em Angola, o português é, de acordo com os dados do censo de 2014, a língua mais falada, representando (71%) da população angolana, (INE, 2014), reforça claramente a existência de uma variedade “independente” do PE, ou seja, de um Português Angolano (PA).

Junto da problemática da efectivização e consideração de um Português Angolano, está a questão do alcance da norma-padrão do português em Angola e do seu ensino (desenvolvidos em secções próprias), a questão da sua multifuncionalidade e do seu estatuto.

Quanto à sua multifuncionalidade, o português é, segundo o artigo 19º da Constituição da República de Angola (2010) língua oficial, sendo por isso usada na administração pública, na comunicação social, nos discursos políticos e no exercício da cidadania.

É ainda: língua de ensino ou de escolarização, artigo 16º da Lei de Base do Sistema de Educação e Ensino (Lei de 17/16), para além de ser objecto de ensino; língua de acesso ao conhecimento científico e tecnológico e de internacionalização.

No que diz respeito ao seu estatuto, a língua portuguesa em Angola, dada a condição multilingue e/ou plurilingue que caracteriza o nosso país (Mpanzu, 2018), pode ser considerada como língua oficial, língua veicular, língua nacional (Undolo, 2016) e ainda língua materna L1 e língua segunda L2 (Costa, 2013).

É necessário que, de acordo com o que se apresentou, o PA seja sistematizado e considerado uma variedade autónoma (PA), com uma norma-padrão própria derivante das suas principais características gramaticais.

2.3.1-A Norma-Padrão do Português em Angola

O desenvolvimento desta secção visa, principalmente, questionar até que ponto os falantes angolanos da língua portuguesa em Angola alcançam e realizam adequadamente a norma-padrão do PE e demonstrar, teoricamente, a necessidade da padronização da norma culta do Português Angolano, baseada no uso real e funcional dos falantes nacionais. Entretanto, para tal, numa primeira fase, necessita-se da apresentação do conceito de norma-padrão para melhor direccionar as discussões.

Na perspectiva de Mateus e Cardeira (2007), a delimitação do conceito de norma-padrão é feita em função de uma distinção entre os conceitos de padrão real, norma culta e norma-padrão. O padrão real faz referência aos usos mais frequentes de uma dada comunidade linguística; a norma culta está relacionada com os usos linguísticos dos membros de uma comunidade tidos como escolarizados e de maior prestígio social; a norma-padrão ou ideal constitui um conjunto de regras instituídas numa língua baseadas nos valores linguísticos e socioculturais de uma sociedade (Mateus & Cardeira, 2007).

Assim, para a instituição da norma-padrão, dever-se-á pôr em conta os usos frequentes (padrão real) e prestigiados (norma culta) que se fazem da língua. Por esta razão, em Portugal por exemplo, como afirmam Mateus e Cardeira (2007), a norma culta, que ao nosso ver emana dos usos mais frequentes (padrão real), aproxima-se muito da norma-padrão ou norma ideal o que facilita o seu alcance por parte dos falantes cultos ou não, pois, reflete a realidade linguística e sociolinguística desses falantes.

Em Angola, a existência do padrão real (como demonstraremos) e da norma culta é uma realidade, entretanto, dada a realidade angolana, verifica-se um afastamento dessas formas em relação à norma-padrão que corresponde ao PE segundo Undolo (2016).

Na mesma senda, Miguel (2019: 145) dá conta que:

... não é expectável que os falantes cultos de Angola, como do Brasil ou de qualquer outro país onde se fale português, partilhem a norma europeia: são variedades distintas e cada uma com a sua norma, sendo que umas são mais próximas entre si do que outras.

O desfaseamento entre usos frequentes e a norma culta em relação à norma-padrão que se verifica em Angola não é, nessa perspectiva, algo inesperado já que há uma diferença entre essas duas normas que até certo ponto devem ser complementares, isto é, a norma-padrão deriva ou pelo menos deveria derivar da norma culta e dos usos frequentes (padrão ou norma real).

A situação agrava-se quando se percebe que as instituições de promoção da norma-padrão também manifestam tal afastamento, principalmente na escola onde se verificam sérias dificuldades e incapacidades em perceber e aplicar as regras gramaticais do português padrão europeu (Adriano, 2015).

Undolo (2016: 206), no seu estudo sobre “A Norma do Português Angolano” reforça essa perspectiva referindo que:

... na actualidade, a escola angolana, sem distinção do nível (básico, médio ou superior), TV, Rádio nacionais e outros veículos de difusão da norma, não difundem já, nitidamente, a norma-padrão europeia. A competência dos falantes cultos revela, pois, a existência de uma nova norma em estado avançado de construção, que se afasta notavelmente da norma europeia.

De acordo com essas perspectivas, percebe-se que, em Angola, a norma-padrão não só não reflete a realidade dos falantes angolanos como também não é devidamente difundida o que certamente periga o seu ensino e aprendizagem bem como o seu alcance por parte dos falantes. Há, assim, um certo conflito entre aquilo que se deve aprender e aquilo que normalmente se ouve dos professores, dirigentes políticos, jornalistas e outras entidades que, a princípio deveriam ser promotoras da norma-padrão.

Para (Undolo, 2016), na base deste afastamento, está o facto de a língua manifestar um quadro social que condiciona a sua estrutura e funcionamento real.

O que se constata é que, tanto a norma culta quanto o padrão real ou uso frequente, manifestam realidades próprias da sociedade angolana que condicionam o alcance da norma-padrão que foi criada segundo uma norma culta e um padrão real que manifestam a realidade da sociedade portuguesa.

No entender de Miguel (2019), o alcance da norma-padrão da língua portuguesa em Angola é também condicionado por duas razões históricas. A

primeira tem que ver com o facto de que, a maioria dos portugueses mandados para Angola era de baixa educação e a segunda está realcionada com a fraca qualidade dos professores que, logo após da saída dos portugueses do nosso país, foram seleccionados para dar aulas, facto que gerou uma aprendizagem deficiente da língua portuguesa.

Considerando esses aspectos, chega-se à conclusão que, para que o alcance da norma-padrão da língua portuguesa em Angola não seja tão desfaseado, como se constata, e se melhore o seu ensino, principalmente da gramática, se ela deve ser recodificada, isto é, que se processe a elaboração de uma norma-padrão, precedida por estudos apronfundados sobre o seu funcionamento gramatical do português em Angola, bem como a criação de gramáticas, dicionários, enciclopédias, manuais didácticos e proutuários que reflectam e tenham em conta a norma culta e padrão real do PA.

2.3.2-Algumas Características Gramaticais do PA⁴

São vários os estudos que objectivam demonstrar as principais características gramaticais do português falado em Angola. Nesta subsecção, vamos apresentar alguns desses estudos, embora não de forma exaustiva, e confirmar a existência da referida variedade que pode ser padronizada.

Nosso foco serão os domínios considerados como centrais da gramática, nomeadamente: fonológico, morfológico e sintáctico.

Fonologicamente, no que às vogais diz respeito, Undolo (2016) apresenta, para o (PA), as seguintes características:

A)-Não realização da vogal fonológica /a/, nasalizada ou não, como média não arredondada oral [ɐ] ou nasal [ẽ], ou seja, a vogal fonológica /a/ no PA é sempre aberta no nível fonético, independentemente do ambiente fonológico.

(1)

- a) C/a/s/a/ → c[a]s[a];
- b) C/a/m/a/ → c[a]m[a];
- c) Rec/an/to → rec[ã]to.

⁴ Para melhor aprofundar, consulta-se: (Undolo,2016); (Adriano, 2014), (Miguel, 2019); (Suelela, 2019), (Costa, 2013), (Costa, 2006) e (Adriano, 2015).

B)-Realização fonética do fonema /o/ como oral média [o], em substituição da oral fechada [u].

(2)

a) M/o/rar → m[o]rar;

b) Nam/o/rar → nam[o]rar.

C)-Supressão, embora não estável, do fonema /i/ em contextos fonológicos em que é realizado como semivogal [j] e consequente destruição de ditongos em que estão envolvidos.

(3)

a) Dinhe/i/ro → dinhe[Ø]ro.

No que às *consoantes* diz respeito, no entender do autor em questão, o PA apresenta as seguintes características:

A)-Pré-nasalização dos fonemas /b/, /d/, /z/, /ʒ/ e /g/ em palavras de origem bantu integradas no léxico do Português Angolano (Undolo, 2016).

(4)

a) [ʰb]anza;

b) [ʰd]ombe;

c) [ʰz]au;

d) [ʰʒ]inga;

e) [ʰg]eve.

B)-Semivocalização do fonema /s/ em ambientes fonológicos de coda da primeira sílaba de palavras dissilábicas ou polissilábicas.

(5)

a) Cre/s/cer → cre[j]cer;

b) Decre/s/cer → decre[j]cer.

C)-desramificação do Ataque silábico por meio do processo de inserção de uma vogal entre os grupos ou encontros de fonemas consonânticos constituintes do Ataque (Undolo, 2020).

(6)

- a) /b/indado → b[i]indado;
- b) /ps/icologia → p[i]sicologia.

Das principais características *morfológicas* do PA, no que à morfologia lexical diz respeito, estudo dos processos de formação de palavras (Undolo, 2020), temos a destacar:

A)-A deverivação por prefixação envolvendo prefixos nominais e verbal de origem bantu (Miguel, 2019).

(7)

- a) Com prefixos nominais “mu, di, ca (ka), qui (ki)” **mufete, musseque, dicomba, dipanda; cacusso, quilápi, quitanda.**
- b) Com prefixo verbal: “cu (ku)” **cunanga, cupapata, curibota.**

B)-Existência de palavras compostas envolvendo concatenantes ou, pelo menos um deles, de origem bantu (Miguel, 2019).

(8)

- a) **Fuba-de-bombó;**
- b) **Quizaca-de-peixe.**

C)-Existência de radicais ou morfemas lexicais de origem bantu, aos quais podem ser adicionados prefixos de origem bantu e/ou prefixos e sufixos da língua portuguesa (Miguel, 2019).

(9)

- a) Mufetada → **mu]**_{prefBt}-**FET]**_{RadBt}-**ada]**_{SufPt}⁵.

No âmbito da morfologia gramatical, centrada na flexão das unidades lexicais (Undolo, 2020), destacam-se, para o PA, as seguintes características:

A)-Omissão do morfema gramatical marcador do plural (Adriano, 2014).

(10)

- b) Os programa[Ø],

⁵ Deve ler-se PrefBt- prefixo bantu; RadBt – radical bantu; SufPt- sufixo do português.

- c) As mamã[Ø],
- d) Os treinador[Ø],
- e) Três residência[Ø];

B)-Omissão do /s/ final da desinência número-pessoal /mos/ (Adriano, 2014).

(11)

- a) Conseguimo[Ø],
- b) Conhechemo[Ø],
- c) Vamo[Ø],
- d) Queremo[Ø].

Sintacaticamente, o PA apresenta as seguintes características:

A)-Apagamento do elemento actualizador ou determinador, o determinante artigo <o>, do núcleo do sintagma nominal (Costa, 2006)

(12)

- a) Chegou [Ø]carro *do chefe* que levou Mulundu preso.
- b) Veio mesmo próximo tocando quase [Ø]meu *nariz*.
- c) Lá Kambuta teve [Ø]morte que ninguém na vida viu.

B)-Apagamento da preposição introdutora de complemento indirecto (Adriano, 2014).

(13)

- a) Agradeço muito [Ø]os meus filhos.
- b) O Director-Geral presidiu [Ø]a cerimónia.
- c) Eu preciso [Ø]trabalhar muito mais.

C)-Ocorrência de próclise pronominal em contextos de ênclise própria da norma-padrão da língua portuguesa (Adriano, 2014)

(14)

- a) Desde então **nos** tornamos amigos.
- b) **Lhes** disse que a instabilidade não beneficia ninguém.

D)-Substituição do pronome clítico de complemento directo <o> pelo clítico de complemento indirecto <lhe> (Adriano, 2014)

(15)

- a) Eu **lhe** vi deitado.
- b) Ninguém **lhe** ajudava.

Essas características gramaticais levam-nos a pensar num ensino da gramática do português em Angola linguisticamente descontextualizado, o que nos leva a sugerir uma reflexão mais atenta sobre o assunto. Tal reflexão poderia resultar na (i) instituição da norma-padrão do PA e (ii) no uso de metodologias baseadas no funcionalismo linguístico tendo como principal objectivo desenvolver a competência comunicativa dos falantes.

2.4- Caracterização Sociolinguística do Cuando Cubango

Considerando que a sociolinguística é uma área da linguística que se interessa pelos diversos usos da língua, tendo como base os factores sociais e culturais que caracterizam uma determinada comunidade de fala (Mateus & Villalva, 2006), vamos, nesta secção, apresentar uma breve caracterização social, cultural e linguística da comunidade de fala alvo do estudo nesta dissertação, para melhor a fundamentar e enquadrar.

A província do Cuando Cubango situa-se no Sudeste de Angola e faz fronteiras a Norte com a província do Bié e do Moxico, a Oeste com as províncias da Huila e do Cunene, a Sul com a República da Namíbia e a Leste com a República da Zâmbia e com a Província do Moxico (Tchimbali, 2017).

Conta com nove (9) municípios: Menongue (capital da província), Cuito Cuanavale, Cuchi, Mavinga, Calai, Dirico, Cuangar, Rivungo e Nancova. Segundo os dados demonstrados pelo (INE, 2014), a província do Cuando Cubango possui uma população estimada em 510 369 habitantes. Deste número, estima-se que 247 987 são do sexo masculino e 262 386 do sexo feminino. O município mais populoso é Menongue que conta com, aproximadamente, 306 622 habitantes e Nancova é o menos populoso tendo, provavelmente, apenas 3 451 habitantes.

A realidade geográfica e populacional do Cuando Cubango descrita do parágrafo anterior, ajudar-nos-á a berceber o ambiente sociocultural e linguístico que o caracteriza.

2.4.1-*Caracterização Sociocultural do Cuando Cubango*

A condição sociocultural do Cuando Cubango é determinada pela etnia “Vangangela⁶” que habita em todo o território dessa província de Angola. É um povo que na Idade do Ferro saiu do centro da África do Sul e instalou-se na região dos Grandes Lagos, onde é conhecido como civilização Kalombo, tendo entrado em Angola por volta do século XVII onde ocuparam todo o Sudeste entre os rios Kuando e Kubango (Matias et al., 1997).

O termo “vangangela”, grafado “va ngaguela” em (Matias et al., 1997), é originário de “nganga” (conhecedor dos segredos da natureza) e significa filhos do mwene Nganga, considerado o antepassado máximo dos ngangelas (Matias, et al., 1997).

Por esta razão, é um povo que mantém grandes relações com a natureza sendo que, as suas principais tarefas de sustentabilidade são a agricultura, a caça e a pesca (Fernandes & Ntongo, 2002).

Entre os principais aspectos socioculturais que identificam esse povo, temos a destacar: o seu *habitat*; o processo de nomeação dos filhos; o modo de educação dos filhos e a vida socio-económica (Matias, et al., 1997).

O *limbo* “aldeia” principal *habitat* dos vangangela deve estar localizada próxima de um rio ou riacho e de uma mata para permitir as actividades agro-pecuárias, exploração de madeira, extracção do mel, de frutos e raízes medicinais (Matias, et al., 1997).

O processo de nomeação dos filhos é feito segundo a ordem de natividade. Assim, ao primeiro filho, do género masculino, automaticamente é-lhe atribuído o nome de “Kambinda”; caso seja menina, atribui-se o nome de “Intumba” (Matias, et al., 1997).

⁶A forma gráfica desta palavra usada nesta dissertação foi retirada de Fernandes e Ntongo (2002).

Cumprida esta ordem obrigatória que vai até ao sétimo filho do género masculino e ao oitavo do género feminino, os outros filhos são nomeados de acordo com o contexto ou lugar onde nascerem ou recebem nomes dos seus antepassados (Matias, et al. 1997).

O processo educativo dos “vangangela” é feito segundo duas formas tendo em conta o género dos filhos. Assim, existe a educação paternal e a educação maternal ambas com o objectivo de inculcar nos filhos valores morais, culturais e cívicos próprios da sociedade (Matias, et al., 1997).

A educação paternal visa essencialmente ensinar o filho a realizar bem as actividades laborais como a pesca e a materna em ensinar a filha a cuidar bem da casa, como refer (Matias et al., 1997)

A vida socioeconómica dos vangangela é caracterizada pela agricultura, através da criação de lavras colectivas ou familiares (pertencente ao marido e à mulher) e de lavras individuais (pertencente apenas ao homem); criação de gado e animais domésticos; a caça que pode ser individual ou colectiva e caçadas de rituais; pesca e extração de mel (Matias, et al., 1997).

Embora ainda hajam vestígios dos hábitos ancestrais no quotidiano dos habitantes do Cuando Cubango, nota-se, actualmente, o desenvolvimento da cultura académica e tecnológica. Foram criados núcleos escolares do II ciclo nos centros municipais, além da Univerdade Cuito Cuanavele (Tchimbali, 2017). Em 2018 foi criado o Instituto Superior Politécnico Privado de Menongue (ISPPM) sobre o abrigo do Decreto nº 227/17 de 27 de Setembro.

Facto que chamou à nossa atenção foi a não existência dos cursos de formação de professores de língua portuguesa quer no II ciclo quer no ensino superior, o que nos leva a deduzir que os professores de língua portuguesa nesta localidade do país não têm formação na referida área.

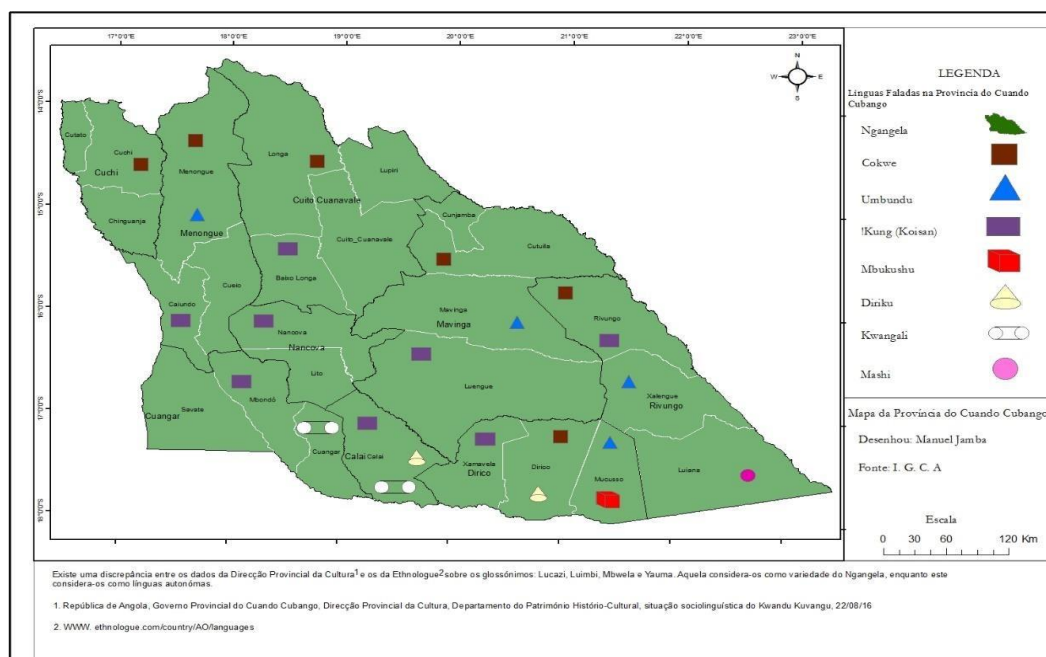
É perceptível, no Cuando Cubango, de acordo com Tchimbali (2017), a aposta na economia de mercado com a realização de ofícios como a venda a retalho de variados produtos , lavagem e reparação de automóveis, escultura de animais e uma gastronomia moderna. O acesso aos meios de comunicação social e à internet aumentou, assim como os hábitos de tendências urbanas.

2.4.2-*Caracterização Linguística do Cuando Cubango*

De acordo com Tchimbali (2017), a província do Cuando Cubango é multilingue, pois nela, para além da língua portuguesa, língua oficial e de escolaridade, e do Ngangela, língua nacional mais falada, são faladas também o umbundu, cokwe, kung (língua dos povos Khoisan), mbukushu, diriku, kwangali e mashi.

O mapa ilustrativo (1)⁷ “Línguas Nacionais Faladas no Cuando Cubango” apresentado a seguir, ilustra melhor a realidade linguística da província do Cuando Cubango. No mesmo, é possível notar que, tendo em conta as legendas, o ngangela é falado em toda extenssão territorial. Destaques vão também para o cokwe, umbundo e kung que, por serem também faladas na capital da província, gosam de uma atenção especial pois, presume-se que, em relação as outras, estão mais em contacto com a língua oficial “o português”.

Mapa Ilustrativo 1: Língua Nacionais Faladas no Cuando Cuabango⁸



Este ambiente linguístico que caracteriza a província, leva-nos a deduzir uma possível influência das línguas locais nas realizações fonológicas e morfossintáticas em língua portuguesa pelos falantes do Cuando Cubango,

⁷ O Mapa (1) não faz referência à língua portuguesa que é a mais falada segundo os dados do INE.

⁸ Fonte: Instituto Geográfico e Cadastral de Angola (I.G.C.A).

facto que reforça a necessidade de se repensar o ensino da gramática da língua portuguesa em Angola.

2.4.2.1-Principais Características das Língua Nacionais Faladas no Cuando Cubango: Cokwe, Umbundu e Ngangela

Neste subsecção, objectivamos apresentar as principais características gramaticais que caracterizam as línguas nacionais que partilham o mesmo espaço geográfico (província do Cuando Cubango) com o português, objecto de estudo desta dissertação.

Na classificação por zonas das línguas bantu apresentada por Guthrie apud Fernandes e Ntongo (2002), as línguas nacionais cokwe e ngangela pertencem à mesma zona (K) e o umbundu à zona (R).

A língua *cokwe*, no Cuando Cubango, é falada nos municípios de Menongue (capital da província), Cuito Cuanavale, Cuchi, Rivungo, Mavinga e Dirico como se pode observar no Mapa ilustrativo (1) que apresenta a localização geográfica das LNs faladas no Cuando Cubango.

Entre as várias características fonológicas apresentadas por Eduardo (2019) destacam-se:

As vogais fonológicas /a, e, o/ são frequentemente realizadas como abertas (/a/ → [a]; /e/ → [ɛ]; /o/ → [ɔ]) como a seguir se apresenta.

(16)⁹

- a) W[a]lw[a] (bebida);
- b) W[ɛ]nvu (barba);
- c) L[ɔ]s[ɔ] (arroz).

Realização do fonema /s/ como [s] em todos os ambientes fonológicos de ocorrência (/s/ → [s] __ daf).

(17)

- a) Ka[s]ay (nome de um rio);
- b) [s]a[s]amba (nome de equipa);

⁹ Os exemplos ora apresentados foram retirados em Eduardo (2019).

c) Kha[**s**]a (conduto).

Nasalização ou pré-nasalização das consoantes oclusivas /b, d, g/ quando antecederem consoantes nasais (/mb/ → [ᵐb]; /nd/ → [ᵐd]; /ng/ → [ᵐg]).

(18)

- a) Khe[**ᵐb**]a (bebé);
- b) [**ᵐd**]uvungu (picante);
- c) [**ᵐg**]uvu (porco).

Relativamente à morfossintaxe, Eduardo (2019) destaca:

As frases em *cokwe* obedecem à ordem SVO. Entretanto, em frases interrogativas, esta ordem normalmente sofre alterações como a seguir pode ver-se em (19a) e (19b).

(19)

- a) Mapwo kana kame maji. (As mulheres estão a extrair o óleo.) → (Mapwo = **S**; kana kame = **V**; maji = **O**);
- b) Ha wola ikha waputuka kulilongesa? (A que hora começaram a estudar) → (Ha wola ikha = **O**; waputuka kulilongesa = **V**).

O sintagma nominal, em *cokwe*, apresenta uma estrutura simples composta por uma parte flexional os *prefixos classificatórios* que normalmente indica o plural, o *morfe zero* <Ø> que indica o singular e por uma parte não flexional a *raiz*.

(20)

- a) Ø-pwo (mulher);
- b) **Ma**-pwo (as mulheres).

Os constituintes frásicos do *cokwe* com valor equivalente aos determinantes e quantificadores portugueses ocorrem em posição pós-nominal.

(21)

- a) Økalo li-nene (carro grande);
- b) **Ma**-kalo **a**-nene (carros grandes).

O *umbundu* é falado, como ilustrado no Mapa (1), nos municípios de Menongue, Mavinga, Dirico e Rivungo.

De acordo com Costa (2015), no nível fonológico, o *umbundu* apresenta características muito divergente da língua portuguesa e parcialmente das de outras línguas nacionais. Entre as quais, destacamos:

Realização das consoantes oclusivas /b/ e /d/ como consoantes pré-nasais ou nasalizadas (/b/ → [ᵐb]; /d/ → [ᵐd]).

(22)¹⁰

- a) Ki[ᵐb]o (aldeia);
- b) Olo[ᵐd]unge (juízo).

Existência de vogais nasais, como em (23a e 23b).

(23)

- a) Omol[ã] (criança);
- b) Ukul[ũ] (maior de idade).

No nível morfossintático, realça-se, tal como em *cokwe*, a colocação de um prefixo, ao radical, como marcador do plural das formas nominais comopositor da sua forma do singular (Fernandes & Ntongo, 2002).

(24)

- a) Singular: **Ukongo** (caçador); Plural: **akongo** (caçadores).
- b) Singular: **Ekamba** (amigo); Plural: **akamba** (amigos).

O *ngangela* é a LN mais falada no Cuando Cubango, sendo que, é falada em toda extensão territorial da referida província, como confirma o Mapa (1).

No nível fonológico, tendo em conta o que Vicente (2015) apresenta como realizações fonéticas do *ngangela*, destacam-se como principais características:

No que diz respeito às vogais, apura-se que não existem vogais nasais. As sequências que envolvem uma vogal seguida de consoante nasal e mais uma

¹⁰ Exemplos retirados em Undulo (2016).

consoante não nasal como em (25a e 25b) resultam sempre na pré-nasalização da consoante seguinte no nível fonético.

(25)

- a) Nd/**emb**/a → Nde[ⁿ**b**]a (galo);
- b) Nan**antu** → Nana[ⁿ**t**]u (tio).

Relativamente às consoantes, o referido autor destaca a existência de consoantes pré-nasais ou nasalizadas como se pode observar nos exemplos em (26).

(26)

- a) [ⁿ**b**]a[ⁿ**d**]a (palma da mão);
- b) [ⁿ**g**]a[ⁿ**3**]a (copo).

No nível morfossintático, Fernando e Ntongo (2002) apresentam, tal como no umbundu, a ocorrência de prefixos actualizadores numerais dos nomes.

(27)

- a) Singular: **Mupika** (escravo); Plural: **Vapika** (escrevos);
- b) Singular: **lizo** (dente); Plural: **mazo** (dentes).

A nossa perspectiva, no que diz respeito à situação sociolinguística do Cuando Cubango versus ensino da língua portuguesa, é que se projecte, de acordo com os princípios teóricos funcionalistas, um ensino de aspectos gramaticais da língua portuguesa que leve em conta a realidade linguística e extralinguística dos falantes/alunos.

CAPÍTULO III: METODOLOGIA DE ESTUDO

3.1-Aspectos Metodológicos Gerais do Estudo

No âmbito das abordagens metodológicas ou métodos de abordagens científicas, o presente estudo insere-se na abordagem indutiva. Na perspectiva de Marconi e Lakatos (2010), a indução é vista como um processo mental, por meio do qual ao observarmos fenómenos particulares inferimos uma verdade geral ou universal.

Para a realização da indução devem ser cumpridas três fases: (i) a observação e análise dos fenómenos ou factos com o objectivo de descobrir as causas de sua manifestação; (ii) a descoberta das relações existentes entre os fenómenos observados e analisados e (iii) a generalização da relação entre os fenómenos e factos semelhantes observados ou não (Marconi & Lakatos, 2010).

Marconi e Lakatos (2010) apontam para a existência de duas formas de indução: (i) indução completa ou formal e (ii) indução incompleta ou científica. O nosso estudo adequa-se à segunda forma (ii) o que nos levou a descartar a forma (i).

A indução incompleta, segundo Marconi e Lakatos (2010), é a que permite induzir, por meio da observação adequada de um único fenómeno ou caso, o que se pode negar ou afirmar dos restantes casos semelhantes.

Desta forma, observamos as características fonológicas e morfossintáticas da língua portuguesa no Cuando Cubango, com a finalidade de: Contribuir para a descrição fonológica e morfossintática do PA, visando a melhoria do ensino da gramática da língua portuguesa em Angola. Dito de outro modo, o nosso estudo visa, de forma generalizada, contribuir para o ensino da gramática da língua portuguesa em todas as províncias de Angola.

Para a concretização dos objectivos pretendidos e confirmação das hipóteses, optámos por usar as seguintes técnicas de pesquisa: (i) pesquisa bibliográfica e (ii) pesquisa documental de fonte secundária (Marconi & Lakatos, 2010).

A pesquisa bibliográfica diz respeito ao contacto directo que o pesquisador tem com todas as obras já publicadas em relação ao tema em tratamento (Marconi & Lakatos, 2010).

Para Manzu apud (Marconi & Lakatos, 2010: Pag. 57) a pesquisa bibliográfica tem como finalidade oferecer ao pesquisador meios para a definição e resolução do problema e o reforço na análise e manipulação da informação.

Para o nosso estudo, esta técnica permitiu: (i) definir o problema em estudo; (ii) escolher o tema e o método de abordagem; (iii) escolher e desenvolver a teoria de base para a análise dos resultados e resolução do problema.

A pesquisa documental de fonte secundária consiste no uso que o pesquisador faz de certos materiais cartográficos, radiofónicos, televisivos e outros não produzidos por ele (Marconi & Lakatos, 2010).

O uso desta técnica possibilitou a constituição do *corpus* por meio da gravação de sequências proferidas por falantes entrevistados nos diversos programas da Rádio Cuando Cubango no período que vai desde Julho de 2021 a Março de 2022.

Uma vez constituído o *corpus*, que, de acordo com Martinet (2014, p. 55), “é uma recolha de enunciados gravados num gravador ou num texto ditado” fizemos a sua descrição e análise com objectivo de retirar do mesmo as particularidades ou características fonológicas e morfossintáticas do Português do Cuando Cubango (PCC).

A nossa opção pela constituição e análise de *corpus* linguístico justifica-se pelo facto de o mesmo reflectir a realidade linguística sem preconceitos teóricos, como refere (Perini, 2006); ou seja, usando esta técnica, descrevemos ou analisámos apenas as realizações gramaticais dos falantes/informantes do PCC seleccionados no *corpus*.

3.2- Caracterização dos Informantes

Tendo em conta a conversa que os jornalistas mantiveram com os seus interlocutores (os nossos informantes), foi possível detectar que muitos deles são administradores municipais e comunais, comandantes municipais ou efectivos da Polícia Nacional com diversos cargos de direcção; efectivos ou oficiais superiores das Forças Armadas Angolanas também com cargos de destaque; jornalistas, professores, estudantes, delegados provinciais de departamentos ministeriais, desportistas, líderes religiosos para além de

cidadãos comuns. Relativamente a idade, percebemos que os nossos informantes têm idades diversificada que vão desde os 12 aos 60 anos de idade residentes todos no Cuando Cubango¹¹.

Desta feita, nossos informantes constituem um grupo heterogéneo com nível de escolaridade que vai desde o ensino primário ao superior não descartando a possibilidade de haver alguns sem qualquer nível.

O único critério para a selecção dos informantes foi o facto de os mesmos residirem no Cuando Cubango e de serem entrevistados por jornalistas da Rádio local para abordar diversos assuntos que, durante o tempo referenciado, marcaram a sociedade em questão.

A nossa forma de agir na selecção de informantes para a constituição do *corpus* é sustentada por aquilo que Bacelar do Nascimento et al (1987) recomendam. Segundo esses autores, para uma descrição global da língua não se deve privilegiar um determinado código e a hierarquia dos usos (apud Adriano, 2014: 150). Por esta razão, dispensamos do nosso estudo a estratificação social do Cuando Cubango.

3.3-Constituição do Corpus

Perini (2006) refere que para a colheita de dados que sirvam de confirmação de hipóteses e concretização de objectivos em investigação linguística se deve usar a análise de *corpus*, definido pelo mesmo como um conjunto de enunciados falados (transcritos) ou escritos que refletem a realidade sem preconceitos teóricos. Ao se tratar de uma pesquisa linguística, com vista a alcançar mais claramente os objectivos, escolhemos a técnica de análise de *corpus* para a descrição do PCC.

A recolha do material que possibilitou a constituição do *corpus* para a descrição do PCC foi possível por meio da gravação de falas de cidadãos residentes no Cuando Cubango (entrevistados pelos profissionais da Rádio Cuando Cubango) usando um aplicativo leitor de rádio instalado num smartfone Ite1-17 que facilita a gravação directa das falas a partir da emissão dos programas.

¹¹ A caracterização feita baseou-se na que Adriano (2014) faz dos seus informantes.

Feita a gravação das falas, passamo-las para o computador a partir do qual foi possível fazer a distribuição das falas e a identificação dos programas radiofónicos e a data em que foram emitidos. Como resultado deste procedimento, conseguimos alistar onze (11) programas com mais de uma edição. Entretanto, dada a dimensão do nosso trabalho, seleccionamos apenas seis (6), tendo em conta a importância e as oportunidades de pronunciamento que dão aos cidadãos e a categoria dos referidos programas.

O quadro a seguir apresenta os programas seleccionados realçando a categoria e o dia da gravação.

Quadro 1- Designação e Categoria dos Programas Seleccionados

DESIGNAÇÃO DO PROGRAMA	CATEGORIA	DATA DE EMISSÃO/EDIÇÃO
Globo Informativo (GI)	Informativo e actualidade com reportagens	01 de Julho de 2021 e 02 de Março de 2022
Fairplay (F)	Informativo desportivo	16 de Janeiro de 2022
Carrossel das Estrelas (CE)	Entretenimento com reportagens (programa infantil)	06 de Julho de 2021 e 11 de Janeiro de 2022
Expresso da Manhã (EM)	Informativo e actualidade com reportagens	17 de Janeiro de 2022

É importante salientar que, embora tenhamos gravado as edições completas, não transcrevermos as falas por completo. Seleccionamos apenas as falas de alguns informantes tendo em conta os objectivos e a dimensão do nosso estudo, assim como a quantidade e transversalidade dos assuntos abordados nos programas seleccionados.

3.3.1-Convenção Adotada na Transcrição dos Dados Orais

Durante a constituição do *corpus*, tivemos em conta alguns procedimentos usados nos estudos baseados em *corpora*, tendo em conta o que se vê nos estudos de (Adriano, 2014) e (Miguel, 2019).

Tais procedimentos dizem respeito ao “protocolo de transcrição”, como designa Miguel (2019), apresentado no quadro (2) e à “identificação das falas dos falantes” no *corpus* apresentado em anexo.

Quadro 2¹²: Protocolo de Transcrição

Símbolos	Função	Exemplos
//	Pausa prolongada, conclusão de ideias e final de falas de um informante.	c)[i] [ˈtemu] [ØØtadu] [mwĩtu] [kõgratuˈladuØ]/ [i] [a] [meØˈsaʒiØØ] [ki] [ˈtemu] [Reseˈbidu] [da] [populaˈsãw]/ [teˈjẽ~] [sidu] [mwĩtu] [ˈboaØ]//
/	Pausa curta (corresponde à vírgula na escrita normal).	a)O território xx os crime/Ø/ são aqueles que o comandante domina/ e na questão da contenção/ há dificuldades/ por razões da redução //
[...]	Eliminação de expressões ou construções tidas como desnecessárias ou menos importantes.	b)[na] [ˈnosa] [iˈgrɛʒa] [nãw] [a] [ˈfaʎa]// [diʔtaØsjaˈmẽtu]/ [laˈvaʒiØ] [aʒ] [mãw] [i] [lĩ~par] [a] [mãwØ] [...]//
xx	Identificação de palavras ou sequências incompreensíveis.	Por isso xx é chamado imposto veículo motorizado aglutina tudo que é imposto veículo motorizado//
?	Corresponde a frases interrogativas, como na escrita normal.	fica quanto? Os matemático/Ø/?
eh	Pausas preenchidas	eh jogo futebol com os meus amigo/Ø/

Outros procedimentos foram tidos em conta na transcrição dos dados para a constituição do *corpus*, como é o caso do uso de [Ø] que indica, na transcrição

¹² Fonte: Elaborado com base em (Miguel, 2019) e Adriano (2014)

fonética, supressão de fones e do /Ø/ que, na transcrição ortográfica implica supressão de monemas não funcionais ou dependentes (flexionais, derivacionais, preposições e artigos) ou ainda a supressão de letras com consequências morfológicas, como se pode ver em (i), (ii), (iii) e (iv) respectivamente:

- i. [i] [ˈtemu] [ØØtadu] [mwĩtu] [kõgratuˈladuØ] / [i] [a] [meØˈsaʒiØØ] [ki] [ˈtemu] [Reˈseˈbidu] [da] [populaˈsãw] / [teˈjẽj] [sidu] [mwĩtu] [ˈboaØ] //
- ii. Na região do Caundo Cubango possuímos nove núcleo/Ø/ bibliotecário/Ø/ //
- iii. Nos últimos dia/Ø/ há mais procura// os livro/Ø/ mais procurado/Ø/ são/ de/ /Ø/ curso de direito eh enfermagem/ medica literatura onde nós encontramos/Ø/ aí as poesia/Ø/ / biologia e outros//
- iv. No/ na/ mas esse é um caso que já dominamos/ é um caso nacional/Ø/ / provincial/Ø/ / monicipal/Ø/ e comunal/Ø/ //

Em (i) o símbolo [Ø] representa, no nível subjacente da fonética, a supressão de fonemas como /s/ em [ˈboaØ]. Em (ii) tal símbolo implica a supressão do monema flexional -s- nos dois casos em que aparece. Em (iii) o símbolo /Ø/, sucedendo a preposição “de”, implica a supressão do artigo “o” para completar a contração “do”. Em (iv) o símbolo em referência implica, nos quatro casos em que aparece, a eliminação da letra <l> implicando a destruturação do monema dependente <al> usado em português para formar adjetivos.

Os procedimentos usados na identificação das falas dos informantes seleccionados para a constituição do *corpus* permitiram que as falas fossem identificadas no *corpus* em anexo neste trabalho.

Cada informante foi identificado no *corpus* por uma letra minúscula do alfabeto português, antecedida pela letra <l> e seguida da sigla que representa o programa (a sigla pode ser confirmada no quadro (1)) e a data em que o mesmo foi emitido pela Rádio Cuando Cubango como a seguir se exemplifica:

- i. [...] [pɾĩsipaˈlˈmẽti] [aˈkeli] [deliØˈkwẽti] / [u] [kaˈpaku] [ki] [ãˈdo] [aˈki] / [ki] [so] [ˈfoj] [ˈmɛØmu] [ˈɛsi] [ˈnoʒu] [ˈtˈɛˈpu] [ki] [ˈfoj] / [ki] [ˈfoj] [apaˈnadu] //
- [la, GI, 01.07.2021]**

- ii. Neste preciso momento temos aí/ vinte e seis/ vinte seis neste preciso momento// Há quatro que /ØØ/tão em Luanda/ que quer/ØØ/ vir pelo meno/Ø/ para ingressa/Ø/ mas não temo/Ø/ como também eles virem// temos ainda vinte e seis// o plantel// nesse plantel quarenta por cento são júnior/ØØ/ que são esses a equipa B que nós fomo/Ø/ com ele jogar em Benguela// [Id, F, 16.01.2022]

3.3.2-Transcrição Fonética e Ortográfica do Corpus

Como já fizemos referência antes, a constituição do *corpus* teve como fase final a transcrição, ou seja, a transposição dos dados orais no papel como é característico dos estudos de linguística de *corpus*.

Dada a especificidade da nossa análise, visando os dois principais níveis da gramática (fonológico e morfossintático), fizemos a transcrição fonética parcial e a ortográfica dos referidos dados.

A transcrição fonética consiste na transposição gráfica da fala usando um alfabeto fonético no qual cada símbolo corresponde a um fonema, possibilitando a observação e percepção da realidade fónica ou fonológica da língua em estudo (Gallisson & Coste, 1983).

Foi precisamente para descrever e identificar as particularidade fonológicas reais do PCC que optamos pela transcrição fonética dos dados orais. Para tal, usamos os símbolos fonéticos do Alfabeto Fonético Internacional (AFI) considerando as adaptações feitas no Português Europeu (PE) e brasileiro (PB) em (Mateus, Falé & Freitas, 2005) e (Seara, Nunes & Lazzarotto-Volcão, 2011) respectivamente.

De acordo com Mateus, Falé e Freita (2005), existem dois tipos de transcrições fonéticas: a transcrição larga e a estreita. Embora se diga que a transcrição estreita oferece mais dados, sendo que nossa análise focou-se mais na estrutura fonológica das palavras, com objectivo de perceber melhor as realizações dos fonemas no contexto da palavra e não da frase, optamos pela transcrição larga, como se pode ver no *corpus* em anexo.

Dada a complexidade da transcrição fonética e a falta de meios técnicos que o possibilitam (programas eletrónicos próprios para a audição e edição de dados orais), alertamos que a mesma não representa a totalidade do material seleccionado. Desta feita, a referida transcrição é mais curta que a ortográfica.

A transcrição ortográfica consiste na representação da língua falada por meio de símbolos gráficos ou letras (Gallisson & Coste, 1983). Esta transcrição serviu-nos para auxiliar na análise morfossintáctica dos dados orais seleccionados no *corpus*.

Usou-se a norma ortográfica em vigor em Angola, entretanto com algumas alterações do estatuído convencionalmente como é o caso do uso do símbolo /Ø/ e a eliminação da vírgula e do ponto final, substituídos por (/) e (//) respectivamente como se pode comprovar no quadro (2).

CAPÍTULO IV: ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1-Questões Preliminares

Para responder à questão de partida “como contribuir para a resolução das dificuldades identificadas no ensino da gramática da língua portuguesa em Angola e, de modo especial, no Cuando Cubango?”, neste quarto capítulo apresentamos as principais características fonológicas e morfossintáticas do PCC de tal forma que se perceba a divergência desta subvariedade em relação à norma-padrão ensinada nas escolas angolanas e se pense na codificação de uma norma-padrão específica do português em Angola.

Os dados transcritos no *corpus* são analisados na perspectiva funcionalista martinetiana, entretanto, não descurámos outras perspectivas como a apresentada por autores como Cunha (2011), Cunha e Taveres (2016), Marçalo (1990) e (2009), Cunha (2011) e Neves (1994) e (1997) que também apresentam análises linguísticas numa perspectiva funcionalista.

Este capítulo surge para (i) alcançar o primeiro objectivo do estudo “identificar as principais características fonológicas e morfossintáticas do português falado no Cuando Cubango” e (ii) confirmar a primeira hipótese do mesmo: “o português do Cuando Cubango, como subvariedade do Português Angolano, apresenta características fonológicas e morfossintáticas divergentes da norma-padrão europeia ensinada e promovida pela escola angolana, pelo que, urge a necessidade de se estabelecer uma norma-padrão do PA a ser ensinada”.

Desta forma, demonstra-se, no presente capítulo, que as realizações fonológicas e morfossintáticas dos falantes do português no Cuando Cubango, embora sejam divergentes da norma-padrão do PE que é adoptada em Angola, são comunicáveis e podem constituir uma norma a ser ensinada e promovida na escola.

4.2-Características Fonológicas do PCC

Martinet (2014) realça que os traços distintivos pertinentes e as variantes dos fonemas são retirados da maneira como os fonemas são realizados pelos

órgãos da fala. Ou seja, a análise fonológica dos fonemas faz-se partindo dos dados fornecidos pela fonética articulatória.

Esta percepção de Martinet, relativamente à orientação dos estudos fonológicos, é reforçada por Cagliari (2002) e Trubetzkoy (1983). Para Cagliari (2002), a fonologia, enquanto um dos ramos da linguística, procura fazer uma interpretação dos resultados apresentados pela fonética, em função dos sistemas de sons das línguas e dos modelos teóricos existentes para os descrever. Trubetzkoy (1983) salienta que o fonólogo estuda o som como uma realização ou materialização fonética do fonema que é uma realidade imaterial.

Desta forma, percebe-se claramente que a caracterização fonológica de uma língua não é possível sem o auxílio da fonética. Por esta razão, a nossa análise e descrição fonológica, que corresponde à segunda articulação martinetiana, terá como base o modo como os fonemas vocálicos e consonânticos foram realizados foneticamente pelos informantes e apresentados no *corpus*.

Na perspectiva funcionalista, como nos faz perceber Marçalo (1992), o estudo da unidade mínima da segunda articulação “fonema” consiste em destacar o papel que o mesmo exerce no processo comunicativo que consiste em distinguir os significantes de uma língua.

Portanto, na análise ou descrição aqui apresentada, o principal foco são as características funcionais dos fonemas que, segundo Barbosa (1994), possibilitam a sua distinção, identificação e selecção para a realização do processo comunicativo.

4.2.1- Características do Sistema Vocálico do PCC

Os sons vocálicos são aqueles que ao serem produzidos o ar passa livremente pela cavidade oral, tendo como resultado as “vogais orais”, ou em simultâneo pela cavidade oral e nasal, produzindo assim as “vogais nasais” (Duarte, 2000).

Para a análise fonológica dos fonemas vocálicos, Mateus, Falé e Freitas (2005) enumeram como principal ambiente de ocorrência a acentuação ou não acentuação em que estiverem envolvidas. Assim, podem ser: tónicas, átonas pré-tónicas, átonas pós-tónicas não finais e átonas finais.

4.2.1.1-Realização do Fonema vocálico /a/ e da Sequência Fonológica /aN/¹³

O fonema vocálico /a/, no PE, realiza-se como central baixa ou aberta não arredonda oral [a] e central média não arredondada oral [ɐ]. A realização como central aberta [a] ocorre normalmente em posição acentuada já a central média [ɐ] em posição não acentuada (Mateus, Falé & Freitas, 2005).

No que diz respeito à sequência fonológica /aN/, resultante da combinação da vogal oral /a/ com um segmento teórico nasal /N/, (Ferreira apud Miguel, 2019: pag. 309), apura-se que no PE é realizada foneticamente como central média nasal [ẽ] em posição acentuada e não acentuada não final e como ditongo nasal [ẽũ] em posição átona pós-tônica final (Mateus, Falé & Freitas, 2005).

Vejamos como as referidas vogais fonológicas foram realizadas foneticamente no PCC segundo o espelhado nos quadros (3) e (4) respectivamente.

Quadro-3¹⁴ Realização do Fonema /a/ no PCC

Ambiente Fonológico¹⁵	Nível Ortográfico	Nível Fonético	Referência
(i)-Acentuada ou tónica	Dominamos Provincial Parque	[domi`namu] [provĩsi`aØ]/ [`parki]	[Ia, Gl, 01.07.2022] [idem] [Ie, Gl, 01.07.2022]
(ii)-Átona pré-tónica	Caderno Aqueles Dezanove	[ka`dɛnu] [a`kɛlaʒ] [deza`nove]	[Ie, Gl, 01.07.2022] [Ia, CE, 11.01.2022] [Ib, CE, 06.07.2021]
(iii)-Átona pós-tónica não final	Máscaras	[`maʃkara]	[Ia, Gl, 01.07.2022]
(iv)-Átona final	Péssima Motivadoras Doença	[`pɛsima] [mutiva`dɔra] [du`ɛsa]	[Ia, F, 16. 01.2022] [Ib, CE, 06.07.2021] [Ic, EM, 17.01.2022]

¹³Representação fonológica da nasalidade vocálica segundo Miguel (2019).

¹⁴Para facilitar a consulta dos quadros presentes na dissertação, segue-se uma ordem crescente partindo do quadro (1).

¹⁵Os ambientes ou contextos fonológicos apresentados nos quadros foram retirados em (Mateus, Falé & Freitas, 2005) baseado no PE.

Quadro-4 Realização da Sequência /aN/ no PCC

Ambiente Fonológico	Nível Ortográfico	Nível Fonético	Referência
(i)-Acentuada ou tónica	Portanto Criança Amanhã Ambito	[pur`tãtu] [kri`ãsa] [ama`nã] [`ãnbitu]	[la, EM, 17. 01.2022] [ld, CE, 11.01.2022] [le, GI, 01.07.2021] [lc, GI, 01, 07. 2021]
(ii)-Átona pré-tónica	Angola Mandamos	[ã`ngola] [mã`ndamu]	[le, GI, 01. 07. 2021] [la, F, 16. 01. 2022]
(iii)-Átona pós-tónica final	Acompanham	[acõ`npañãw]	[lb, F, 16. 01. 2022]

No quadro (3), verifica-se a realização do fonema /a/ como aberta central não arredonda oral (/a/ → [a]) em ambientes fonológicos em que ocorre como (i) tónica ou acentuada, (ii) átona pré-tónica, (iii) átona pós-tónica não final de palavras e (iv) átona pós-tónica final de palavras, prescevendo assim a regra fonológica: /a/ → [a] / “em diversos ambientes fonológicos” da¹⁶__).

O quadro (4) apresenta a realização da sequência fonológica /aN/ (i) como aberta central não arredondada nasal [ã] em contextos fonológicos em que ocupa a posição de vogal acentuada ou tónica nasal em diversos contextos combinatórios (/aN/ → [ã] / [+acentuada] _ da); (ii) como vogal aberta central [ã], quando átona pré-tónica, antecedita de pausa ou entre consoantes (/aN/ → [ã] / #__ C/ C _ C) e (iii) como ditongo nasal [ãw] em posição final absoluto átono (/aN/ → [ãw]/ [-acentuada] _ #).

Tendo em conta o que apresentamos nos quadros (3) e (4), apura-se que há divergência entre o PE e o PCC, relativamente à realização fonética do fonema /a/ e da sequência fonológica /aN/. No PE, em posição não acentuada, como destacam Mateus, Falé e Freitas (2005), ocorre normalmente a vogal central média não arredondada [e], já no PCC esta vogal não ocorre em nenhum dos contextos descritos no quadro (3). A sequência fonológica /aN/, no PE, resulta sempre, no nível fonético, em posições acentuadas não finais, na vogal central média nasal [ẽ] o que não se verifica no PCC nos referidos contextos como se demonstra no quadro (4).

¹⁶Baseado em (Seara, Nunes & Lazzarotto-Volão, 2011).

4.2.1.2-Realização do Fonema /e/ e da Sequência Fonológica /eN/

No PE o fonema /e/ é realizado foneticamente em posição tónica como vogal baixa ou aberta palatal [ɛ] e como média palatal [e]. Em posição átona não inicial como alta ou fechada central [i] e como alta palatal [i] (Mateus et al, 2003).

A sequência fonológica /eN/ é realizada no nível fonético como média palatal nasal [ẽ] em posição tónica e átona inicial e medial. No final, normalmente é realizada como ditongo nasal [ẽj] (Mateus et al, 2003).

Os quadros (5) e (6) seguintes espelham o modo como as fonemas /e/ e a sequência /eN/ foram realizadas pelos falantes do PCC e registradas no *corpus* transcrito.

Quadro-5 Realização do Fonema /e/ no PCC

Ambiente Fonológico	Nível Ortográfico	Nível Fonético	Referência
(i)-Acentuada ou tónica	Época Desde Decreto Até	[`ɛpoka] [`dɛ3di] [de`crɛtu] [a`tɛ]	[Ia, GI, 01.07. 2021] [Ib, GI, 01. 07. 2021] [idem] [Ia, CE, 06. 07. 2021]
(ii)-Átona pré-tónica	Menongue Escrevemos Agradecemos Estamos	[me`nɔŋgi] [Ø]kre`vɛmoØ] [agrade`sɛØ] [Ø]`tamu]	[If, GI, 01. 07. 2021] [Ia, F, 16. 01. 2022] [Ib, F, 16. 01. 2022] [Ia, GI, 01. 07. 2021]
(iii)-Átona pós-tónica não final	Fenómenos Géneros Viveres	[fe`nɔmenuØ] [`ʒɛneru] [`viveri]	[Ig, GI, 01.07.2021] [Ia, F, 16. 01. 2022] [idem]
(iv)-Átona final	Porque Presente Cuanavale Dezanove Dificuldades	[`purki] [pre`zɛti] [kwana`vaɫØ] [deza`novi] [difikuɫ`dadi]	[Ic, EM, 17. 01. 2022] [Ib, F, 16. 01. 2022] [If, GI, 01. 07. 2021] [idem] [Ia, GI, 01. 07. 2021]

Quadro-6 Realização da Sequência /eN/ no PCC

Ambiente Fonológico	Nível Ortográfico	Nível Fonético	Referência
(i)-Acentuada ou tónica	Entre Sempre Sensivelmente	[`ɛtre] [`sɛpri] [sɛ̃jsiveɫ`mɛti]	[Ia,GI,01.07.2021] [Ib,F,16. 01.2022] [Ib,GI,01.07.2021]

(ii)-Átona pré-tônica	Ensino Engenheiro Desempenho Sensibilizar Manutenção	[ẽ̃j`sinu] [ẽ̃j3i`jεØru] [dez`ẽ̃j`peju] [s`ẽ̃j3ibili`zaØ] [manuØteØ`sãw]	[Id,CE,11.01.2022] [Ib, CE, 11. 01.2022] [Ia. EM. 17. 01.2022] [Ib, GI, 01. 07. 2021] [Ib, F,16. 01. 2022]
(iii)-Átona pós-tônica final	Mensagem Brinquem	[m`ẽ̃j`sa3iØ] [`brĩk`ẽ̃j]	[Ia, CE, 11. 01. 2022] [Ib, CE, 06, 07. 2021]

O fonema /e/, representado foneticamente no quadro (5), realiza-se: (i) como aberta palatal [ɛ] em contextos fonológicos onde surge como vogal acentuada (/e/ → [ɛ] / v[+acentuada]); (ii) como média palatal [e] em ambientes onde ocorre como átona pré-tônica entre duas consoantes (/e/ → [e] / [-acentuada] C __ C) e como [Ø], apagamento da vogal no nível fonético, antes da consoante fricativa [ʃ] e depois de pausa (/e/ → [Ø] / # __ [ʃ]); (iii) como média palatal, quando átona pós-tônica não final de palavras entre consoantes (/e/ → [e] / [-acentuada] C __ C) e (iv) como [i] quando não acentuada em final de palavras depois de consoantes e seguida de pausa ou da consoante fricativa [ʃ] em coda (/e/ → [i] / [-acentuada] C __ # ou /e/ → [i] / [-acentuada] C __ [ʃ]) e (iv) [Ø] antes da consoante lateral [l] sendo que esta transforma-se em [ɫ] (/e/ → [Ø] / [-acentuada] [l] __ #).

No que se refere à sequência /eN/, que se traduz no processo de nasalização do fonema /e/, observa-se no quadro (6) que o referido fonema concretiza-se: (i) como aberta palatal nasal [ẽ̃] quando acentuada nos diversos contextos combinatórios em que ocorre (/eN/ → [ẽ̃] / [+acentuada] _ da f); (ii) como ditongo nasal [ẽ̃j] quando não acentuada ou átona pré-tônica normalmente antes de consoantes fricativas ou oclusivas orais (/eN/ → [ẽ̃j] / _ C[+fricativas]/[+oclusiva]) e como [eØ], realização desnasalizada da sequência /eN/, normalmente antes da fricativa [s] (/eN/ → [eØ] / [-acentuada] _ [s]) e (iii) como ditongo nasal [ẽ̃j] quando não acentuada em final de palavras depois de consoantes, excepto [ʒ], antes de pausa (/eN/ → [ẽ̃j] / [-acentuada] C _ #) e como [iØ], realização desnasalizada, antecederida da fricativa [ʒ] e sucedida de pausa (/eN/ → [iØ] / [-acentuada] [ʒ] _ #).

De acordo com a descrição apresentada, destacamos no PCC, diferente do que ocorre no PE, a não realização do fonema /e/ como alta central [i], sendo

frequentemente substituída, nos contextos onde a referida vogal fonética ocorre na norma-padrão, pelas vogais fonéticas média palatal [e] em posição medial e alta central [i] em posição final, esta última por aproximação ao som ocorrido no PE.

Relativamente à sequência fonológica /eN/, realçamos de modo cotejado com o PE, a realização da referida sequência como ditongo nasal [ẽĩj], em contextos inicial e medial, bem como a sua realização como baixa ou aberta palatal nasal [ẽ] e a sua desnasalização, ocorrências não atestadas no padrão europeu como dizem Mateus, Falé e Freitas (2005).

4.2.1.3-Realização o Fonemas /o/ e da Sequência Fonológica /oN/

O fonema /o/, no PE, é geralmente concretizado foneticamente como média posterior [o] e como baixa posterior [ɔ] em posição acentuada e como alta posterior [u] em posição não acentuada medial e final (Mateus et al, 2003).

Já a sequência traduzida na combinação do fonema vocálico /o/ mais um segmento nasal /N/, no PE, na constação feita por Mateus et al (2003), verifica-se a sua realização como média posterior nasal [õ] em posição tónica e átona inicial e medial e como ditongo nasal [õĩj].

Vejamos como as unidades fonológicas referenciadas foram realizadas foneticamente no PCC, observando os quadros (7) e (8) que se seguem.

Quadro-7 Realização do Fonema /o/ no PCC

Ambiente Fonológico¹⁷	Nível Ortográfico	Nível Fonético	Referência
(i)-Acentuada ou tónica	Fenómenos Jogadores Todo	[fe`nɔmenuØ] [ʒoga`dɔri] [`tɔdu]	[lg,GI, 01.07.2021] [le,GI, 01.07.2021] [la,GI,01. 07.2021]
(ii)-Átona pré-tónica	Obrigado Aproveito Motivadoras	[ɔbri`gadu] [apro`vɛjtu] [motiva`dɔra]	[lb,F, 16. 01. 2022] [la,CE,06.07.2021] [lb,CE,06.07.2021]
(iii)-Átona pós-tónica não final	Cómodos	[`kɔmoduØ]	[la,F, 16. 01. 2022]
(iv)-Átona final	Organismo	[orga`niʒmu]	[la,EM,17.01.2022]

¹⁷Os ambientes ou contextos fonológicos apresentado nos quadros (3) e (4) foram retirados em (Mateus, Falé & Freitas, 2005) baseado no PE.

	Estamos	[Øʃ tamuz]	[lb, Gl, 01. 07. 2021]
--	---------	------------	------------------------

Quadro-8 Realização da Sequência Fonológica /oN/

Ambiente Fonológico	Nível Ortográfico	Nível Fonológico	Referência
Acentuada ou tónica	Onde Direcções	[˜ɔ̃di] [direˈs˜ɔ̃z]	[la, Gl, 01. 07. 2021] [lh, Gl, 01.07. 2021]
Átona pré-tónica	Acontecer Conferência Montou-se	[akõteˈsɛØ] [koØfeˈrẽsja] [mõˈtɔsi]	[lf, Gl, 01. 07. 2021] [la, F, 16. 01. 2022] [lb, Gl, 01. 07. 2021]

Relativamente ao fonema /o/ no nosso *corpus* registrou-se as seguintes realizações como espelhado no quadro (7): (i) como vogal semiaberta velar oral [ɔ] quando tónica ou acentua em diversos contextos combinatórios (/o/ → [ɔ] / [+acentuada] _ daf); (ii) como vogal semifechada velar [o] átona pré-tónica em posição inicial antecedita de pausa ou entre consoantes (/o/ → [o] / [-acentuada] # _ C / C _ C); (iii) como semifechada velar [o] não acentuada pós-tónica entre consoantes (/o/ → [o] / [-acentuada] C _ C) e (iv) como fechada velar [u], quando não acentuada, em posição final de absoluto palavras ou seguida da consoante fricativa [s] sempre antecedita de consoantes (/o/ → [u] / [-acentuada] C _ # / C _ [ʃ]).

O processo de nasalização do fonema /o/ representado fonologicamente como /oN/ transformou-se, no nível fonético, como retrata o quadro (8): (i) como semiaberta velar nasal [ɔ̃], quando acentuada, antecedita de pausa ou de consoantes e sucedida de consoantes ou da semivogal [j] (/oN/ → [ɔ̃] / [+acentuada] # _ C / [j]); (ii) como semifechada velar nasal [õ] em contextos onde ocorre como não acentuada pré-tónica entre consoantes oclusivas (/o/ [+nasal] → [õ] / [-acentuada] C[+oclusiva] _ C[+oclusiva]) e como semifechada velar oral, realização desnasalizada, [oØ] não acentuada pré-tónica antecedita de consoante e sucedida de consoantes fricativas (/oN/ → [oØ] / [-acentuada] C _ C[+fricativa]).

Do ponto de vista contrastivo, observou-se divergências do PCC com relação ao PE aquando da realização do fonema /o/ e da sequência fonológica /oN/ no

PCC como se pode observar nos quadros (7) e (8) respectivamente. Relativamente ao fonema /o/, destaca-se como principal divergência a sua concretização como média velar [o] no PCC em contextos onde no PE ocorre como alta velar [u] como nos casos em (iii) do quadro (7). Quanto à realização da sequência /oN/, destacamos como principal divergência a ocorrência da vogal baixa posterior nasal [ɔ̃] e da desnasalização da referida sequência no PCC não atestadas no PE.

4.2.1.4-Realização do Fonema /i/ e da Sequência Fonológica /iN/

O fonema /i/ no PE é concretizado, em todos os contextos de uso como alta ou fechada palatal [i] ou como semivogal fechada palatal [j]. Já a sequência fonológica /iN/ é realizada sempre, na mesma variedade, como alta palatal nasal [ĩ] (Mateus et al, 2003).

No que tange à realização do fonema /i/ e da sequência /iN/ no PCC, destacamos o facto de as respectivas unidades mínimas serem também realizadas tal como no PE. Entretanto, apresentamos as realizações como em (28) consideradas típicas do PCC e não atestadas no PE.

(28)

- a) Fundamentais → [fũˈdamẽˈtaØ] - [Id, GI, 01. 07. 2021]
- b) Brincadeiras → [brĩkaˈdɛØraØ] - [Ib, CE, 06.07.2021]

Em (28a) e (28b), constata-se a não realização ou apagamento [Ø] do fonema /i/ quando acentuado antecedido das vogais aberta central [a] e semiaberta palatal [ɛ] e sucedida de consoantes (/i/ → [Ø] / [+acentuada] [a] _ C ou [ɛ] _ C).

Desta forma, observa-se no PCC a não realização, nos contextos descritos, do fonema em questão como semivogal alta palatal [j] como comumente acontece no PE. Dito de outra forma, no PCC não se atesta a semivogal [j] como variante fonética do fonema /i/.

4.2.1.5-Realização do Fonema /u/ e da Sequência Fonológica /uN/

A vogal fonológica /u/ é realizada no PE como alta velar [u] em todos os contextos de uso possíveis e como semivogal alta velar [w]. O mesmo acontece com a sequência fonológica /iN/ que, na referida variedade, é sempre realizada como alta velar [u] (Mateus et al, 2003).

Relativamente ao fonema /u/, verificou-se semelhanças no seu modo de realização no PCC como no PE, ou seja, é concretizado, nos diversos contextos de uso no PCC como no PE.

Quanto à sequência fonológica /uN/, verifica-se no PCC, a par das realizações semelhantes à do PE, o processo de desnasalização, como se vê em (29a).

(29)

a) **Função** → [fuØ`sãw] - [la, GI, 01. 07.2021]

Em (29a), observa-se a realização da sequência /uN/ como vogal fechada posterior ou velar oral [u] em posição não acentuada pré-tónica, entre as consoantes fricativas [f] e [s] (/uN/→ [u] / [-acentuada] [f] _ [s]). Desta realização resultou o processo, típico do PCC, de desnasalização tal como ocorreu com as sequências fonológicas /eN/ e /oN/ nos quadros (6) e (8) respectivamente.

4.2.2-Características do Sistema Consonântico do PCC

O sistema consonântico engloba os sons cuja percepção não se efectiva, no nível fonético, sem a ajuda de uma vogal precedente ou seguinte (Martinet, 2014). Na sua produção, percebe-se uma certa obstrução do ar ao passar pela cavidade oral (Duarte, 2000).

Na perspectiva de Mateus, Falé e Freitas (2005), na língua portuguesa esses sons ocorrem em ambientes fonológicos inicial, medial e final de palavras.

Tendo em conta o número de consoantes existentes na língua portuguesa, nossa análise insidiou apenas sobre a realização de um número reduzido de fonemas consonânticos transcritos foneticamente no *corpus*.

4.2.2.1-Realização dos Fonemas /b/, /d/, /p/ e /g/

Os fonemas /b/, /d/ e /p/ pertencem à classe natural dos oclusivos, sendo que, no momento de serem realizados foneticamente ocorre a oclusão, bloqueio ou obstrução completa da corrente de ar vindo dos pulmões, aquando da sua passagem pelo canal bucal (Faria et al, 1996).

Quadro 9- Realização dos Fonemas /b/, /d/, /p/, /g/

Ambiente Fonológico	Nível Ortográfico	Nível Fonético	Referência
(i)-Inicial	Passada Delegado Brincadeira Gabinete	[pa` sada] [dele` gadu] [brĩka` dεØraØ] [gabi` neti]	[Ib, GI, 01. 07. 2021] [Ia, GI, 01. 07. 2021] [Ia, CE, 06. 07. 2021] [Id, GI, 01. 07. 2021]
(ii)-Medial	Aprendizagem Embora Também Acompanhas Angola	[aprẽ` di` za3iØ] [ẽ` ʰbɔra] [tam` Ø` ẽ` j] [acõ` pa` ɲaØ] [ã` ɲgɔla]	[Id, CE, 11. 01. 2022] [Ib, GI, 01. 07. 2021] [Ib, F, 16. 01. 2022] [Id, CE, 16. 01. 2022] [Ie, GI, 01. 07. 2021]
(iii)-Final	Sem registro no <i>Corpus</i>		-----

No quadro (9), observa-se a possibilidade dos fonemas /b/, /d/, /p/ e /g/ ocorrerem em posição inicial e medial, sendo que, no que se refere à posição final não registamos no nosso *corpus* ocorrência dos referidos fonemas.

Dentre os diversos alofones ou variantes que representam esses fonemas no PCC, destacam-se a pré-nasalização dos mesmos quando anteceditos de vogais nasais em posição medial ou inicial não absoluto e seguidas de vogais (/d/ → [ʰd] / V [+nasal] __ ; /b/ → [ʰb] / V [+nasal] __ ; /p/ → [ʰp] / V [+nasal] __ ; /g/ → [ʰg] / V [+nasal] __) e o apagamento [Ø] do fonema /b/ em posição medial entre a consoante nasal [m] e a vogal nasal [ẽ] (/b/ → [Ø] / [m] __ [ẽ]) como se pode confirmar em (ii) do referido quadro. Estas realizações não ocorrem no PE, por isso são aqui classificadas como típicas do PCC, embora admitamos não serem totalmente estáveis.

4.2.2.2-Realização dos Fonemas /s/, /ʃ/ e /ʒ/

Os fonemas em referência são, do ponto de vista articulatorio, designados por fricativos cuja realização ou produção é fruto de um ruído de fricção (Faria, et al, 1996).

Quadro 10- Realização dos Fonemas /s/, /ʃ/ e /ʒ/

Ambiente Fonológico	Nível Fonológico	Nível Fonético	Referência
(i)-Inicial	Situação Chamamos Junto	[sitwa`saĩw] [ʃa`mamuØ] [`ʒũtu]	[Ia, F, 16. 01. 2022] [Ia. GI.01. 07. 2021] [Ib. GI,01. 07. 2021]
(ii)-Medial	Dessa Presidência Mostrou Desde Mesmo Cucheca Estejamos	[`dɛsa] [prezidẽ`ɛ̃ʒi`ali] [moʃ`tro] [`dɛʒdi] [`mɛØmu] [cu`ʃɛka] [Øʃte`ʒɛmuØ]	[Ic, GI, 01. 07. 2021] [Ib,GI, 01. 07. 2021] [Ie, GI,01. 07. 2021] [Ic,EM, 7. 01. 2022] [Ia, GI,01. 07. 2021] [Ia. GI.01. 07. 2021] [Ia,EM,17. 01. 2022]
(iii)-Final	Temos Temos Mais Pessoas	[`tɛmuʃ] [`tɛmuz ¹⁸] [`maØʒ] [pe`soaØ]	[Ic,EM, 17.01. 2022] [Ig, GI. 01.07. 2021] [Ia,CE, 06.07. 2021] [Ig, GI, 01.07. 2021]

Relativamente à realização dos fonemas /s/, /ʃ/ e /ʒ/, observa-se o facto de os três poderem figurar nas posições inicial e medial. Entretanto, apenas o /s/ ocorre em posição final de sílabas (coda silábicas) e de palavras, sendo por isso o que, entre eles, apresenta maior número de alofones.

Destaca-se no quadro (10) a realização do fonema /s/ como [Ø] em posição medial entre duas consoantes nasais [m] como em (ii) e no final absoluto de palavras como em (iii) (/s/ → [Ø] / [m] _ [m]¹⁹; /s/ → [Ø] / _ #). Há ainda a realização do mesmo fonema como fricativa palatal vozeada [ʒ], em (iii), facto observado em contextos onde sucede o apagamento do ditongo alto palatal [j] em final absoluto de palavra (/s/ → [ʒ] / [Ø] _ #). Por não serem atestadas no PE, as referidas concretizações são neste estudo, tidas como típicas do PCC.

¹⁸ Realização determinada pelo contexto frásico. O referido significante é sucedido por uma vogal.

¹⁹ Apenas registrou-se no significante “mesmo”.

4.2.2.3-Realização dos Fonemas // e /r/

Os fonemas // e /r/ são sons produzidos em função de uma obstrução completa da cavidade bucal e do escoamento livre do ar pulmonar. Por esta razão são designadas líquidas (Faria et al, 1996).

Quadro 11- Realização dos Fonemas //, /r/

Ambiente Fonológico	Nível Ortográfico	Nível Fonético	Referência
(i)-Inicial	Levaram Redução	[le`varãw] [Redu`sãw]	[le,GI,01.07. 2021] [la,GI.01.07. 2021]
(ii)-Medial	Sensibilização Dificuldades Próprio Programa Término Território	[sɛØsibØliza`sãw] [difikuʔdadij] [`prɔpØju] [pro`gØamaʒ] [`tɛminu] [teRi`tɔrju]	[la,GI.01.07. 2021] [Idem] [le,GI,01.07. 2021] [lf, GI, 01. 07. 2021] [lb,GI, 01. 07. 2021] [la, GI, 01. 07. 2021]
(iii)-Final	Comunal Nível Agradecer Incentivar	[komu`naØ] [`niveØ] [agrade`sɛØ] [ĩs`ɛ~jtĩ`vaØ]	[la, GI, 01. 07. 2021] [Idem] [lb, F, 16. 01. 2022] [lb,CE, 06. 07. 2021]

Os fonemas líquidos // e /r/, cujas realizações alofônicas estão representadas no quadro (11) podem figurar nas posições (i) inicial, (ii) medial e (iii) final. Entre as diversas realizações, destacam-se, como típicas do PCC, o apagamento do fonema /r/ em posição medial entre [p] e a semivogal [j] (/r/ → [Ø] / [p] _ [j]), entre [g] e a vogal central aberta [a] (/r/ → [Ø] [g] _ [a]) e em posição final absoluto como coda sílaba (/r/ → [Ø] / _ #) como se pode ver em (ii) e (iii) respectivamente. Destaca-se também o apagamento do // em posição final absoluto como coda silábica como em (iii) (/// → [Ø] / _ #).

4.2.3-Processos Fonológicos Ocorridos no PCC

Os processos fonológicos são as alterações que os fonemas sofrem no momento de serem realizados foneticamente para formarem os significantes dos monemas (Cagliari, 2002).

Na perspectiva funcionalista martinetiana, esses processos fonológicos dão origem às variantes fonológicas ou alofones que podem ser combinatórias e individuais (Marçalo, 1992). A identificação dos processos fonológicos, nesta perspectiva, visam explicitar as condições de ocorrência das variantes fonológicas.

De acordo com a análise feita do *corpus*, constatamos a ocorrência, no PCC, dos seguintes processos fonológicos: assimilação, desnasalização, neutralização, supressão ou apagamento e inserção, como a seguir se pode comprovar.

4.2.3.1-Assimilação

A assimilação ocorre quando dois fonemas distintos que se encontram próximos no significante um deles ganha características do outro (Seara, Nunes & Lazzarotto-Volcão, 2011). No PCC, verificou-se a assimilação nos casos apresentados em (30).

(30)

- a) Pretende → [pre`tẽ`ndi] - [lf, Gl, 01. 07. 2021]. Mandamos → [mã`ndamuz<sup>20</sup>] - [la, F, 16. 01. 2022]. Linguagem → [lĩ`ngwaʒiØ] - [ld, F, 16. 01. 2022];
- b) Trabalhar → [traba`laØ] - [la, Gl, 01. 07. 2021]. Dezanove → [deza`nɔvi] - [lf, Gl, 01. 07. 2021];
- c) Linguagem → [lĩ`ngwaʒiØ] - [lb, F, 16. 01. 2022]. Mensagem → [mẽ`ẽ`saʒiØ] - [la, CE, 11. 01. 2022].

Em (30a), representa-se o processo de assimilação da nasalização ou pré-nasalização das consoantes /d/ (/d/ → [nd]) e /g/ (/g/ → [ng]) em função do contacto das referidas consoantes com as vogais nasais antecedentes, ou seja, os fonemas /d/ e /g/ assimilaram o traço [+nasal] das sequências fonológicas /eN/, /aN/ e /iN/ que os antecedem nos significantes apresentados. Nos referidos casos, as vogais permanecem nasalizadas.

²⁰ Realização determinada pelo contexto.

Em (30b), verifica-se a assimilação por harmonização vocálica segundo a qual uma vogal átona torna-se aberta em função da abertura da vogal tônica (Cagliari, 2002). Assim, no primeiro caso, o fonema /a/ átono realizou-se como central aberta [a] (/a/ → [a]) em função do fonema /a/ tônico que lhe sucede. No segundo caso, o fonema /a/ átono realizou-se como central aberta [a] (/a/ → [a]) em função da vogal tônica velar aberta [ɔ] que surge na sílaba seguinte.

Por fim, registrou-se, em (30c) outro caso de assimilação. A sequência fonológica /eN/, em final absoluto de palavra, assimilou o traço [+palatal], que caracteriza a consoante [ʒ] que a antecede nos significantes apresentados, ao ser realizada foneticamente como vogal fechada palatal [i] (/eN/ → [i]). Da referida realização, ocorreu também a desnasalização da sequência em referência no nível fonético.

4.2.3.2-Desnasalização

O processo de desnasalização ocorre quando um fonema ou segmento fonológico perde o valor do traço [+nasal] aquando da sua realização no nível fonético tal como se constata nos exemplos em (31) retirados do *corpus*.

(31)

- a) Delinquente → [deliŋkwẽti] - [la, Gl. 01. 07. 2021]. Sensibilização
→ [sẽsibɐliza`sãw] - [Idem];

Em (31a), os segmentos /iN e /eN/ perderam o traço [+nasal] que os caracteriza ao serem concretizados foneticamente como alta palatal oral [i] (/iN/ → [i]) e como baixa palatal oral [ɛ] (/eN/ → [ɛ]).

4.2.3.3-Neutralização

A neutralização é um processo fonológico que consiste na perda da distinção entre dois fonemas quando realizados foneticamente (Martinet, 2014). Quando se verifica tal processo, o que se realiza não são os fonemas mas sim um determinado arquifonema que deve ser representado com uma letra maiúscula (Marçalo, 1992).

(32)

- a) /e/ *Viveres* → [ˈviveri] - [Ia, F, 16. 01. 2022]. /e/ *Dificuldades* → [difikuˈdadɨ] - [Ia, GI, 01. 07. 2021]. /i/ *Fugir* → [fuˈʒiØ] - [Ib, EM, 17. 01. 2022]; /i/ *Cumprir* → [kũˈpriØ] - [Idem].

De acordo com o que se observa em (32a), ocorre o processo de neutralização da distinção fonológica, típica do PCC, que opõe os fonemas /i/ e /e/ ao serem ambos realizados foneticamente como fechada palatal [i] em final de palavras seguidas ou não de consoantes em coda (/i/ e /e/ → [i] / _ C ou #). Atesta-se então, neste caso, a concretização fonética do arquifonema /i/.

4.2.3.4-Supressão ou Apagamento [Ø]

Na perspectiva de Duarte (2000), a supressão ou apagamento consiste na não realização de um fonema no significante. No *corpus* transcrito, verificou-se esse processo com fonemas vocálicos e consonânticos em diversos contextos ou ambientes fonológicos, como a seguir se constata em (33a) e (33b).

(33)

- a) /e/ *Escrevemos* → [ØkreˈvemoØ] - [Ia, F, 16. 01. 2022]. /i/ *Brincadeira* → [brĩkaˈdɛØraØ] - [Ib, CE, 06.07.2021];
 b) /r/ *Programas* → [proˈgØamaʒ] - [If, GI, 01. 07. 2021]. /r/ *Agradecer* → [agradeˈsɛØ] - [Ib, F, 16. 01. 2022]. /s/ *Estejamos* → [ØʃteˈʒemuØ] - [Ia, EM, 17. 01. 2022]; // *Comunal* → [komuˈnaØ] - [Ia, GI, 01. 07. 2021]; /b/ *Também* → [tamˈØẽj] - [Ib, F, 16. 01. 2022].

Em (33a) ocorre, no primeiro caso, a supressão do fonema vocálico /e/ em início absoluto de palavras não acentuado (/e/ [-acentuado] → [Ø] / #__ []). Por ser uma realização que também se atesta no PE, é aqui identificada como um caso não particular do PCC. Já no segundo caso, deu-se a supressão ou apagamento do fonema /i/ acentuado entre a vogal baixa palatal [ɛ] e a consoante líquida vibrante [r] (/i/ [+acentuado] → [Ø] / [ɛ] __ [r]).

Em (33b), verifica-se a ocorrência do apagamento do fonema /r/ em posição medial entre a consoante oclusiva velar [g] e a vogal baixa central [a] no primeiro caso apresentado (/r/ → [Ø] / [g] __ [a]). No segundo caso, observa-se a supressão do mesmo fonema desta vez em posição final absoluto (/r/ → [Ø] /

__ #). No terceiro caso do exemplo (33b), constata-se a supressão do fonema /s/ em final absoluto de palavra (/s/ → [Ø] / __ #). No quarto caso verifica-se a supressão, típica do PCC, do fonema /l/ em posição final absoluto de significante geralmente como coda de uma sílaba tónica (/l/ → [Ø] / __ #). Por fim, dá-se a supressão do fonema /b/ entre a sequência /aN/, não nasalizada, e a vogal baixa palatal nasal [ẽ] (/b/ → [Ø] / /aN/ __ [ẽ]).

4.2.3.5-Inserção

Este processo ocorre quando, no nível fonético, se realiza um fonema que na representação fonológica do significante não havia (Duarte, 2000). Neste estudo, tal processo verificou-se aquando da realização, no nível fonético, da vogal fechada palatal [i] e da semivogal também fechada palatal mas nasal [ĩ], sendo que, para ambos os casos as respectivas variantes fonológicas não representam unidades mínimas do nível fonológico, como a seguir se apresenta em (34a e b).

(34)

- a) Desempenho → [dezĩẽj`peɲu] - [Ia, EM, 17. 01. 2022]. Encarregado → [ẽjkaRe`gaduʒ] - [Ic, CE, 11. 01. 2022];
- b) Presidencial → [prezidĩẽjsi`ali] - [Ib, GI, 01. 07. 2021]. Particular → [partiku`lari] - [Ib, F, 16. 01. 2022].

O que se verifica em (34a), tanto no primeiro quanto no segundo casos, é uma realização fonética típica do PCC e portanto divergente do PE. Como defendem Mateus, Falé e Freitas (2005), a sequência fonológica /eN/, no PE, é realizada foneticamente, nos contextos fonológicos destacados no exemplo (antes das oclusivas [p] e [k], enquanto vogal não acentuada), como vogal média palatal nasal [ẽ] facto não ocorrido no PCC, onde se atesta a inserção da semivogal nasal [ĩ] como uma variante fonológica não representante de um fonema (/eN/ [-acentuado] → [ẽĩ] / __ [p] e [k]). Como consequência da respectiva inserção, dá-se a ditongação do referido segmento tal como acontece no PE, entretanto, no final de palavras seguida de pausa, embora no PCC ocorra o dintogo nasal [ẽĩ] e no PE o ditongo nasal [ẽĩ].

Em (34b) ocorre a inserção da vogal fechada palatal [i] em final de palavras antecidas pelas consoantes líquidas [l] e [r], facto não observado no PE, pelo que, constitui uma particularidade do PCC embora não seja um processo considerado estável.

4.2.4-Considerações Finais Sobre o Nível Fonológico do PCC

As realizações alofónicas envolvendo o fonema /a/ e a sequência /aN/, como observado nos quadros (3) e (4), respectivamente, são motivadas, segundo a nossa análise, pelo contacto mantido entre o português e as línguas nacionais angolanas ngangela e umbundu faladas no Cuando Cubango. No ngangela, por exemplo, segundo Vicente (2015), não existe a vogal fonética média central oral [e] ocorrendo apenas a aberta oral [a] e no umbundu, de acordo com Undolo (2016), a vogal média central nasal [ẽ] não ocorre, sendo que ocorre apenas a aberta nasal [ã].

De igual modo, referindo-se à realização do fonema /e/ como palatal fechada [i] em posição final átona, diferente do que ocorre no PE, onde é, no referido contexto, realizado como central fechada [ɨ], infere-se que tal constatação, representada no quadro (5), deve-se ao facto de também não haver nas línguas bantu faladas no Cuando Cubango o alofone [i] para o fonema /e/.

Outro dado, considerado típico do PCC, constata-se no *corpus*, diz respeito à (i) desnasalização ou perda do traço [+nasal] dos segmentos fonológicos /eN/, como no quadro (6), /oN/ como no quadro (7) e /uN/ como em (29a) e (ii) à nasalização ou pré-nasalização das consoantes /d/, /b/, /p/ e /g/ como no quadro (9) e outras registradas no *corpus*.

No caso (i), a nossa perspectiva é que tal realização acontece por não haver no ngangela, como se pode ver em (Vicente, 2015), vogais nasais. Já o caso (ii), pode ser justificado porque nessa mesma língua bantu, segundo o mesmo autor, essas consoantes são também pré-nasalizadas quando antecidas de vogais nasais.

Pode-se, assim, deduzir que os falantes do PCC, por adaptação ao sistema fonológico do português, realizam as referidas variantes, que podem ser tidas

como individuais, de acordo com Marçalo (1992) ou regionais segundo a perspectiva de Barbosa (1994).

Por outro lado, essas realizações variantes, que caracterizam o nível fonológico do PCC, não implicam o não cumprimento da principal função da linguagem “a comunicação” entre os falantes do português no Cuando Cubango tal como diz Martinet (2014). Por isso, de acordo com a perspectiva funcionalista sobre o ensino da gramática como adiantam Cunha e Tavares (2016), podem ser ensinadas nas escolas.

A realização variante do fonema /e/ como [e] (/e/ → [e]) em [fe`nmenuØ], não implica a escolha de um outro fonema que torne a palavra em questão incomunicável. Por esta razão, não se pode desprezar ou marginalizar o aluno que assim se comunica embora seja difícil para o professor de português em Anogla tomar este tipo de decisões, já que este é obrigado a defender a pronúncia padrão.

4.3-Características Morfossintáticas do PCC

Marçalo (1992) entende que no nível morfossintático, correspondente à primeira articulação martinetiana, procura-se pôr em evidência o modo como são constituídos os enunciados que permitem a comunicação linguística entre os falantes de uma determinada língua.

Neste nível, as unidades de análise, como salienta Martinet (2014), são os monemas, compostos por uma face significativa e outra vocálica, e augura-se determinar e explicitar o modo como as mesmas são usadas pelos falantes para a realização do processo comunicativo.

Associado a essas ideias sobre a morfossintaxe funcionalista está a perspectiva de Marçalo (2009) sobre os fundamentos sintactáticos da gramática funcional ou funcionalista, segundo o qual, a referida gramática está estruturada em níveis funcionais como: nível das funções formais na qual se encontram “sujeito, complemento directo (CD), complemento indirecto (CI) e

outros"; nível das funções semânticas como “agente, beneficiário, paciente, objecto e instrumento” e o nível das funções informativas “tema, rema e foco²¹”.

Nesta segunda secção do quarto capítulo, pretendemos analisar o modo como os monemas, e suas respectivas funções sintácticas, foram usados no *corpus* para a construção dos enunciados linguístico-comunicativos.

A nossa análise consistirá, principalmente, em apresentar as principais características do PCC, mais precisamente no que diz respeito ao (i) processo de pluralização, (ii) à pronominalização complementar ou clítica, (iii) ao uso dos pronomes relativos e expressões locativas, (iv) ao uso de modos verbais e (v) à funcionalidade da regência no PCC.

4.3.1- O Processo de Pluralização no PCC

Na perspectiva funcionalista martinetiana, a pluralização consiste na ocorrência do monema de plural <s> que, para além de se manifestar na forma central, se manifesta também nos outros pontos do enunciado (Martinet, 2014). É um monema sucessivamente manifestado nos significantes do enunciado, redundante e, em alguns casos, amalgamado. Assim, no enunciado “As alunas estão reprovadas” o monema de plural <s> manifesta-se nas formas, ou nos significantes “as” e “reprovadas” e <terceira pessoa do plural> da forma “estão”.

De acordo com os dados transcritos no *corpus*, verificou-se que o processo de pluralização no PCC, apresenta as seguintes características:

A)-Pré-pluralização da função sintáctica sujeito

O “sujeito”, na gramática funcionalista, é uma função sintáctica cujos functivos²² são sintagmas nominais que partilham traços com os verbos e não admitem preposições (Marçalo, 2009).

No PCC, os functivos que desempenham esta função, são geralmente pré-pluralizados. Este facto verifica-se quando o monema marcador do plural <s>

²¹ Dada a dimensão do nosso trabalho, não desenvolveremos estes níveis na totalidade, entretanto, para mais detalhes, veja-se (Marçalo, 2009).

²² Significantes que preenchem no enunciado os sintagmas funcionais (Marçalo, 2009).

apenas se manifesta no primeiro membro (modificador/especificador)²³ do referido sintagma, como se pode ver em (35).

(35)

- a) [...] **os crime/Ø/** são aqueles que o comandante domina/ e na questão da contenção/ há dificuldades/ por razões da redução // [Ia, GI, 01. 07. 2021];
- b) **Os jogador/ØØ/** não conseguem/ não /ØØ/tão a se adapta/Ø/ mas é assim/ perdemo/Ø/ [...] [Ie, GI, 01. 07. 2021]

O que se verifica em (35) com os sintagmas nominais negritados, é a ocorrência, típica do PCC, da manifestação do monema do plural <s> apenas no monema especificador <os> que precede os monemas centrais ou lexicais <crime/Ø/> (35a) e <jogador/ØØ/> (35b) das referidas unidade sintgmáticas, tornando-os assim em sintagmas nominais pré-pluralizados.

No âmbito da análise funcionalista, considera-se, nessas construções sintagmáticas, a realização do menema plural como uma informação gramatical dada por ter sido já referenciada no elemento introdutório e especificador do sintagma, como refere (Cunha, 2011), desfazendo, deste modo, a sucebilidade e redundância da ocorrência do processo de pluralização do sintagma em causa.

B)-Pré-pluralização das funções de complemento directo e indirecto

De acordo com Marçalo (2009), as funções sintácticas “complemento directo e indirecto” são sintagmas nominais subordinados aos verbais, comutáveis com os pronomes atónos ou clíticos. Essas duas funções distinguem-se uma da outra em função da forma como se relacionam com os verbos: o directo liga-se ao verbo sem preposição já o indirecto por meio da preposição <a>.

Normalmente, no PCC, verificou-se a ocorrência do menema de plural apenas nos monemas modificadores dos núcleos dos sintagmas que desenpenham as funções de complemento directo e indirecto, como a seguir se verifica em (36).

²³ Na terminologia tradicional, correspondem aos determinantes como se pode ver em Marçalo (1992).

(36)

- a) Nós nesse preciso momento não temos mais **outras via/Ø/** que a gente não vai lá chora/Ø/ [...] [lb, F, 16. 01. 2021].
- b) [...] desta forma nós queremos/Ø/ incentivar **os nossos amiguinho/Ø/** [...] [lb, CE, 06. 07. 2021].
- c) [...] porquê depois das aula/Ø/ levaram **os livro/Ø/** // os livro/Ø/ [...] [le, CE, 11. 01. 2022].
- d) A message/Ø/ que eu de/Ø/xo **a todos encarregado/Ø/** [...] [lf, CE, 11. 01. 2022].

Observa-se em (36), como nos enunciados em (35), a aplicação do princípio funcionalista de informação gramatical dada. O monema marcador do plural é apenas realizado no significante que actualiza o monema modificador do núcleo dos sintagmas que exercem as funções de complemento directo (36a, b, c) e indirecto (36d).

C)-Pré-pluralização do sintagma com função sintáctica de complemento circunstancial

O sintagma com função sintáctica de complemento circunstancial é aquele capaz de representar diversas funções como realça Marçalo (2009). Os seus functivos obdecem à estrutura (preposição + nome ou sintagma nominal), entretanto, a preposição é um elemento dispensável.

De acordo com a nossa análise, no que diz respeito ao processo de pluralização ou manifestação do monema de plural, observou-se, na realização dessa função, tal como nos casos precedentes, a ocorrência do monema marcador do plural apenas no modificador ou especificador do monema central do sintagma que exerce tal função, tal como se vê em (37).

(37)

- a) Eh jogo fotebol com **os meus amigo/Ø/** / toco um bucado de guitarra/ em casa tem guitarra/ e também brinco com **os meus amigo/Ø/** na OPA// [la, CE, 06. 07. 2021].

A explicitação linguística que se aplica nessa ocorrência típica do PCC apresentadas em (37a), no contexto funcionalista, é a de informação gramatical “dada” já que o referido monema de plural, omissa no nomena central <amigoØ>, já tinha sido referenciado no especificador <os meus>.

D)-Elipse ou apagamento do monema do plural da função sintáctica “atributo”

A função sintáctica atributo é, do ponto de vista funcionalista, um sintagma adjectival ou nominal, normalmente seleccionado por um verbo de ligação, que aplica uma certa propriedade a um determinado sintagma nominal ou equivalente que lhe serve de base (Marçalo, 2009).

O processo de pluralização da referida função sintáctica, no PCC, é marcado pela aplicação do princípio de elipse gramatical ou seja, pela não realização fónica do monema de plural, em função de já ter sido realizado na forma verbal que lhe serve de ligação a sua base, como se observa em (38).

(38)

- a) Também **ficamos satisfeito/Ø/** com/ com a situação do controlo e também eh estamos a trabalha/Ø/ na questão / da sensibilização/ das comunidade/Ø/[...] [Ia, GI, 01. 07. 2021].
- b) E **temos estado** muito **congratulado/Ø/** / e as message/Ø/ que temos recebido na população/ têm sido muito boa/Ø// [Idem].

Tal como se verifica, os verbos de ligação <ficamos>, em (38a), e <temos>, em (38b), ao ligarem os atributos as suas respectivas bases²⁴ já estão marcados pelo monema de plural <s>, possibilitando assim a não ocorrência do mesmo monema nos singnificantes com função de atributo.

Pode-se também, nesses, casos aplicar-se o princípio funcionalista de informação dada de que nos fala (Cunha, 2011). Nesta perspectiva, o menema indicador de plural é dado por ter sido realizado na forma verbal.

E)-Elipse ou apagamento do monema marcador do plural <s> nas formas verbais da terceira pessoa do plural

²⁴ As bases também são elíptica.

Nota-se que nos casos, apresentado em (39), a ocorrência da elipse é motivada pela presença do monema gramatical <nós>. portanto, trata-se da realização do princípio de informação gramatical dada, pois, o monema <nós> que antecede a forma verbal <estamo/Ø/> já traz consigo o valor gramatical de plural.

(39)

- a) **Nós estamo/Ø/** a trabalha/Ø/ no ambito dessa operação e não só/ para então contrapormos todo tipo de actividade ilícita/ no caso específico da recolha/ aquisição e comercialização de sucata// [Ib, GI, 01. 07. 2021];
- b) [...] **nós recebemo/Ø/** trinta milhões/ não é simplesmente trinta milhões/ mais cinco milhões que ele pessoalmente tinha nos dado// [Ic, F, 16. 01. 2022]

Se em (39) ocorre a elipse do monema marcador de plural em função da presença antecipada do monema <nós>, em (40) acontece algo diferente. O falante recorre ao princípio de informação gramatical disponível (Cunha, 2011), pois infere que seu interlocutor conhece o processo de pluralização e o facto de que as formas verbais em língua portuguesa são amalgamadas.

(40)

- a) Para dize/Ø/ que até neste momento/ **estamo/Ø/** sempre a dize/Ø/ / **estamo/Ø/** a usa/Ø/ sempre a mesma linguagem até neste momento porque as coisa/Ø/. [Ib, F, 16. 01. 2022].
- b) **Jogámo/Ø/** com o campeão europeu/ uma selecção muito forte/ [...] [Ie, GI, 01. 07. 2021].

4.3.2-Processo de Pronominalização Clítica no PCC

Os pronomes são monemas gramaticais que partilham traços comuns com os nomes, e que, por essa razão, estão em relação paradigmática com os mesmos (Martinet, 2014). Dito de outra forma, os pronomes podem substituir os nomes no enunciado.

Ao processo de substituição dos nomes pelos respectivos pronomes, dá-se o nome de pronominalização, segundo a terminologia tradicional (Agostinho, 2011).

Entre as várias formas de pronominalização, destaca-se neste estudo, a cliticização que consiste na substituição (relação paradigmática) dos complementos directo e indirecto pelos pronomes pessoais clíticos correspondentes. Tais pronomes são formas totalmente dependentes das formas verbais que complementam (Adriano, 2015).

Dependendo da função sintáctica do nome que substituem e da categoria gramatical dos verbos a que se ligam, os pronomes clíticos podem desempenhar ou substituir a função de complemento directo “me, te, o, a, nos, vos, os, as, se” e complemento indirecto “me, te, lhe, nos, vos, lhes, se” (Moura, 2011).

Relativamente a posição em relação ao verbo, podem ocorrer em posição pré-verbal ou proclítica, pós-verbal ou enclítica e no interior da forma verbal ou posição mesoclítica (Rocha, Matos & Tavares, 2014).

No *corpus* transcrito, notam-se as seguintes particularidades relativamente à funcionalidade e uso dos pronomes clíticos:

A)-Uso da ênclise em contextos de próclise e da próclise em contextos de ênclise

No nosso *corpus*, verificaram-se ocorrências em que os pronomes clíticos surgiram em posição pós-verbal quando, de acordo com a norma-padrão, tinham que figurar em posição pré-verbal e casos em que surgiram em posição pré-verbal quando tinham que ocupar a posição pós-verbal, como se comprova a seguir nos enunciados em (41).

(41)

- a) Cucheca é um termo em nganguela que eles têm aí/ mas em termos gerais guardar segredos/ acontece crimes lá / eles em vez de verem/ de

apresentarem-se ou **queixarem-se** preferem **se pagarem** bois// [Ia, GI, 01. 07. 2021];

- b) Ainda hoje que **falo-vos** recebi uma chamada/ as nossa/Ø/ pedras fundamental/Ø/ já não **encontram-se** aqui no Cunado Cubango// [Ic, F, 16. 01. 2022].

Em (41a), o monema gramatical, pronome <se>, na primeira unidade sintagmática negritada do enunciado, ocupa a posição pós-verbal quando deveria figurar na posição pré-verbal dado o facto do referido sintagma ser introduzido pela preposição *de*. No segundo sintagma *queixarem-se* o pronome em referência surge na posição pós-verbal, entretanto, de acordo com a norma-padrão, a conjunção <ou> obriga a posição pré-verbal.

No mesmo enunciado, em (41a), verifica-se a construção *preferem se pagarem* onde o pronome <se> ocupa a posição proclítica em contextos onde na norma-padrão ocorreria a ênclise pronominal, já que, de acordo com a mesma, as construções com verbos volativos, como o caso de *preferir* obrigam que o verbo fique ligado à forma do infinitivo na posição enclítica ou seja pós-verbal.

No enunciado em (41b), observa-se a ocorrência da ênclise do pronome de complemento *vos* no sintagma verbal *falo-vos* mas que, dada a presença do relativo *que* que introduz o referido sintagma, poderia figurar na posição pré-verbal. No mesmo enunciado, ocorreu ainda, no sintagma *encontram-se* a ênclise em contextos de próclise tendo em conta o facto de tal sintagma ser parte de uma frase negativa.

A variabilidade posicional dos monemas gramaticais apresentados em (41), justifica-se pelo facto de tal operação não alterar a pertinência comunicativa dos enunciados em referência. Como teoriza Martinet (2014), a posição do monema no enunciado nem sempre denota pertinência comunicativa. O que nos leva a crer que essas realizações provam a irrelevância comunicativa da posição dos pronomes com função de complementos directo e indirecto no PCC.

B)-Uso do Pronome de complemento indirecto <lhe/s> como função sintáctica de complemento directo

As formas verbais *levou*, em (42a), e *ajudar* em (42b), seleccionam sintagmas nominais com função sintáctica de complemento directo no PE, como se pode ver em Casteleiro (2007), que são substituídos pelos pronomes de complemento *o/os*, *a/as* conforme o contexto. Entretanto, o PCC apresenta a particularidade de as mesmas formas verbais seleccionarem como complemento o pronome *lhe* que normalmente é seleccionado por verbos transitivos indirectos.

(42)

- a) E tem jogador/ØØ/ que/ vou repeti/Ø/ / que não deveriam estar alí/ mas /Ø/ treinador/i/ **lhes** levou// [le, GI, 01. 07. 2021];
- b) Eu consegui/ consegui/ eu só consegui infelizmente com uma barra de sabão// Uma barra de sabão/ esta barra de sabão é para **lhes** ajuda/Ø/ // [ln, GI. 01. 07.2021].

Em (42a e 42b), verifica-se, no âmbito da análise funcionalista, a aplicação do princípio de transposição, segundo o qual formas verbais que seleccionam functivos com a função sintáctica de complemento directo como base, transformam-se em formas verbais relacionáveis com sintagmas nominais com função sintáctica de complemento indirecto ao seleccionarem o pronome *lhe* como argumenta (Gutiérrez, 1997 apud Suelela, 2019. P. 46).

C)-Apagamento/clipse da pluralização da forma verbal com o pronome clítico apassivante <se> quando o monema com a função de sujeito o manifesta

Tal ocorrência verificou-se, no *corpus*, em enunciados passivos em que o sujeito ou argumento externo manifesta o monema plural, entretanto, a forma verbal que o selecciona não manifesta o referido monema, como a seguir exemplifica-se em (43).

(43)

- a) [...] **montou-se postos** para desafoga/Ø/ a enchente na repartição// [Ib, GI, 01. 07. 2021].

Como se vê, o sujeito da construção passiva *montou-se postos* é a forma <postos>. A mesma construção, traduz-se na construção activa *Os postos foram montados* o que nos faz perceber o apagamento do monema de plural na forma <montou-se>.

Esta ocorrência explica-se, na gramática funcional de Gutiérrez, apud Marçalo (2009), com a aplicação do processo de inferência, segundo o qual, a informação linguística manifesta-se por vários contextos. Um dos quais pode ser a consciência que os falantes têm da funcionalidade da sua língua, que, no modelo funcionalista de Cunha (2011), corresponde ao princípio de informação gramatical disponível.

D)-Uso do pronome pessoal “você” como sujeito de formas verbais da segunda pessoa do singular

O referido pronome, no PE, é seleccionado por formas verbais da terceira pessoa do singular. No PCC, observou-se o seu uso como sujeito de formas verbais da segunda pessoa do singular. O enunciado em (44) comprova essa ocorrência.

(44)

- a) [...] principalmente nós que metemos os filho/Ø/ nos colégio/Ø/ **reclamas** bastante que meu filho não aprovou mas **você** não **acompanhas** o ensino da criança [...] [Ie, CE, 11. 01. 2022].

Há, na ocorrência em (44) a aplicação, de acordo com a análise de base funcionalista, do princípio de transposição, já que se verifica, no mesmo, a transposição do valor de <pronome de segunda pessoa do singular> próprio do monema pronominal <tu> para a forma pronominal <você>.

4.3.3-*Uso dos Pronomes Relativos no PCC*

Os pronomes relativos são os que na frase se referem a um determinado antecedente e servem de elo subordinante da oração que introduzem com a oração principal (Cunha & Cintra, 2014).

Partilham com os seus antecedentes os traços semânticos que os caracterizam. Assim, existem aqueles relativos que se referem ou partilham com os seus antecedentes o traço [+humano] “quem”, [-humano] “onde, aonde e donde” [±animado] “o qual, quanto, que” e variantes (Gomes & Cavacas, 2006).

Relativamente ao uso e selecção dos pronomes relativos pelos falantes do PCC, observaram-se as seguintes características como a seguir são apresentadas e descritas.

A)-Uso da construção relativa <nos quais> com valor partitivo

Verificou-se no nosso *corpus* a ocorrência da construção relativa locativa <nos quais> com valor partitivo ao contrário do que ocorre no PE como exemplificado em (45a).

(45)

- a) Nós temo/Ø/ trinta e cinco jogador/ØØ/ / tínhamo/Ø/ trinta e cinco jogaor/ØØ/ **nos quais** cinco são de formação aqui no Cuando Cubango e oito nesses trinta e cinco são júnior/ØØ/ [lc, F, 16. 01. 2022].

B)-Uso do relativo <onde> com valor semântico [-estático] ou [-dinâmico]

Os pronomes relativos <onde> e <de onde/donde>, embora partilhem o traço [+inanimado], distinguem-se em função dos traços semânticos [+estático] e [-estático] respctivamente. Entretanto, no PCC tal distinção foi eliminada ao se verificar o uso do relativo <onde> com valor [-estático] como se constata em (46).

- a) [...] estamos a trabalha/Ø/ na questão de/ de cumprirmos com aquilo que são as norma/Ø/ as lei/Ø/ eh que /Ø/stamos a vive/Ø/ a níve/Ø/

nacional/Ø/ / **onde** o Caiundo não foge xx perante essa situação // [Ia, GI, 01. 07. 2021].

Nas ocorrências em (45) e (46) verifica-se, tal como nos outros enunciados já referenciados, a ocorrência do princípio da gramática funcionalista da transposição (Marçalo, 2009).

No enunciado de (45) verificou-se o uso do transpositor *nos quais*, em detrimento da base *dos quais*, como pertencente à categoria dos relativos partitivos. De igual modo, em (46) ocorreu o transpositor *onde* como uma nova função em detrimento da construção da base *do qual*.

C)-Uso reforçado de formas relativas

Este facto verificou-se em enunciados onde duas formas relativas equivalentes como *em que* e *na qual* foram usadas no mesmo enunciado como no exemplo em (47a).

(47)

- a) [...] essa carta que endereçamos a sua excelência governador **em que na qual** nós dizíamos que íamos oficializa/Ø/ a desistência que seria dia catorze[...] [Ia, F, 16. 01. 2022].

Na perspectiva funcionalista, esse tipo de ocorrências representa o subprincípio de quantidade informativa pertencente à iconicidade. De acordo com tal princípio a quantidade de informação ou o reforço de uma informação gramatical determina a qualidade da informação (Cuhna e Tavares, 2016), ou seja, quanto mais informação houver, menos dúvidas sobre o que se disse o interlocutor terá. É uma forma de eliminar dúvidas.

4.3.4-Uso de Expressões Locativas no PCC

No que diz respeito às expressões locativas, os falantes do PCC optam por usar a forma *aonde* com função de circunstancial estático. Trata-se da transposição da forma locativa *onde* [+estática] para *aonde* que é [-estática], como se pode observar em (48).

(48)

- a) Depois do lanche é reve/Ø/ tudo que se estudou /Ø/o ano passado//
aonde tiveram falha [...] [Ie, CE, 11. 01. 2022].

4.3.5-Uso de Modos Verbais no PCC

Os verbos são palavras que referenciam factos ou acontecimentos devidamente localizados temporalmente. Do ponto de vista morfossintático ocorrem como elemento nuclear do sintagma verbal desempenhando a função de predicado (Cunha e Cintra, 2014).

De acordo com a observação do *corpus* transcritos, relativamente ao uso das formas verbais no PCC, notamos as seguintes características:

A)-Uso de formas verbais do indicativo com função de conjuntivo

Os falantes do PCC optam, geralmente, pelo uso de formas verbais do modo indicativo em detrimento do conjuntivo como se pode observar nos enunciados em (49). Desta forma, usa-se o transpositor indicativo em função da base conjuntivo (Marçalo, 2009).

(49)

- a) [...] Que **revisam** muito/ **estudam** e **colacam** as máscara/Ø/ // [Ia, CE, 11. 01. 2022];
- b) [...] Deixo a mensage/Ø/ que **revisam** e que **pegam** no caderno sempre// [Ib, CE, 11. 01. 2022];
- c) Que peguem e **estudam** mais para amanhã vi/Ø/ te/Ø/ um carro ou uma mota// [Id, CE, 11. 01. 2022].

Como se constata, há, nos enunciados em (49), o uso de formas verbais do indicativo em contextos onde, segundo a norma-padrão da língua portuguesa, ocorreriam as formas verbais do conjuntivo, que, para a referida norma, é usada para expressar conselhos ou recomendações. Os falantes do PCC transpõem esse valor do modo conjuntivo para o modo indicativo.

B)-Elipse ou apagamento do monema <r> marcador da forma nominal do infinitivo impessoal

Trata-se de um processo fonológico, apagamento ou supressão, tratado em (4.1.3), com consequências morfossintáticas, que ocorre na oralidade dos falantes do PCC, preferencialmente em construções perifrásticas em que se vêem envolvidas formas verbais do infinitivo introduzidas pelas preposições: *a* como em (50a); *para* como em (50b) e *de* como em (50d), e a conjunção *que* como em (50c).

(50)

- a) Nós estamo/Ø/ **a faze/Ø/** uma campanha/ montou-se postos para desafoga/Ø/ a enchente na repartição// [Ib, GI, 01. 07. 2021].
- b) [...] é exactamente **para da/Ø/** uma dinâmica/ **para da/Ø/** uma vida/ **para transmiti/Ø/** o encorajamento aos gerente/Ø/ daquela mesma instituição// [Id, GI, 01. 07. 2021].
- c) Temos **que pensa/Ø/** para já o afrobasquete/ neste momento/ por favor / temos **que leva/Ø/** os melhore/ØØ/ jogador/ØØ/ de momento// [Ie, GI, 01. 07. 2021].
- d) Muito obrigado para dize/Ø/ / primeiro é **de agradece/Ø/** quanto também o /Ø/sforço que a rádio /ØØ/tá a faze/Ø/ [...] [Ib, F, 16. 01 de 2022].

Para explicar tais ocorrências, a linguística funcionalista martinetiana recorre à lei do menor esforço. A construção perísfrástica é, ao nosso ver, amalgamada o que, de certa forma, ao ser simplificada, não perde a sua pertinência comunicativa.

Pode-se ainda, para explicar a referida elipse, recorrer ao princípio de informação disponível (Cunha, 2011) ou ao processo de inferência (Marçalo, 2009), segundo os quais, a presença do <r> final nas formas do infinitivo é do conhecimento dos falantes. De acordo com o contexto do enunciado, o ouvinte infere a presença do infinitivo embora sem o monema gramtical <r> que o caracteriza no plano da morfossintaxe.

C)-Uso do verbo “ter” com valor de “existir”

A outra característica peculiar do PCC, registada no *corpus*, é o facto de os falantes usarem o verbo *ter* com sentido de existir valor que, no PE é desempenhado pelo verbo *haver*. Em (51) estão alguns casos que comprovam tal característica.

(51)

- a) **Tem** quatro que estão em Luanda/ que quer/ØØ/ vir pelo meno/Ø/ para ingressa/Ø/ mas não temo/Ø/ como também eles virem// [Id, F, 16. 01. 2022].
- b) [...] também temos o apóio alimentação e combustível para os dois parque/Ø/ / Luengue Luiana e Mavinga/ por causa da produção que se **tem** lá / **tem** lá duas moage/Ø/ / em Julho está marcada a entrega oficial dessas duas moagen/Ø/ para as comunidade/Ø/ // [Ig, GI, 01. 07. 2022].

Este uso também implica o fenómeno de tranposição (Marçalo, 2009). Observa-se que os falantes transferem os valores informacionais da base ou categoria antiga *haver* para o transpositor ou categoria nova *ter*.

D)-Uso do infinitivo pessoal com o mesmo sujeito do da oração precedente

O infinitivo pessoal ou flexionado é, na perspectiva de Rocha, Tavares e Matos (2014), empregue em contextos em que seu sujeito é diferente do da oração precedente.

Entretanto, no PCC, é usado em orações em que o seu sujeito é o mesmo do da oração precedente. Trata-se, ao nosso ver, de um uso reforçado ou destacado da referida unidade gramatical. Revejam-se os enunciados em (52).

(52)

- a) **Nós** estamo/Ø/ a trabalha/Ø/ no ambito dessa operação e não só/ para então **contrapormos** todo tipo de actividade ilícita// [Ic, GI, 01. 07. 2021]
- b) **Os consumidor/ØØ/** / dizem mesmo que ao em vez de **adquirirem** agasalho/ preferem se aquecer com bebidas quente/Ø// [Ih, GI, 01. 07. 2021]

Nota-se claramente que, em (52a) o sujeito da forma verbal <estamos>, o monema gramatical <nós>, é o mesmo que o da forma verbal do infinitivo pessoal <contrapormos>. O mesmo verifica-se no enunciado (52b) onde o argumento externo da primeira oração <os consumidor/ØØ/> é o mesmo do da forma do infinitivo flexionado *adquirirem*.

Os falantes recorrem a essas construções em função do princípio funcionalista da quantidade (Cunha e Tavares, 2016). O reforço de uma função sintáctica visa dar mais qualidade à informação que se quer transmitir.

4.3.6-Funcionalidade da Regência Verbal no PCC

Na língua portuguesa as unidades nucleares dos sintagmas verbais relacionam-se com os seus complementos constantemente. Tal relação é estabelecida segundo duas modalidades: (i) quando um verbo rege um complemento introduzido por uma preposição como no caso de verbos de transição indirecta como *gostar* que rege o monema funcional *a + nome* e (ii) quando um verbo selecciona um complemento não introduzido por uma preposição como no caso de verbos de transição directa como o verbo *comer* que tem regência prepositiva nula (Gallisson & Coste, 1983).

A regência verbal é o tipo de relação estabelecida na modalidade (i) em que um determinado núcleo sintagmático, termo regente, selecciona uma preposição, termo regido, como elemento introdutor do seu complemento.

De acordo com a nossa análise do *corpus*, verificamos que a funcionalidade desta relação no PCC está marcada pelos seguintes aspectos:

*A)-Transposição de verbos com regência em <de> para verbos com regência em *

Trata-se da ocorrência de uma recategorização, como refere Marçalo (2009), em que os verbos que pertencem à categoria dos que regem a preposição *de* passam a pertencer à categoria dos que regem a preposição *em*. Neste caso, trata-se de uma transposição em que o transpositor é a preposição ou monema funcional e a base o monema funcional <de> como se pode observar em (53).

(53)

- a) E temos estado muito congratulado/Ø/ / e as mensage/Ø/ que temos **recebido na** população/ têm sido muito boa/Ø// [Ia, GI, 01. 07. 2021].
- b) [...] estamos a fala/Ø/ **no** seu componente dos hidrato/Ø/ de carbono que nós vamo/Ø/ encontra/Ø/ em vários alimento/Ø/ que temos certamente no país por regiões// [Ia, EM, 17. 01. 2022].

*B)-Transposição de verbos com funcionalidade regencial em <a> para *

Nos enunciados em (53), verificou-se como a ocorrência do transpositor o monema *em* e a base o monema *de*, em (54) por sua vez, verifica-se como transpositor também o monema funcional *em* e a base o monema funcional *a*.

(54)

- a) Aliás, nós escrevemo/Ø/ / temos um/ um ofício que **mandamos no** governo/ isso foi dia dez/ de que dia catorze nós iriamo/Ø/ convoca/Ø/ uma conferência [...] [Ia, F, 16. 01. 2022].
- b) [...] mas temos estado a trabalha/Ø/ com as comunidade/Ø/ / e aquilo que nos **chega nos** ouvido/Ø/ são aquelas situações [...] [Ia, GI, 01. 07. 2021].

Em (54a), ocorre a transposição do sintagma predicativo *mandamos*, que rege um sintagma nominal introduzido pela preposição <a>, para um sintagma predicativo que selecciona um sintagma nominal regido pela preposição . o mesmo acontece com o sintagma predicativo *chega* em (54b).

C)-Transposição de monemas verbais de funcionalidade sintáctica transitiva indirecta para directa

Trata-se da mudança ou de uma forma de transposição à qual os falantes do PCC recorrem em que se observa a ocorrência de um transpositor directo em detrimento de uma base transposta indirecta, como em (55).

(55)

- a) Nós aceitamo/Ø/ porque nós **gostamo/Ø/ o** desporto/ nós somo/Ø/ desportista/Ø/ / [Ib, F, 16. 01. 2022].
- b) [...] porque se nós formos no estádio de futebol/ **assisti/Ø/ o** jogo/ quando Angola está a joga/Ø/ [...] [Idem]

As formas verbais negritadas em (55a) e (55b) respectivamente transformaram-se, no PCC, em transitivas directas, confirmando assim mais uma das suas particularidades.

4.3.7-Considerações Finais sobre o Nível Morfossintáctico do PCC

As diversas realizações dos monemas nos enunciados do PCC devem ser vistas, no nosso entender, como estratégias adoptadas pelos falantes para a concretização do processo de interacção comunicativa, tal como ressalva Marçalo (1992) ao afirmar que o mais importante no uso do monema é a realização da sua função gramatical e morfossintáctica.

Desta forma, presume-se que as estratégias adoptadas para a pluralização, como é o caso da pré-pluralização sintagmática observada nos enunciados apresentados em (4.3.1) a elipse ou apagamento do monema marcador do plural referenciado no mesmo subtema não anularam a realização do monema marcador de plural e do processo de pluralização dos sintagmas em questão.

Não se pode dizer, por exemplo que em “com **os meus amigo/Ø**” estamos diante de um sintagma do singular ou onde o monema do plural é nulo. O que ocorreu neste enunciado e outros semelhantes ou que apresentam a elipse do monema plural, é aplicação da lei do “menor esforço”, enunciada por Martinet (2014: p. 195), como uma forma de evitar a redundância gramatical que caracteriza morfossintacticamente a língua portuguesa tal como refere Zanotto (1996).

De igual modo, o uso da ênclise em detrimento da próclise, vista em (4.3.2) ou o do *lhe* em substituição de *o/a*, apresentado no mesmo subtema não podem ser vistos como não complementos verbais ou como formas não comutáveis com os sintagmas que exercem a função de complemento, visto que em todos os casos apresentados exerceram as suas respectivas funções e não implicaram a distorção do processo comunicativo.

Estas constatações estão em coordenação com as diversas abordagens funcionalistas sobre as línguas naturais que, como entende Neves (1994), têm como fundo de interesse a observação do modo como os falantes de uma

língua se comunicam, ou seja, o funcionalista examina a competência comunicativa dos falantes.

Desta feita, como diz Halliday (1970) apud Neves (1994: p. 111), o uso da língua tem como objectivo atingir o “significado cognitivo” ou seja o conteúdo ou ideia que o enunciado veicula e não leva em conta o modo como o mesmo gramaticalmente é construído.

Portanto, ensinar as características morfosintáticas do PCC na escola seria concretizar, ao nosso entender, um ensino mais próximo da realidade linguística e comunicativa dos alunos-falantes o que tornaria tal processo mais eficaz, de fácil execução e aprendizagem.

CAPÍTULO V: O ENSINO DA GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS NA PERSPECTIVA FUNCIONALISTA: PROPOSTAS PARA A MELHORIA DO ENSINO DA GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS EM ANGOLA

5.1-Questões Introdutórias

Tal como ficou comprovado, a perspectiva funcionalista sobre o ensino da gramática das línguas naturais centra-se em introduzir ou privilegiar, no ensino, o uso que o aluno-falante faz de sua língua com o objectivo de comunicar um conteúdo (Neves, 1994; Cunha & Tavares, 2016).

Assim, para resolver o problema levantado, o nosso estudo visa também, para além de apresentar as principais características fonológicas e morfossintáticas do PCC, feito no capítulo anterior, adequar o ensino da gramática do português à realidade do aluno e apresentar propostas metodológicas para o ensino eficaz da gramática do português no Cuando Cubango (Angola).

O presente capítulo pretende demonstrar o alcance ou concretização do segundo e terceiro objectivos deste estudo, que são:

- i. Adequar o ensino da gramática da língua portuguesa à realidade linguística do aluno-falante do português no Cuando Cubango e em Angola;*
- ii. Apresentar métodos e técnicas de ensino da gramática, baseadas no funcionalismo, como propostas para a melhoria do ensino da gramática do português no Cuando Cubango e em Angola.*

Demonstra ainda a confirmação da segunda hipótese seleccionada como probabilidade para a resolução do problema:

- iii. O ensino da gramática da língua portuguesa, usando métodos e técnicas, baseadas no funcionalismo, privilegiando o uso ou padrão real dos alunos-falantes, pode resolver os problemas detectados no ensino da gramática do português no Cuando Cubango e de forma geral em Angola.*

Assim, apresentaremos, sob a forma de proposta, dois temas que visam responder directamente a essas questões: “Adequação do Ensino da Gramática do Português à Realidade do Aluno-falante Cuando-cubanguês e/ou

Angolano” e “Métodos e Técnicas de Ensino, Baseadas no Funcionalismo, para o Ensino da Gramática do Português no Cuando Cubango/Angola”.

5.2-Adequação do Ensino da Gramática do Português à Realidade do Aluno-Falante Angolano

Antunes (2014) citado por Bernardo (2017: p. 50) realça que a adequação do ensino da gramática à realidade do aluno/falante implica, entre outros aspectos, (i) contextualizar o ensino da gramática valorizando os usos linguísticos, orais e escritos, que de facto são feitos; (ii) vincular o ensino da gramática ao exercício da compreensão de sentido e intencões e (iii) centralizar o ensino da gramática na observação da língua real, quer na literatura e na imprensa quer nos diversos contextos sociais.

Relacionando o ponto (i) com os objectivos do nosso estudo, implica a codificação e a necessidade de se usar termos gramaticais que explicitem as suas características gramaticais; a pertinência da realização do processo comunicativo no processo de ensino da gramática e a valorização das realizações gramaticais dos intervenientes no processo de ensino da gramática.

De forma resumida, a perspectiva de Antunes (2014) apud Bernardo (2017: p. 50), chama-nos atenção para a necessidade da codificação de uma norma e o uso de termos gramaticais que se aproximem ao uso real que os falantes fazem da língua afim de melhorar o ensino da gramática.

Assim sendo, tendo em conta o problema levantado e a descrição das características do PCC, feita no capítulo anterior, apresentamos, no presente estudo, como proposta, a codificação do português angolano.

5.2.1-Codificação do Português Angolano

Por codificação entende-se o processo de elaboração da norma (norma-padrão)²⁵ de funcionamento de uma língua e a sua respectiva conservação e divulgação em gramáticas, dicionários, enciclopédias manuais escolares e prontuários (Reis, 2006).

²⁵ Segundo Mateus e Cardeira (2007).

Câmara Jr (1976) atenta que a codificação é o resultado da descrição que se faz de uma determinada língua, isto é, para que haja codificação tem de haver, necessariamente, estudos sobre a funcionalidade gramatical da língua que se quer codificar.

Portanto, para que se faça a codificação do PA, com vista a adequar o ensino da gramática do português em Angola e melhorar o seu ensino dentro do território nacional, a primeira acção a ser realizada é a descrição profunda da variedade em questão. O quadro (12) apresenta, como proposta, mais detalhes sobre a concretização da codificação do PA.

Quadro 12-Codificação do PA

Acções	Passos	Intervenientes
1)-Elaboração da Norma-padrão do PA	1º)-Disponibilização de valores financeiros e meios técnicos 2º)-Descrição fonológica e morfosintáctica do PA 3º)-Eleição da norma-padrão do PA	Linguistas e Professores de Língua Portuguesa (com formação na área) antropólogos, sociólogos, escritores, historiadores, a imprensa e outros meios de comunicação massiva sob tutela do Ministério do Ensino Superior, Ciência, Tecnologia e Inovação (MESCTI) e o Ministério da Educação (ME)
2)-Divulgação e conservação da norma-padrão do PA em gramáticas, prontuários e manuais de ensino	1º)-Disponibilização de valores financeiros e meios técnicos 2º)-Criação da terminologia gramatical do PA (TGPA) 3º)-Elaboração das gramáticas, prontuários e manuais didácticos	

Tendo em conta o que se apresenta no quadro (12), propusemos para a codificação do PA duas acções peculiares, destacando as etapas de realização das mesmas. O referido quadro apresenta ainda as entidades realizadoras das duas acções seleccionadas.

Relativamente à primeira acção, “elaboração da norma do PA”, elegeu-se como primeiro passo a disponibilização de meios financeiros e técnicos por parte dos órgãos de tutela, no caso o MESCTI e ME que também aparecem como intervenientes. Tais meios facilitariam a realização do segundo passo que consistiria em “descrever fonológica e morfossintacticamente o PA” de forma aprofundada.

A realização do primeiro passo da primeira acção “Elaboração da norma-padrão” levaria em conta o que Calvet (2007: p. 67) diz:

Quando um país decide promover uma língua para determinada função, ele pode ter de encarar uma situação de dialeção. Isso significa que essa língua pode ser falada de maneira diferente por toda a extensão do território, com uma fonologia, um vocabulário e uma sintaxe parcialmente diferentes.

Desta forma, a descrição da língua portuguesa em Angola seria condicionada pelos princípios dialectológicos (variedades regionais do PA) e sociolinguísticos (variedades sociais). Quanto a este aspecto, temos a realçar que os estudos regionais sobre a funcionalidade gramatical da língua portuguesa em Angola já é uma realidade. A título de exemplo, temos a destacar os estudos de Miguel (2003) e Miguel (2019) que descrevem a realidade gramatical da língua portuguesa em Luanda.

Para que os estudos regionais reflitam a realidade, somos de opinião que o mesmo seja feito tendo em conta a perspectiva do contacto entre as línguas locais/nacionais e a língua portuguesa, tal como fizeram Costa (2006) e Miguel (2019) com o kimbundu. Assim, como as línguas nacionais são, mais ou menos, de localização regional, (kikongo e kimbundu à Norte e Oeste; umbundu Centro-Sul e Oeste; cokwe Leste; ngangela à Leste e Sul e oshikwanyama a Sul, só para citar as mais faladas (Adriano, 2015)) seria mais fácil detectar, em função desse contacto, diversos pontos comuns, na concretização do português nas diversas regiões de Angola.

Relativamente ao terceiro passo para a codificação do PA “eleição da norma-padrão do PA”, vale, antes de mais, salientar que Calvet (2007: p. 67) aponta para duas soluções: “pode-se seleccionar uma das formas em presença ou então forjar uma forma nova a partir das formas existentes”. Na nossa perspectiva para o caso de Angola, seria mais viável a aplicação da segunda proposta de Calvet (2007), segundo a qual será necessário que se faça a descrição das diversas variedades, tanto regionais quanto sociais, tal como já referenciamos, para se criar uma forma de uso que seja intermediária e que reúna diversos pontos comuns entre as referidas variedades e que posteriormente fosse divulgada pela escola e os diversos meios de comunicação.

Desta forma, a norma-padrão eleita será uma forma funcional, ou seja, uma forma derivada do conjunto das estratégias gramaticais que os falantes usam, com grandes possibilidades de alcance, a nível nacional, para produzir enunciados coerentes como nos dá a entender Callou (2011).

Quanto à segunda acção, que seria determinada pela forma como o PA fosse descrito, seleccionou-se como passo principal, para além do que tem em comum com a acção anterior, a “criação da terminologia gramatical do PA. Esta terminologia teria como base as características fonológicas e morfossintácticas do PA impostas pelos diferentes processos gramaticais. Desta forma, poder-se-ia, à título de exemplo, falar na escola, do processo de pré-pluralização de sintagmas nominais como uma tipicidade do PA.

Por fim, elaborar-se-iam os livros (gramáticas, prontuários e manuais escolares) que serviriam de utensílio de conservação e divulgação, por meio do ensino e não só, da norma-padrão do PA.

Os linguistas e professores de língua portuguesa seriam os principais actores por serem as entidades dotadas de habilidades científicas e pedagógicas que possibilitam a descrição e o ensino da língua em questão no nosso território. Os mesmos contariam com o apoio incondicional de outros especialistas assim como a imprensa e outros meios de comunicação e, principalmente, das Instituições de Ensino Superior (IES) sub tutela do MESCTI e das Delegações

Provinciais da Educação sob tutela do ME nas localidades em que forem feitos os estudos.

Certamente, tem-se, como refere Reis (2006), como base do processo de codificação linguística a criação da norma ortográfica. No entanto, ao nosso ver, este é um assunto que carece de um tratamento particular embora também se relacione com o funcionamento da gramática da referida língua. Em outros estudos faremos tal abordagem caso hajam possibilidades.

5.3-Métodos e Técnicas para o Ensino da Gramática do Português no Cuando Cubango/Angola

Métodos e técnicas, embora muitas vezes sejam usados como sinónimos, são conceitos diferentes. Métodos são os caminhos seguidos para a realização de uma acção, no nosso caso, o ensino da gramática. Técnicas são os procedimentos e recursos usados para desenvolver ou realizar um determinado método (Diogo, 2014).

No presente estudo, as questões relacionadas com os métodos e técnicas usadas no ensino da gramática surgem pelo facto de, ao nosso ver, um dos aspectos que dificultam o processo de ensino e aprendizagem da gramática da língua portuguesa em Angola, para além da problemática da norma-padrão, tem que ver com os métodos e técnicas usadas pelos professores, tal como referimos na enunciação do problema em estudo.

Neto (2012) dá conta de que as aulas de gramática do português no nosso território são orientadas de tal forma que os alunos memorizem e reproduzam as definições e regras gramaticais, assim como orienta o método tradicional que se centra simplesmente no conteúdo a ser transmitido.

Esta realidade faz-nos deduzir que os professores de língua portuguesa em Angola não seleccionam os métodos e técnicas para o ensino da gramática em conformidade, ou pelo menos não de forma global, com os princípios ou factores a ter em conta na elaboração de objectivos, tal como nos dá a conhecer Diogo (2014: p. 84), que são: “(i) as características dos formandos, (ii) as características do saber, (iii) os condicionamentos e os recursos inerentes à situação de formação e (iv) o seu estilo pessoal”. Quanto à essa

questão, Callou (2011) é de opinião que o ensino da gramática tenha como ponto de partida um conjunto de características determináveis da situação real (linguística e social) do aluno-falante.

É assim que, para reverter a presente situação, baseamo-nos no funcionalismo para, como proposta, apresentar métodos e técnicas que, para além de se basearem na condição real do aluno, no uso que o mesmo faz da língua que aprende, permita que o mesmo reflita sobre os mecanismos formacionais e/ou estruturais da referida língua.

5.3.1-Métodos e Técnicas Activas para o Ensino da gramática do Português no Cuando Cuabango/Angola

Os métodos activos são aqueles que, tal como entende John Dewey (sine date) apud Diogo (2014: p. 82), se baseiam na acção exercida pelos alunos durante a aprendizagem e visa vincular o processo de ensino e aprendizagem com a observação, reflexão, experimentação e realidade dos alunos. São, segundo a nossa perspectiva, métodos que se centram no aluno e têm como ponto central e orientador, antes de tudo, aquilo que o aluno é.

No âmbito do ensino de línguas, tais métodos têm como ponto fulcral o uso que os falantes fazem da língua objecto de aprendizagem. São métodos que coadunam com a perspectiva funcionalista sobre o ensino da gramática, segundo a qual, no processo de ensino da gramática deve-se privilegiar o uso que aluno faz da língua (Cunha & Tavares, 2016).

É objectivo deste estudo propor o abandono total dos métodos tradicionais, centrados no conteúdo, e a adopção ou uso dos métodos activos para o ensino da gramática do português no Cuando Cubango/Angola.

Entre os diversos métodos activos, propomos, para a realidade em estudo, o uso do método indutivo, não como um exercício meramente mental, mas sim prático e activo por meio do qual o aluno, a parir do contacto com um texto, retire as características gramaticais que constituem as regras gramaticais, no processo de ensino da gramática da língua portuguesa. Usando este método, o professor fará com que o aluno conheça o funcionamento gramatical da língua

por meio da análise de um *corpus* pedagógico seleccionado em função dos objectivos da aula (Mpanzu, 2018).

Usando o método indutivo, estaremos a aplicar, no processo de ensino, o conceito de gramática activa que tem como objectivo despertar no aluno o raciocínio e a mobilização da capacidade intelectual; é uma gramática de produção e não de reprodução (Bertocchini, Costanzo & Puren (sine date) apud Mpanzu, 2018: Pg. 55).

Tendo em conta o acima referido, usando o método indutivo e as técnicas activas, a aula de gramática da língua portuguesa no Cuando Cubango/Angola processar-se-á em conformidade com o espelhado no quadro (13), no qual apresentamos mais detalhes sobre a realização prática da aula de gramática que propomos neste estudo.

Quadro 13- Método e Procedimentos a Serem Usados na Aula de Gramática do Português no Cuando Cubango/Angola²⁶

Método Principal	Procedimentos	Observações
Indutivo	1ª Actividade: selecção/apresentação do texto (oral/escrito); 2ª Actividade: leitura do texto (caso este seja escrito) ou audição (caso seja oral); 3ª Actividade: Reflexão ou análise gramatical do texto feita pelos alunos com a supervisão do professor; 4ª Actividade: Exercício de aplicação; 5ª Actividade: Produção textual (oral ou escrita) com objectivo de aplicar	O professor pode optar por outros métodos activos para servirem de auxiliares do principal (indutivo), tais como: trabalho independente, trabalho em grupo, ensino pela descoberta e resolução de problemas (Diogo, 2014).

²⁶ Baseado em Mpanzu (2018).

	os conteúdos retirados do texto.	
--	----------------------------------	--

A eleição do método indutivo como método principal usado na aula de gramática justifica-se pelo facto de o mesmo coincidir com o conceito de gramática contextualizada apresentada por Bertocchini, Costanzo e Puren (apud Mpanzu, 2018: Pg. 55), segundo o qual, as regras gramaticais devem ser propostas dentro de uma situação de comunicação, ou seja, de um texto e não dentro de exercícios artificiais composto por frases isoladas, como advoga a gramática descontextualizada.

Tal opção sustenta mais ainda a nossa intenção de, de acordo com os princípios teóricos funcionalistas sobre a gramática, propor a adequação do ensino da gramática da língua portuguesa à realidade do aluno-falante.

O referido método, segundo o que se vê no quadro (13), será auxiliado pelos métodos ou técnicas: trabalho independente, trabalho em grupo, ensino pela descoberta e resolução de problemas.

O trabalho independente é uma técnica de ensino que consiste na aplicação de tarefas a serem realizadas, de forma independente, pelos alunos. Para tal, é necessário (i) que as tarefas aplicadas sejam claras e adequadas ao conhecimento e capacidade dos alunos; (ii) que o professor assegure as condições de realização do trabalho e (iii) que o professor acompanhe de perto a realização do trabalho. O grande objectivo do trabalho independente é desenvolver a actividade mental dos alunos (Digo, 2014).

A técnica de trabalho em grupo consiste na distribuição de tarefas que deverão ser realizadas por grupos compostos por três ou cinco alunos. O método ou técnica de ensino pela descoberta é o que tem o seu foco pôr o aluno a analisar uma informação e dela extrair as conclusões. Desta forma, os alunos, por meio de um processo de busca activa, fazem a aquisição de factos, conceitos e princípios (Diogo, 2014).

A resolução de problemas é a técnica que visa pôr o aluno a explorar hipóteses de estratégias possíveis para a resolução de um problema proposto pelo professor e actuar com base nela (Diogo, 2014).

No que diz respeito à primeira actividade, recomenda-se que o texto (oral ou escrito) a ser usado na aula de gramática da língua portuguesa seja seleccionado em função dos objectivos da aula e revele as características gramaticais funcionais ou reais da língua portuguesa no Cuando Cubango/Angola, como alerta Callou (2011). Desta forma, deduz-se que o principal critério para a selecção do texto é a pertinência comunicativa, ou seja, se o texto em causa fizer veicular a comunicação entre o emissor e os alunos pode ser usado na aula de gramática.

Quanto à escolha da modalidade do texto, sugerimos que seja intercalada. Se o professor eleger na primeira semana um texto oral, na segunda terá que optar pelo escrito ou vice-versa. Entretanto, em aulas onde se pretenda explorar a pronúncia ou análise fonológica, a opção será sempre pelo texto oral embora o mesmo possa servir também para os casos de análise morfossintáctica, sendo que nesses casos, as frases a serem analisadas deverão ser transcritas pelos alunos mas seleccionadas pelo professor. Esta estratégia vai ajudar os alunos a desenvolverem a habidade de escuta e escrita.

Relativamente à segunda actividade, o objectivo é fazer com que o aluno perceba o significado das palavras do texto e o texto em si, tomando em atenção a forma como são escritas, no caso do texto escrito, e como são pronunciadas no caso do texto oral (Azvedo, 2012). Para facilitar tal percepção, o professor terá que escolher um texto que se aproxime ao máximo à realidade sociocultural dos alunos e orientar que os processos de leitura e audição sejam realizados no mínimo duas vezes.

Na análise gramatical do texto, realizada na terceira actividade, numa primeira fase o professor terá que informar aos alunos o objectivo da análise e a que nível da gramática a mesma ocorrerá. A nossa opinião sobre os níveis da gramática é que se considerem apenas os níveis fonológico “segunda articulação martinetiana” e morfossintáctico “primeira articulação martinetiana”.

Caso o nível seja o fonológico, somos de opinião que o professor oriente os alunos a aplicarem as técnicas de análise comutativa, distribuição combinatória e pertinência das unidades mínimas da segunda articulação (os fonemas). Será necessário também que se observe as variantes dos fonemas e os processos fonológicos que as dão origem. O objectivo será habilitar o aluno a reconhecer os sons da língua portuguesa e a perceber a sua verdadeira função no sistema fonológico da língua portuguesa. Para este nível é, como dissemos, obrigatório o uso do texto oral para a análise ou exploração gramatical tal como se pode ver no apêndice (2.1) que apresenta o plano de aula de análise ou exploração gramatical.

Entretanto, se a análise for direccionada para o nível morfossintáctico, o professor deverá levar os alunos a, acima de tudo, aterem-se na pertinência comunicativa. Assim, as construções gramaticais que se desviarem da norma-padrão não serão um problema morfossintáctico se não distorcerem a informação veiculada pela frase retirada do texto. Outrossim, o professor deverá alertar os alunos a prestarem atenção às diversas estratégias gramaticais usadas no texto e levá-los a reflectirem sobre elas de acordo com alguns princípios funcionalistas de análise gramatical (apresentados no capítulo II).

Os exercícios de aplicação assim como a produção textual (oral ou escrita), que constituem a quarta e quinta actividades, respectivamente, da nossa proposta de actividades para aula de gramática do português deverão ser realizados em conformidade com os objectivos da aula. No entanto, será mais proveitoso que o professor informe aos alunos que usem as mesmas estratégias exploradas no texto analisado e que desenvolvam o mesmo tema retratado no texto. Mais detalhes sobre isso podem ser vistos no apêndice (2.1) para o caso do texto oral e anexo (2.2) para o caso do texto escrito.

Dado o facto de que o ensino da gramática da língua portuguesa em Angola está marcado pelas dificuldades de alcance da norma-padrão e pelo uso de métodos e técnicas que privilegiam o conteúdo gramatical e descartam a realidade do aluno-falante, propomos, neste último capítulo do nosso estudo, que se crie uma norma-padrão do PA e que se adotem métodos e técnicas activas, centradas no aluno e que considerem o uso que o mesmo faz da

língua portuguesa, desde que não fuja do objectivo principal do uso da língua “comunicar” para o ensino da gramática da língua portuguesa.

CAPÍTULO VI - CONSIDERAÇÕES FINAIS

6.1-Conclusões

O presente estudo foi desenvolvido em função das dificuldades consentidas no processo de ensino e aprendizagem da gramática da língua portuguesa em Angola. O problema levantado surge em função do facto de que em Angola se ensina uma norma-padrão que dificilmente é alcançada pelos falantes (professores e alunos) e pela forma como a mesma tem sido ensinada, ou seja, os métodos de ensino da gramática adotados pelos professores em Angola não são os mais adequados para o ensino da gramática.

Relativamente aos objectivos formulados na presente dissertação, concluímos que:

- i. No que diz respeito ao objectivo geral, *Contribuir para a descrição fonológica e morfossintáctica do PA, visando a melhoria do ensino da gramática da língua portuguesa em Angola* percebemos que a descrição aqui apresentada do PCC é um contributo directo para a descrição dialectal do PA e que pode ser aproveitada para a criação da norma-padrão da referida variedade. Como defendemos no *Capítulo V*, para melhor aproximação à realidade linguística angolana, recomenda-se a descrição dialectal do PA.
- ii. Quanto ao primeiro objectivo específico, *Identificar as principais características fonológicas e morfossintácticas do português falado no Cuando Cubango*, temos a relatar que o mesmo foi alcançado no *IV Capítulo*. Destacamos, nesse capítulo, as principais características do PCC. À título de exemplo, no nível fonológico, a realização do fonema /a/ como central aberta [a] em todos os contextos ou ambientes fonológicos (ex.: caderno → [ka`ðɛnu]); a desnasalização das sequências fonológicas /uN/ e /eN/ (ex.: função → [fuØ`sãũ]; manutenção → [manuØteØ`sãũ]) e a pré-nasalização, ou mesmo nasalização dos fonemas /d/, /b/, /p/ e /g/ (ex.: aprendizagem → [aprẽ`di`zaʒiØ]; embora → [ẽj`bɔra]; acompanhas → [acõ`pa`ɲaØ]; Angola → [ã`ŋɔla]). No nível morfossintáctico, destacamos como principais características do PCC, o caso da pré-pluralização de

sintagmas nominais (ex.: **Os consumidor/ØØ/** / dizem (...)) assim como os casos de transposições gramaticais envolvendo unidades pronominais (ex.: **você não acompanhas**) e verbais (ex.: as message/Ø/ que temos **recebido na** população).

- iii. Relativamente ao segundo objectivo específico, *Adequar o ensino da gramática da língua portuguesa à realidade linguística do falante-aluno do português no Cuando Cubango e em Angola*, apura-se que a sua concretização é um facto, dado que, o presente estudo apresenta, no *V Capítulo*, como propostas para a adequação do ensino da gramática do português à realidade do falante-aluno a “codificação PA” destacando acções e passos para a sua concretização.
- iv. O desenvolvimento do *V Capítulo* permitiu-nos ainda concretizar o terceiro objectivo da nossa dissertação *Apresentar métodos e técnicas, baseadas no funcionalismo, como propostas para a melhoria do ensino da gramática do português no Cuando Cubango e em Angola*. O subtema (5.3) apresenta, de forma detalhada, o método indutivo e os procedimentos activos para a realização eficaz da aula de gramática da língua portuguesa.

No que tange às hipóteses levantadas como pré-respostas ao problema, concluímos o seguinte:

- I. A primeira hipótese *O português do Cuando Cubango, como subvariedade do Português Angolano, apresenta características fonológicas e morfossintácticas divergentes da norma-padrão europeia ensinada e promovida pela escola angolana, pelo que, urge a necessidade de se estabelecer uma norma-padrão do PA a ser ensinada* foi confirmada na totalidade em função do que apresentamos no *Capítulo IV*. Por esta razão, somos de opinião que se estabeleça uma norma-padrão do PA, que se aproxime, ao máximo, ao uso que os falantes fazem da língua portuguesa.
- II. Relativamente à segunda hipótese *O ensino da gramática da língua portuguesa, usando métodos e técnicas, baseadas no funcionalismo, privilegiando o uso ou padrão real dos alunos-falantes, pode resolver os problemas detectados no ensino da gramática do português no Cuando*

Cubango e de forma geral em Angola, tendo em conta a forma como foi formulada, apuramos que para a sua confirmação precisa de ser testada. Entretanto, durante as nossas aulas de línguas portuguesa no Instituto Politécnico da Universidade Cuito Cuanavale situada na cidade de Menongue no Cuando Cubango, tivemos a oportunidade de aplicar tais métodos e observamos resultados satisfatórios o que nos levou a, durante um encontro de carácter formativo com os professores de língua portuguesa em Menongue, realizado em Setembro de 2020, propor o uso de tais métodos e posteriormente a formulação da referida hipótese.

6.2-Sugestões e Realização de Possíveis Estudos

Tendo em conta o que desenvolvemos nesta dissertação, relevando a perspectiva funcionalista sobre a gramática e a forma como ela deve ser ensinada, sugerimos, a nível nacional:

- i. A aposta constante e cada vez mais forte na descrição dialectal do PA com o objectivo de se estabelecer o mais rápido possível a sua norma-padrão a ser ensinada e promovida pela escola e meios de comunicação social angolanos;
- ii. A adopção dos métodos activos no processo de ensino e aprendizagem da gramática da língua portuguesa (LP) em Angola, para que se desenvolva no aluno-falante a capacidade de refletir sobre o funcionamento gramatical da língua que aprende;

Estamos confiantes de que a primeira acção vai ajudar a melhorar o ensino da gramática da LP em Angola. Entretanto, sabemos também que tal acção não vai esgotar de forma cabal com as dificuldades consentidas no processo de ensino e aprendizagem da gramática, facto que sustenta a formulação da segunda sugestão. O que pretendemos, ao apresentar essas duas acções como sugestão, é uma mudança de paradigma que se reflita nas duas áreas que, ao nosso ver, causaram o problema levantado e resolvido no desenrolar do nosso estudo: política linguística angolana e métodos de ensino da gramática da língua portuguesa em Angola.

A nível do campo de acção escolhido para o desenvolvimento desta dissertação (a província do Cuando Cubango) temos a sugerir o seguinte:

- i. A implementação do curso de ensino da língua portuguesa para que se possam formar professores de língua portuguesa que contribuam com o seu saber na descrição da variedade local do PA e na implementação dos métodos activos no processo de ensino da gramática da LP na referida localidade;
- ii. A disponibilidade e cooperação das entidades governamentais locais para que se efective a realização da primeira sugestão.

A Universidade Cuito Cuanavale (UCC), assim como o Instituto Politécnico Privado de Menongue (ISPPM) não ministram o curso de ensino da língua portuguesa. Caso se implemente este curso, acreditamos que o PCC será cada vez mais estudado e dado a conhecer, o que facilitará a concretização da sugestão (i) e (ii) apresentadas anteriormente. Para tal, terão de contar com o apoio das entidades governamentais locais que vão ajudar na divulgação das características gramaticais tidas como típicas do PCC.

Nos próximos estudos, pretendemos: continuar a descrever o PCC, sobretudo os aspectos fonológicos para contribuir na criação de um padrão fonético da referida variedade e desenvolver estudos que ajudem os professores a usar, nas aulas de gramática da língua portuguesa, os métodos activos.

7-BIBLIOGRAFIA

Adriano, P. (2014). Tratamento Morfossintático de Expressões e Estruturas Frásicas do Português em Angola. (Tese de Doutoramento, Universidade de Évora).

Adriano, S.P. (2015). A Crise Normativa do Português em Angola: Cliticização e Regência Verbal: que atitude normativa para o professor e o revisor? Mayamba.

Agostinho, I (2011). A Pronominalização Relativa. Português 1.

Avelar, J. O. (2011). Introdução ao Estudo Teórico de Aspectos Gramaticais. Universidade Estadual de Campinas.

Azevedo, F. J. (2012). Metodologia da Língua Portuguesa. Plural Editores.

Barbosa, J. M. (1994). Introdução ao Estudo da Fonologia e Morfologia do Português. Livraria Almedina.

Bernardo, E. P. (2017). Norma e Variação Linguística Implicações no Ensino da Língua Portuguesa em Angola. Revista Internacional da Língua Portuguesa 32 (edições), 39-54.

Cagliari, L. C. (2002). Análise Fonológica: Introdução à Teoria e à Prática com Especial Destaque para o Modelo Fonêmico. Mercado de Letras.

Callou, D. (2011). Gramática Variação e Norma. In Ensino da Gramática: Descrição e Uso (pp. 13-27). Contexto.

Calvet, L. J. (2007). As Políticas Linguística. Parábola.

Câmara, J. M. (1976). Problemas de Linguística Descritiva. Editora Vozes.

Câmara, J. M. (2004). Estrutura da Língua Portuguesa. Editora Vozes.

Casteleiro, J. M. (2007) Dicionário Gramatical de Verbos Portugueses. Texto Editores.

Coelho, I. L. et al (2012). Sociolinguística. UFSC.

Conselho da Europa (2001). Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas: *Aprendizagem, Ensino, Avaliação*. ASA.

Costa, A. F. (2006). Rupturas Estruturais do Português e Línguas Bantu em Angola: Para uma Análise Diferencial. UCAN.

Costa, T. (2015). Umbundismos no Português de Angola: Proposta de um Dicionário de Umbundismos. (Tese de Doutoramento, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa).

Costa, T. M. (2013). OS empréstimos das Línguas Bantu no Português Falado em Angola. Grafvico.

Cunha, C. e Cintra, L. (2014). Nova Gramática do Português Contemporâneo. Edições João Sá da Costa.

Cunha, M. A. (2011). Funcionalismo. In Mortalotta, Mário Eduardo et al. Manual de Linguística. Editora Contexto.

Cunha, M. A. e Tavares, M. A. (2016). Funcionalismo e Ensino de Gramática. EDUTRN.

Dicionário de Italiano – Português e Português – Italiano (2013). Porto Editora.

Diogo, F. (2014). Desenvolvimento Curricular. Luanda. Plural Editores.

Duarte, I. (2000). Língua Portuguesa: Instrumento de Análise. Universidade Aberta.

Eduardo, A. (2019). Aquisição do Português Língua Segunda no Contexto da Escola Angolana: Perspectiva para a Normalização do Português Falado em Angola . (Tese de Doutoramento, Universidade de Évora).

Eliseu, A. (2008). Sintaxe do Português. Nzila.

Faria, I. H. et al (1996). Introdução à Linguística Geral e Portuguesa. Caminho.

Fernandes, J. e Ntongo, Z. (2002). Angola: Povos e Línguas. Nzila.

Ferraz, M. J. (2006). Ensino da Língua Materna. Nzila.

Ferreira, M. (1988). Que Futuro para a Língua Portuguesa em África: *Uma Perspectiva Sociocultural*. ALAC.

Gallisson, R. e Coste, D. (1983). Dicionário de Didácticas das Línguas. Livraria Almedina.

Gomes, A. e Cavacas, F. (2006) A Língua não é Traíçoeira: Morfologia. Clássica Editora.

Gorski, E. M. et al (2010). Sociolinguísticas. UFSC.

Jakobson, R. (2006). Princípios de Fonologia Histórica. Curt Nimuendajú.

Kristeva, J. (2007). História da Linguagem. Edições 70.

Labov, W. (2008). Padrões Sociolinguísticos. Parábola

Marçalo, M. J. (1992). Introdução à Linguística Funcional. Ministério da Educação.

Marçalo, M. J. (2009). Fundamentos para Uma Gramática de Funções Aplicada ao Português. Évora-MMIX.

Marconi, M. A. e Lakatos, E. M. (2010). Fundamentos de Metodologia Científica. Editora Atlas.

Marconi, M. A. e Lakatos, E. M. (2010). Técnicas de Pesquisa: Planejamento e Execução, Amostragem e Técnicas de Pesquisa, Elaboração, Análise e Interpretação de Dados. Editora Atlas.

Margotti, F. W. e Margotti, R. de C. (2011). Morfologia do Português. Florianópolis.

Martinet, A. (2014). Elementos de Linguística Geral. Clássica Editora.

Mateus, M. H et al (2005). Fonética e Fonologia do Português. Universidade Aberta.

Mateus, M. H. (2004). Estudando a Melodia da Fala: Traços Prosódicos e Constituintes Prosódicos. In Encontro Sobre o Ensino das Línguas e a Linguística.

Mateus, M. H. e Cardeira, E. (2007). Norma e Variação. Caminho.

Mateus, M. H. e Rodrigues, C. (2005). A Vibrante em Coda no Português. In A Língua Portuguesa em Mudança (pp. 97-103). Caminho.

Mateus, M. H. et al (2003). Gramática da Língua Portuguesa. Caminho.

Matias, G. et al. (1997). O Mundo Cultural dos Ngangelas. Editorial Perpétuo Socorro.

Miguel, A. (2013). Sobre a Referência Indeterminada de Sujeito e Agente da Passiva em Português Europeu. Mayamba.

Miguel, A. (2019). Integração Morfológica e Fonológica de Empréstimos Lexicais Bantos no Português Oral de Luanda. (Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa).

Mingas A. (2005). Língua vs Fala: A Questão Angolana. In Língua Portuguesa e Cooperação para o Desenvolvimento (pp 102-111). Edições Calibre e CIDAC.

Mioto, C.; Silva, M. C. e Lopes, R. E. (2007). Novo Manual de Sintaxe. Editora Insular.

Mollica, M. C. e Braga, M. L. (2003). Introdução à Sociolinguística: O Tratamento da Variação. Contexto.

Moura, J. A. (2011). Gramática do Português Actual. Lisboa Editora.

Mpanzu, M. (2018). Tendências Actuais no Ensino-Aprendizagem da Gramática das Línguas Não Maternas. ECO 70.

Neto, M. G. (2012). Aproximação Linguística e Experiência Comunicacional: O Caso da Escola de Formação Garcia Neto. Mayamba.

Neves, H. M. (1994). Uma Visão Geral da Gramática Funcional. Alfa. 38(edição), 119-127.

Neves, H. M. (1997). A Gramática de Usos é Uma Gramática Funcional. Alfa 41 (edição), 15-24.

Perini, M. A. (2006). Princípios de Linguística Descritiva. Parábola.

Piletti, C. (2004). Didáctica Geral. Ática.

PROGRAMA DE LÍNGUA PORTUGUESA do Primeiro Ciclo

PROGRAMA DE LÍNGUA PORTUGUESA do Segundo Ciclo.

PROGRAMAS DA UNIDADE CURRICULAR de Língua Portuguesa do 1º e 2º anos da Universidade Cuito Cuanavale.

Queta, C. (2000). A Língua Portuguesa em Angola: Diálogo e Conflito. In Caderno de Estudos Literários e Linguísticos (pp. 57-65). Mayamba.

Reis, V. (2006). Sociolinguística: Dinâmica Funcional vs Problemas Funcionais da Língua. Nzila.

Rocha, M.; Matos, M. e Tavares, S. (2014). Assim é que é Falar: 201 Perguntas, Respostas e Regras Sobre o Português Falado e Escrito. Planeta.

Rodrigues, R. H. e Cerutti-Rizzatti, M. E. (2011). Linguística Aplicada. Florianópolis.

Rosário, I. (2015). Sintaxe Funcional. In Sintaxe, Sintaxes: Uma Introdução (pp. 143-161). Contexto.

Rosetti, A. (1999). Introdução à Fonética. Publicações Europa – América.

Sandmann, A. J. (1991). Morfologia Geral: Novas Palavras do Português no Brasil, Nomenclatura Gramatical Brasileira, Mecanismos de Estruturação Vocabular. Contexto.

Saussure, F. (2006). Curso de Linguística Geral. Editora Cultrix.

- Seara, I. C. et all (2011). Fonética e Fonologia do Português Brasileiro. UFSC.
- Silva, A. H. (2007). Língua Portuguesa I: Fonética e Fonologia. IESDE.
- Suelela, D. (2019). Complementação Finita no Português de Angola: Para Uma Gramática da Frase. (Tese de Doutoramento, Universidade de Évora).
- Tchimbali, A. (2017). Antroponímia na Língua Ngangela. (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa).
- Trubetzkoi, N. (1933). A Fonologia Actual. Journal de Psychologie Normale et Pathologique 30 (edição), 227-246.
- Tyimuna, V. (2009). Gramática Ngangela. Gráfica de Coimbra.
- Undolo, M. (2016). A Norma do Português Angolano: Subsídio para o seu Estudo. ESP-Bengo.
- Undolo, M. (2020). Introdução à Linguística Aplicada ao Ensino de Português. Edições Eco7.
- Vicente, F.(2015). Topónimos dos Municípios e Comunas do Cuando Cubango: Proposta de Armonização de Grafia. (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa).
- Zanotto, N. (1996). Estrutura Mórfica da Língua Portuguesa. EDUCS.

ANEXOS I E II

Anexo 1-Corpus Transcrito

1.1-Transcrição Fonética

Programa Globo Informativo Emitido pela RCC no dia 01 de Julho de 2021

- a) [u] [teRi`torju] XX [u] [ˈkrimiØ] [sãw] [a`kelij] [ki] [u] [Komã`ndãti] [do`mina]/ [i] [na] [keftãw] [da] [k`otẽ]`sãw [a] [difiku`dadij]/ [pur] [Ra`zõ~j] [ˈda] [Redu`sãw]/ [nu]/ [ˈna] eh/ [ma] [ˈesi] [ε] [ũ] [ˈkazu] [ki] [ʒa] [domi`namu]/ [ε] [ũ] [ˈkazu] [nasjo`naØ]/ [provísi`aØ]/ [munisi`paØ] [i] [komu`naØ]//
- [ta`mØẽ~j] [fi`kamu] [sati`fɛjtũØ] [kõ]/ [kõ] [a] [sitwa`sãw] [du] [kõ`trõlu] [i] [ta`mØẽ~j] eh [ˈtamu] [a] [traba`laØ] [na] [keftãw] [da] [seØsibØliza`sãw]/ [da] [komuni`dadiØ]/ [i]/ [na] [sitwa`sãw] [du] [uzu] [de] [ˈma]kara]/ [ẽ~j] [fuØ`sãw] [ˈdɛsa] [pã`de`mia] [du] [ko`vidi] [deza`novi] [ki] [ˈta] [a] [aso`laØ] / [i] [aprovejtãdu] [tamØẽ~j] [ʒa] [ˈɛsa] [parti] [du] [ˈfriw] [da] [ˈɛpoka] [ki] [Ø`tamu] [a] [atrave`saØ] [ki] [e] [uma] [ˈɛpoka] [ki] [ˈɛsa] [du`ɛsa] [ɔ] [ˈɛsa] [pã`de`mia] [ma] [ˈgofta]/ [ẽ~j]`tãw / [e] [uma] [sitwa`sãw] [tamØẽ~j] [ki] [ˈʒũtu] [da]/ dire`sãw/ [du]/ [da] [pu`lisja]/ [ko`mãdu] [da] [Ø`kwadra]/ [ØØ`tamu] [a] [traba`laØ] [na] [keftãw] [de]/ [de] [kũ`primu] [kõ] [a`kilu] [ki] [sãw] [a] [ˈnormaØ]/ [a] [ɛjØ] eh [ki] [ØØ`tamu] [a] [vi`vɛØ] [a] [ˈniveØ] [nasjo`naØ]/ [ˈõdi] [ki] [u] [ka`ju`du] [nãw] [ˈfɔʒi] xx [pe`rãti] [ˈɛsa] [sitwa- sãw] //
- [i] [ˈtemu] [ØØtadu] [mwĩtu] [kõgratu`laduØ]/ [i] [a] [meØ`saʒiØØ] [ki] [ˈtemu] [Rese`bidu] [da] [popula`sãw]/ [te`jẽ~j] [sidu] [mwĩtu] [ˈboaØ]//
- [...] [prísipal`mẽti] [a`kelij] [deliØ`kwẽti]/ [u] [ka`paku] [ki] [ã`do] [a`ki]/ [ki] [so] [ˈfɔj] [ˈmɛØmu] [ˈesi] [ˈnosu] [ˈtẽ~pu] [ki] [ˈfɔj]/ [ki] [ˈfɔj] [apa`nadu]//
- [i] [tam`Øjẽ~j] [na`kilu] [ki] xx [aw`gũ] [kõ`portamẽtuØ] [ki] [a] [popula`sãw] [ˈtina] [aki]/ [ki] [ˈɛ~j] [ˈnga`ngɛla] [ˈno] [ja`mamuØ] [cu`ɛka]//
- [...] [ˈɛli] [ẽ~j] [ˈvɛʒ] [de] [ˈvɛrẽ~j] / [de] [aprezẽ`tarẽ~j] [ɔ] [se] [keØ`farẽ~j] [pre`fɛrẽ~j] [ˈɛtre] [ˈɛli]/ [nãw] [e]/ [paga`rẽ~si] [ˈboj]//
- [...] [ˈtemu] [ˈsidu] [ẽ~jkami`nadu]/ [ˈtãtu] [ˈfa] [nu] [ˈnovu] [dele`gadu] / [eti`setra]//

- b) [ˈnɔ] [ØØˈtamu] [a] [faˈzɛØ] [ˈuma] [kãˈpapa]/ [mõˈtɔsi] [ˈpɔftu] [ˈpØra]
[dezafoˈgaØ] [a] [ẽːj] [ẽti] [na] [Repartiˈsãw]// [ˈnɔ] [ØØˈtamu] [na] [ˈRua]
[ʒa] [sẽːjsivelˈm̃eti] [a] [ˈdɔjʒ] [ˈmezi]/ [pØra] [sẽːjsibiliˈzaØ] [ˈʒutu] [du]
[kõtribuˈiti]/ [awtomobiˈlifta] eh [ˈpØra] [ØʃklareˈsɛØ] [u] [ki] [ɛ] [...] [u]
[ˈpɔftu] [veˈiculu] [motoriˈzadu] [ki] [efetivaˈm̃eti] [ki] [ˈveju] [subuftituˈir]
[a] [ˈtafa] [de] [sirkulasãw]//
[...] [kõ] [a] [ẽːj] [trada] [ẽːj] [viˈgor] [ˈdɛsi] [deˈcrɛtu] [prezidˈɛːjsiˈali]/
[ẽːj] [tãw] [Reˈvɔga] [u] [diˈpɔftu] [da] [ˈtafa] [de] [sirkulaˈsãw]//
[...] [aˈgoɔra] [ˈtudu] [ki] [e] [veˈikulu] [motoriˈzadu] [ˈpaga] [ˈpɔftu] [i]
[tẽːj] [a] [Øeroˈnaves]/ [a] [ẽːj] [barkaˈs˜ɔØ] [i] [taˈmØẽːj] [a] [vjaˈtura]//
[...] [ẽːj] [tãw] [no] [ØØˈtamu] [aˈki] [a] [faˈzɛØ] [ˈɛsa] [kãˈpapa] [de]
[sẽːjsibØlizasãw] [pØra] [ØʃpliˈkaØ] [u] [awtomobliˈfta]/
[mototaˈksiʃtaØ]/ [ØØtá] [a] [dekoˈRɛØ] [ˈɛsta] [kãˈpapa]//
[...] [ˈdɛʒdi] [feveˈrɛØru] [...] [ma] [a] [saˈidaØ]/ [ʒa] [Øʃtamuz] [a]
[dɔØʒ] [ˈmɛʒØØ] [na] [ˈRua] [...] [ẽːj] [ˈbɔra] xx [ˈdɛʒdi] [a] [seˈmana]
[paˈsada] [e] [ki] [ØØˈta] [maØ] [ˈiˈt̃ɛsu] [pur] [ˈkawza] [du] [ˈtɛminu] [du]
[ˈprazu]//
- c) [ØʃtamuØ] a [trabaˈlaØ] [nu] [ˈãbitu] [ˈdɛsa] [operaˈsãw] [i] [nãw] [ˈso]/
[ˈpØra] [ẽːj] [tãw] [kõtraˈpɔrmus] [ˈtɔdu] [ˈtipu] [di] [ativiˈdadi] [iˈlisita]//
- d) [u] [obuʒeˈtivu] [fũˈdamẽˈtaØ] [ki] [fiˈzɛrãw] [progØaˈmari] [u] [gabiˈneti]
[provˈisiˈaØ] [da] [kuˈtura] [ẽːj] [viziˈtari] [aˈkeli] [ˈnuklew] [bibljoteˈkarju]//
[pØra] [ˈnɔsa] [Reʒiˈãw] [du] [kwãˈdu] [kubãˈgu] [a] [preteØˈsãw] [e] [de]
[koØʃtruˈiri] [ũma] [bibljoˈteka] [provˈisiˈaØ]//
- e) [ʒoˈgamuØ] [c˜ɔ] [u] [kãˈpiˈãw] [oroˈpɛw]/ [uma] [seleˈsãw] muˈitu [ˈforti]
/
[uma] [seleˈsãw] [ki] [cõ] [muˈita] [kwaliˈdadi] [moʃˈtro] [ki] [ãˈgola] [...] [pratikaˈm̃eti]
[ØØˈtava] [na] [paˈrediØ]//
[...] [Øʃtamu] [a] [faˈlaØ] [du]/ [du] [ˈpropØju] [ˈm̃iˈnga] eh [jaˈniki]
[moˈrɛØra] [ˈpØa] [miØ] [ˈsãw] [ʒogaˈdɔri] [ki] [leˈvarãw] [a] [seleˈsãw]
[na] [ˈkɔʃtaØ] [...]//
- f) [kaˈlaj]/ [Riˈvũˈgu] [ˈkujtu] [kwanaˈvatØ] [i] [u] [meˈn˜ɔˈgi] [ˈdɛsi]
[muniˈsipjuØ] [totaliˈzãˈdu] [ˈsãw] [dezaˈnovi] [ˈmili]//

- [ˈtɛmuʒ] [ˈkwatru] [proˈgɔamaʒ] [ki] [øʃtãw] [a] [akõteˈsɛø] [nu] [ˈparki]
[nasjoˈnaø] [luˈjɛnge] [luˈjana] [nu] [Riˈvũgu]/ [nu] [maˈvĩnga] [nu]
[liˈkua]// [priˈmɛøru] [tˈɛ] [a] [vɛø] [kõ] [u] [finaøsjamˈɛtu] [aleˈmãw]//
[...] [ˈɛsa] [piˈkadaø] [ˈpøra] [fasiliˈtaø] [ˈɛ]tãw [u] [tuˈriʒmu] [ki] [si]
[preˈtˈɛndi] [amaˈjã]//
- g) [...] [ˈuma] [ˈvɛ] [ki] [ˈtɛmuz] [aˈkɛla] [peˈsɔaø] [ki] [ˈfɔrãw] [afeˈtada]
[ˈpur] [ˈɛsi] [feˈnɔmenuø] eh [ˈfɔj] [ˈbɔa] [inisiaˈtiva]/ [a] [inisiaˈtiva] [ˈfɔj]
[lɔˈvaveø]//
- h) [...] [ˈsãw] [uʒ] [ˈnɔsoø] [fiˈɛjʒ] [depoziˈtarioø] [ˈnɛfta] [ˈkɔjza] [du]
[proˈdutuʒ] [doˈaduz] [i] [i] [i] [faˈzɛrẽ] [jeˈgaø] [kˈɔ] [aʒ] [direˈsˈɔjz]
[aˈfɪ]// [...] [ˈmaøz] [uma] [ˈvɛ] [u] [paˈpeli] [fũdamẽtaø] [de] [ĩsẽˈtiˈvaø]
[moʃtrãˈdu] [aʒ] [doaˈsˈɔj]//

Programa Fairplay Gravado no Dia 16 de Janeiro de 2022

- a) [a] [sitwaˈsãw] [du] [kuˈãdu] [kuˈbãgu] [ɛ] [ˈpɛsima]// [ˈmaʒ] [ˈnɔʒ]
[ˈnãw] [øʃtamuø] [ˈkɔmoduø]// [aliˈa], [nɔʒ] [øʃkreˈvɛmuø]/ [ˈtɛmuz]
[ũ]/ [ũ] [oˈfisju] [ki] [mãˈdamuz] [aw] [goˈvɛnu]/ [ˈisu] [ˈfɔj] [dia] [deʒ]/
[de] [ki] [dia] [kaˈtorzi] [nɔʒ] [iˈriamuʒ] [koøvoˈkari] [uma] [koøfeˈrɛsja]
[de] [ĩprˈɛsa]//
[...] [ˈgrasaz] [a] [ˈdɛw]/ [na] [seˈmana] [paˈsada] [ˈnɔ] [Reˈseˈbɛmuø]
[ˈʒɛneruz] [i] [ˈviveri]//
- b) [...] [muˈɪt] [obriˈgadu]// [pøra] [diˈzɛø]/ [priˈmɛøru] [ɛ] [de] [agradeˈsɛø]/
[ˈkwãtu] [tamˈøˈɛ] [u] [øʃfɔrsu] [ki] [a] [ˈRadju] [øʃta] [a] [faˈzɛø]//
[a] [ˈRadju] [nasjoˈnaø]/ [ˈɛ] [partikuˈlari] [a] [ˈRadju] [ˈkwãdu]
[kubãgu]/ [pøra] [diˈzɛø]/ [Realˈmɛti] [sãw] [ˈeli] [ki] [acõˈpapãw]
[ˈdɛʒdi] [u] [priˈmɛøru] [ˈdia] [aˈtɛ] [a] [ˈdata] [preˈzɛti] //
[pøra] [diˈzɛø] [ki] [aˈtɛ] [ˈnɛfti] [moˈmɛtu]/ [øʃtamuø] [ˈsɛpri] [a]
[diˈzɛø]/ [øʃtamuø] [a] [uˈzaø] [ˈsɛpri] [a] [ˈmɛʒma] [lĩˈgwaʒiø] [...]//
[...] [ˈɛfta] [manuøteøˈsãw] [tˈɛ] [a] [ˈvɛø] [kˈɔ] [aʒ] [ĩfraøʃtruˈturaø] [ki]
[øʃta] [a] [ˈsɛø] [ɛrˈgida] [aˈki] [nu] [kuˈãdu] [kuˈbãgu]//

Programa Carrossel das Etreas Gravado no dia 06 de Junho de 2021

- a) [aʒ] [brĩkaˈdɛøraø] [sãw] [muˈɪtu] [ˈbɔaʒ] [ˈpurki] [aˈtɛ] [aproˈvɛjtu]
[ˈmaøʒ]//

- b) [ke`reɪmuʒ] [ĩs`ɛ`ji`vaØ] [uʒ] [ˈnoʒu] [ami`giɲuØ] [ki] [ˈbrĩk`ɛ`ji]/ [i] [te`ɲãw̃]
[a`kelaʒ] [brĩka`deØraØ] [motiva`dɔra]/

Programa Carrossel das Estrelas Gravado no dia 11 de Janeiro de 2022

- a) [ˈdeØʃu] [a] [m̃e`j`saʒiØ] [Re`vizãw̃] [i] [ki] [ˈpeɣãw̃] [nu] [ka`dɛrnu]
[ˈs̃ɛpri]/
- b) [ɛw] [gofta`ria] [de] [sɛØ] [ü]/ [ü] [ˈɛ`ji`ɲeØru]/
- c) [awz] [ˈɛ`jkaRe`gaduʒ] [ˈkomu] [ɛw]/ [a`pɛlu] [ki] [ɛw] [ˈtɛɲu] [a] [deØ`aØ]
[sobre`tudu] [a`kɛliʒ] [ki] [sãw̃] xx [do`s̃ɛtiØ] [ɔ] [nãw̃] [do`s̃ɛtiØ]
[te`ɲãw̃] [ˈt̃ɛ`ɲpu]/
- d) [ˈmaʒ] [vo`sɛ] [nãw̃] [acõ`paɲa] [u] [ẽ`j`sinu] [da] [kri`ãsa] [sobre`tudu] [u]
[siʃtɛma] [de] [aprẽ`di`zaʒiØ] [ẽ`j`tãw̃] [t̃ɛ`j] [ki] [acõ`pa`ɲaØ]/

Programa Expresso da Manhã Gravado no dia 17 de Janeiro de 2022

- a) [ˈtudu] [ki] [ɛ] [dez`ɛ`j`peɲu]/ [pur`tãtu] [u] [Ø`forsu] [ki] [noʒ] [fa`zemuʒ]
[nu] [ˈnoʒu] [orga`niʒmu] [ɛ] [nese`sarju] [ki] [noʒ] [Ø`te`ʒɛmuØ] [ẽ`j]
[kõdisõ`ji] eh [per`fejta] [de] [sa`udi]/
- b) [na] [ˈnosa] [i`grɛʒa] [nãw̃] [a] [ˈfaʎa]/ [diʃtaØsja`m̃ɛtu]/ [la`vaʒiØ] [aʒ]
[mãw̃] [i] [li`par] [a] [mãw̃Ø] [...]/
- c) [nu] [ẽ`j`tãtu]/ [noʒ] [Ø`tamuØ] [a] [kũ`priØ] [ˈpurki] [aʒ] [du`ɛsaØ]/
[ˈdeʒdi] [ki] [aʒ] [me`didaØ] [ˈveju] [i] [ˈnoʒ] [ˈtemu] [ki] [fa`zɛØ] [kũ`priØ]
[i] [kũ`priØ] [kõ] [ˈesaʒ] [me`dida] [pØra] [vɛØ] [si] [fi`zemu] [fu`ʒiØ] [a]
[du`ɛsa]/

1.2-Transcrição Ortográfica

Programa Globo Informativo Gravado no dia 1 de Julho de 2021

- a) O território xx os crime/Ø/ são aqueles que o comandante domina/ e na
questão da contenção/ há dificuldades/ por razões da redução // no/ na/
mas esse é um caso que já dominamos/ é um caso naciona/Ø/ /
provincia/Ø/ / monicipa/Ø/ e comuna/Ø/ / Também ficamos satisfeito/Ø/
com/ com a situação do controlo e também eh /Ø/stamos a trabalha/Ø/
na questão / da sensibilização/ das comunidade/Ø/ e na situação do uso
de máscaras/ em função dessa pandemia do covid desanove que /ØØ/tá
a sola/Ø/ e aproveitando também já essa parte do frio da época que

/Ø/stamos /Ø/ atravessa/Ø/ que é uma época que essa doença ou essa pandemia mais gosta// então / é uma situação também que junto da direcção/ do/ da polícia/ comando da esquadra/ estamos a trabalha/Ø/ na questão de/ de cumprirmos com aquilo que são as norma/Ø/ as lei/Ø/ eh que /Ø/stamos a vive/Ø/ a níve/Ø/ naciona/Ø/ / onde que o Caiundo não foge xx perante essa situação // e temos estado muito congratulado/Ø/ / e as mensage/Ø/ que temos recebido na população/ têm sido muito boa/Ø// relativamente /Ø/o passado não é/ principalmente aquele delinquente o Kapaco que andou aqui/ que só foi mesmo esse nosso tempo que foi/ que foi apanhado// então é de louva/Ø/ é de louva/Ø/ // e também naquilo que xx alguns comportamento/Ø/ que a população tinha aqui/ que em ngaguela nós chamamo/Ø/ cucheca// cucheca é um termo em nganguela que eles têm aí/ mas em termos gerais guardar segredos/ acontece crimes lá / eles em vez de verem/ de apresentarem-se ou queixarem-se preferem se pagarem bois/ xx entre certos contundentes como facas e outros meio/Ø/ xx que entram no crime/ mas preferem reunir e entre eles dar solução/ mas temos estado a trabalha/Ø/ com as comunidade/Ø/ / e aquilo que nos chega nos ouvido/Ø/ são aquelas situações que muitas das vezes também não é da nossa capacidade / tem sido/ temos xx encaminhado/ tanto faz no novo delegado / eticetra// de resto a comuna /ØØ/tá estáve/Ø/ é nesse sentido obrigado//

- b) Nós estamo/Ø/ a faze/Ø/ uma campanha/ montou-se postos para desafoga/Ø/ a enchente na repartição// nós estamo/Ø/ na rua já sensivelmente há dois meses/ para sensibiliza/Ø/ junto dos contrubuinte/Ø/ automobilista/Ø/ neh para esclarece/Ø/ o que é que o IVM// é o imposto veículo motorizado que efectivamente xx veio substitui/Ø/ a taxa de circulação// Ok/ com/ com a entrada em vigor desse decreto presidencial//i// então revoga o disposto da taxa de circulação// então o contribuinte aqui tem que cadastrar o seu veículo motorizado nesse sistema do IVM/ para depois paga/Ø/ e emiti/Ø/ o selo eh do imposto veículo motorizado// a par disso também/ ele é mais abrangente/ aumenta/ alarga xx porque na quando da taxa só pagava as motorizada/Ø/ os automóve/Ø/ ligeiro/Ø/ ou pesado// agora tudo que é

veículo motorizado paga imposto e tem as aeronáve/Ø/ / as embarcações e também as viatura/Ø// por isso xx é chamado imposto veículo motorizado aglutina tudo que é imposto veículo motorizado// então nós estmos aqui a faze/Ø/ essa campanha de sensibilização para explica/Ø/ nos automobilista/Ø/ mototaxista/Ø/ /Ø/ eh está a decorre/Ø/ esta campanha para cadastrarem-se e também por sinal/i/ o prazo termina hoje// após do término do prazo/ então os contrinuinte/Ø/ os automobilista/Ø/ passam já a paga/Ø/ esse imposto com multa/ numa taxa de vinte e cinco por cento no valor do selo//

Há uma aderência/ há uma aderência por parte dos automobilista/Ø/ embora os mototaxista/Ø/ furtam-se/ fogem // quer dizer a divulgação continua eh desde Fevereiro não é/ mas as saída/Ø/ já /ØØ/amos a dois mês/ØØ/ na rua não é/ embora xx desde a semana passada é que /ØØ/ta mais intenso por causa do término do prazo// na verdade é para evita/Ø/ que os contribuinte/Ø/ pagam /Ø/ imposto com multa não é/ porque a par da multa do imposto ele tem outra multa da polícia/ pela transgressão administrativa/ por não se faze/Ø/ acompanha/Ø/ pelo selo do imposto//

- c) Nós estamo/Ø/ a trabalha/Ø/ no ambito dessa operação e não só/ para então contrapormos todo tipo de actividade ilícita/ no caso específico da recolha/ aquisição e comercialização de sucata// eh o apelo que damos é um apelo reiterado // porquanto nós/ por várias forma/Ø/ por vário/Ø/ fórun/Ø/ temos estado a deixa/Ø/ o apelo no sentido de que o bem público ou privado deve ser preservado// a comercialização de sucatas sendo uma actividade tem que estar regularizado/ existem órgãos próprio/Ø/ do ponto de vista técnico/ no caso da direcção da indústria ou do comércio localmente que podem situar como podem exercer este tipo de actidade/ fora destas modalidade/Ø/ eh a polícia vai continua/Ø/ a trabalha/Ø/ // aqueles que se acham que se escaparam da nossa vigilância/ em qualquer momento estarão envolvido/Ø/ em função dos nosso/Ø/ procedimentos operativo/Ø/ //
- d) Os objectivo/Ø/ fundamentais que fizeram o gabinete provincial/i/ da cultura em visitar aquele núcleo bibliotecário/ aquela biblioteca comunitária Manguchi/ biblioteca eh comunitária vinte etrês de

Novembro/ é exactamente para da/Ø/ uma dinâmica/ para da/Ø/ uma vida/ para transmiti/Ø/ o encorajamento aos gerente/Ø/ daquela mesma instituição// para nossa região do Cuando Cubango a pretensão é de construi/Ø/ uma biblioteca provincial/i/ // na região do Caundo Cubango possuímos nove núcleo/Ø/ bibliotecário/Ø/ //

A biblioteca/ tem um total de eh um total de perto de setessentos livro/Ø/ / em função de que a biblioteca é nova/ e como sabem da realidade da nossa província eh os livro/Ø/ ainda são /Ø/scasso/Ø/ / /ØØ/tamo/Ø/ neste momento na fase de constituição da referida biblioteca//

Nos últimos dia/Ø/ há mais procura// os livro/Ø/ mais procurado/Ø/ são/ de/ /Ø/ curso de direito eh enfermagem/ medicia literatura onde nós encontramos/Ø/ aí as poesia/Ø/ / biologia e outros//

- e) Jogámo/Ø/ com o campeão europeu/ uma selecção muito forte/ uma selecção que com muita qualidade mostrou que Angola/ Angola praticamente /ØØ/tava nas parede/Ø/ / mas é assim/ a filosofia do treinador/i/ não pegou/ porque o nosso treinador/i/ também é novo na selecção angolana devemo/Ø/ ver/i/ isso// e a nova filosofia que o treinador/i/ /Ø/tá a tenta/Ø/ impor/i/ os jogador/ØØ/ não conseguem/ não /ØØ/tão a se adapta/Ø/ mas é assim/ perdemo/Ø/ bem/ e praticamente /ØØtamo/Ø/ fora da/ do/ torneio pré-olímpico com muita tristeza/ nós tínhamo/Ø/ tanta ansiedade de esta/Ø/ alí/ mas/ jogo jogado Angola /ØØ/teve mal/i/ / mas também devemos da/Ø/ os parabéns àqueles que muito dedicaram-se / estamos a fala/Ø/ do/ do próprio Mingas eh Yanik Moreira para mim são jogador/ØØ/ que levaram a selecção às costa/Ø/ não é/ dá nisso/ quanto mal/i/ preparação acontece xx dá nisso// e tem jogador/ØØ/ que/ vou repeti/Ø/ / que não deveriam estar alí/ mas /Ø/ treinador/i/ lhes levou//

Temos que pensa/Ø/ para já o afrobasket/ neste momento/ por favor/i/ / temos que leva/Ø/ os melhore/ØØ/ jogador/ØØ/ de momento// e os melhor/ØØ/ de momento/ muito dos jogador/ØØ/ de momento do nosso campeonato /ØØ/tão aqui em Angola/ /ØØ/tão no Interclube // buscam os jogador/ØØ/ do Interculbe/ não buscam convocatórias consoante nomes de jogador/ØØ/ e nem de clube/Ø/ //

- f) Calai/ Rivungo/ Cuito Cuanavale e o Menongue desses municípios totalizando são desanove mil// pretendemos neste momento vacina/Ø/ eh trinta mil número de eh vacina que nós recebemo/Ø/ //

Nós já vacinámo/Ø/ contra o surto/ não vacinamos todos animais existente/Ø/ porque nós fomo/Ø/ alí numa época chuvosa e o rio /ØØ/tava muito cheio/ alguns também não num/ não aceitaram/ agora programado para o Agosto para faze/Ø/ a revacinação// Calai falta alguma parte/ temos questões de febre afectosa/ vamos volta/Ø/ para realiza/Ø/ o trabalho//

A situação agora é estáve/Ø/ / a riqueza da nossa população é o gado// até /Ø/o momento esperamo/Ø/ o ministério que nos dê um aval para o consumo e transportaçã da carne bovina// que o gado possa já sircula/Ø/ e possa se/Ø/ consumido//

- g) Temos quatro programa/Ø/ que estão a acontece/Ø/ no parque naciona/Ø/ Luengue Luiana no Rivungo/ no Mavinga no Licua// primeiro tem a ver com o financiamento alemão/ KFW que é um banco de desenvolvimento alemão em parceria com o governo angolano// o valor globa/Ø/ para as quatro componente/Ø/ orça-se quatrocentos e noventa e seis mil euro/Ø/ // é um projecto ligado para a agricultura de conservação e também temos um programa ligado a limpeza de picada ou estradas/ estão empregues ali cerca de oitenta e dois joven/Ø/ / essas picadas para facilitar então o turismo que se pretende amanhã/ e também para facilitar o trabalho dos fiscais lá basificados no parque do Luengue Luiana/ também temos o apóio alimentação e combustível para os dois parque/Ø/ / Luengue Luiana e Mavinga/ por causa da produção que se tem lá / tem lá duas moagen/Ø/ / em Julho está marcada a entrega oficial dessas duas moagen/Ø/ para as comunidade/Ø/ // e também prevê-se outros programas para a água/ para a piscicultura naquela região//

E temos um outro também que está a inicia/Ø/ no Licua para a agricultura de conservação// Licua e Rivingo/ teremos cerca de dozuntos e setenta e cinco agricultor/ØØ/ // e temos um outro projecto ligado às hortas comunitária também lá na Jamba// são os quatro programa/Ø/ que temos lá//

- h) Os consumidor/ØØ/ / dizem mesmo que ao em vez de adquirirem agasalho// preferem se aquecer com bebidas quente/Ø/ cujo/Ø/ os valores vão de cinquente/ cem até duzentos kwanza/Ø/ // e de acordo com os consumidor/ØØ/ até aí/ já está//
- i) Vendo de tudo um pouco best/ o starque/ um a um/ tem sido normal// /ØØ/tão agitado/Ø/ / basicamente normal// cinquenta para/ para cima// best cem kwanza/Ø/ / a uva cinquenta// a /Ø/derência tem sido fixe// a message/Ø/ que eu diria para aqui/ aos consumidor/ØØ/ consumissem mas com/ com uma boa mentalidade/ nada de exagero esse mês de frio epah é muito perigoso mesmo//
- j) Muitos pensam que por ser bebida quente eh forma calorias no organismo// pelo contrário / vai prejudicando o figado que tem várias funções no/ no organismo humano// o figado neste caso/ depois de muito alcóol nele perde a função de regular as gordura/Ø/ no organismo// também não há boa produção da bilis para a digestão// tão logo que estes elementos perdem as suas propriedade/Ø/ no organismo o individuo é susceptível a/ a uma epatomegália/ epatomegália isto é o que? é a enflamação do figado// e a parti/Ø/ dali começa ter outras consequência/Ø/ de saúde//
- k) Comigo tenho já o primeiro interlocutor// /Ø/stamos hoje eh/ eh a olhar na campanha abraço solidário que/ terminou no dia trinta de julho// Como munícipe eh/ qual é a sua opinião/ qual a sua visão eh quanto a essa campanha?
- l) Eh a minha visão é uma visão muito mais muito ampla/ uma vez que temos aquelas pessoa/Ø/ que foram afectadas por esses fenómenos eh foi boa iniciativa/ a iniciativa foi louvável / e agradeceria que fizessem mais vez/ØØ/ não só para as pessoa/Ø/ que sofreram este impacto uma vez que temos muita mais muita gente / muita região a sofre/Ø/ / eu agradeceria que fizessem isso mais vezes para que essas/ estas pessoas abregam-se de um pouco que temos para com eles// consegui dar o donativo/ uma vez que é um / são os irmãos angolano/Ø/ e sofrem não podia deixa/Ø/ de lado o meu donativo para que fizesse um bem//
- m) Bem/ este assunto é pertinente porque trata-se de uma campanha solidária/ como ah/ a própria etimologia da/ da palavra diz é um/ é um

acto solidário em que na qual todo e qualquer cidadão está convidado a participa/Ø/ / a se doar um pouquinho de si para aqueles mais desfavorecidos// Bem/ os órgão/Ø/ de comunicação social têm este pendor na/ na verdade é de apoiar e promover cada vez mais essas campanha/Ø/ e/ como/ como parceiros do estado são os nosso/Ø/ fiéis depositário/Ø/ nesta coisa dos produtos doados e/ e /e fazerem chega/Ø/ com as direcções afins àquelas comunidade/Ø/ carentes não é/ mais uma vez o papel fundamental de incetivar mostrando as doações de/ de cada cidadão//

- n) Esta mesma campanha foi muito boa// ya foi muito boa porque já deu também acudi/Ø/ algumas situações que muitos sofrem/ principalmente também pela seca// ya isso foi muito bom/ nós ouvimo/Ø/ também na rádio a intervenção do governo para este tipo de questões isso é muito bom/ não devem só ficar por ali mas sim devem faze/Ø/ isso mais vez/ØØ/ essas campanha/Ø/ / promove/Ø/ essas campanha/Ø/ cada vez mais/ ya é só isso que eu tenho para salienta/Ø/ // Eu consegui/ consegui/ eu só consegui infelizmente com uma barra de sabão// Uma barra de sabão/ esta barra de sabão é para lhes ajuda/Ø/ // ya quem se beneficia/Ø/ xx aquilo é já bom também xx é já bom// Outras pessoa/Ø/ também devem cada vez mais aposta/Ø/ também para passar também se apoiar esse tipo de pessoas//

Programa Fairplay Gravado no dia 16 de Janeiro de 2022

- a) A situação do Cuando Cubango é péssima// Mas nós não /Ø/stamo/Ø/ cómodo/Ø/ // Aliás, nós escrevemo/Ø/ / temos um/ um ofício que mandamos no governo/ isso foi dia dez/ de que dia catorze nós iriamo/Ø/ convoca/Ø/ uma conferência de imprensa para que nós declarassémo/Ø/ a desistência e este comunicado, aliás essa carta que endereçamos a sua excelência governador em que na qual nós dizaiamos que íamos oficializa/Ø/ a desistência que seria dia catorze, ao mesmo tempo dávamos a conhece/Ø/ à APF e também daríamos a conhece/Ø/ à federação angolana // Caso simples// Não temos recursos para continua/Ø/ // A parti/Ø/ daquela data, ainda não recebemos nenhuma resposta e nós tornamo/Ø/ a comissão a reunirmos mesmo dia

catorze, achamos conveniente darmos um tempo, durante estes dias às vezes a carta não chegou talvez está sendo analisada para que possamos recebe/Ø/ uma resposta, mas é ponto assente, dentro desta semana se nós não tivermos feedback nós vamo/Ø/ declara/Ø/ a desistência do Cuando Cubango digo porquê// Só o Esmael quase tem em conta, só a equipa que /ØØ/tá no Bié, por semana, eu digo isso por semana, com a alimentação que é apoiada por aqui, nós gastamo/Ø/ trezentos e desaseis/ por semana, se não tivermos alimentação, por semana são quinhentos e desaseis mil kwanza/Ø/ sem nós falarmos da situação da saúde.

Só a alimentação xx menos o alojamento xx eh pronto esse é outro assunto, só para dize/Ø/ ainda, se podermos depois entrarmos em detalhe/Ø/ / até amanhã já não temo/Ø/ nada para assegurar esses atleta/Ø/ / e quem está a assegura/Ø/ esses atleta/Ø/ a parti/Ø/ do mês passado por semana é a comissão// Graças a Deus/ na semana passada nós recebemo/Ø/ géneros e víveres. Pessoas/ entidade/Ø/ interviram. Enquanto género e víveres temos/ mas os acompanhante/Ø/ não temos porque aquilo é necessário peixe/ é necessário carne/ é necessário frango/ felizmente recebemo/Ø/ também alguma conserva infelizmente/ você sabe que os atleta/Ø/ não podem se alimenta/Ø/ muito de conservante/Ø/ conserva infelizmente assim /ØØ/tou com medo porque hoje mesmo já me ligaram para ve/Ø/ que se conseguimos os trezento/Ø/ e desaseis mil kwanza/Ø/ para nós transferirmos amanhã e isso às vez/ØØ/ nos tira o sossego//

- b) Muito obrigado para dize/Ø/ / primeiro é de agradece/Ø/ quanto também o /Ø/sforço que a rádio /ØØ/tá a faze/Ø/ porque realmente o nosso elo de ligação é a rádio// Nós nesse preciso momento não temos mais outras via/Ø/ que a gente não vai lá chora/Ø/ a não se/Ø/ a rádio/ temos outras/ outras linha/Ø/ mas para nós a rádio/ a rádio nacional/Ø/ em particular a rádio Cuando Cubango/ para dize/Ø/ / realmente são eles que acompanham desde o primeiro dia até a data presente // Para dize/Ø/ que até neste momento/ estamo/Ø/ sempre a dize/Ø/ / estamo/Ø/ a usa/Ø/ sempre a mesma linguagem até neste momento porque as coisa/Ø/ // e quando se diz até neste momento porque as

coisa/Ø/ não /ØØ/tão nada// Nós quando abraçamo/Ø/ esse projecto/ realmente a linguagem no princípio foi outra/ nós fomo/Ø/ indicado/Ø/ / vou mais ressalva/Ø/ / vou mais dize/Ø/ aqui/ para pega/Ø/ esta equipa para não desce/Ø/ de devisão/ para pegarmos essa equipa para a manutenção// Esta manutenção tem a ve/Ø/ com as infraestrutura/Ø/ que /ØØ/tá a se/Ø/ erguida aqui no Cuando Cubango// Nós aceitamo/Ø/ porque nós gostamo/Ø/ o desporto/ nós somo/Ø/ desportista/Ø/ / nós fomo/Ø/ feito/Ø/ mesmo para isso/ nós /ØØ/tamo/Ø/ dividido/Ø/ / os desportista/Ø/ / os dirigente/Ø/ desportista/Ø/ têm ala deles/ os contabilista/Ø/ têm outra ala/ /ØØ/tamo/Ø/ todos dividido/Ø/ // mas neste momento eu agradecia que devemos estar unido/Ø/ todos nós não importa quem/ vamos esquece/Ø/ as bandeira/Ø/ política/Ø/ porque se nós formos no estádio de futebol/ assistir o jogo/ quando Angola está a jogar ou quando na altura nós estavamo/Ø/ a joga/Ø/ aqui em casa/ todos nós beneficiamo/Ø/ e aí não houve distinção de ninguém/ todos nós// sendo monícipe/Ø/ desta província se nós realmente queremos ter sucesso eu peço mais uma vez/ as pessoa/Ø/ estão lá/ estão a ouvi/Ø/ / que nos ajudem ou vamo/Ø/ nos ajuda/Ø/ porque esse Cuando Cubango não é dessa comissão de gestão/ é de todos nós//

- c) Nós temo/Ø/ trinta e cinco jogador/ØØ/ / tínhamo/Ø/ trinta e cinco jogaor/ØØ/ nos quais cinco são de formação aqui no Cuando Cubango e oito nesses trinta e cinco são júnior/ØØ/ / mas nesse preciso momento que vos falo/ nós já perdemo/Ø/ quase vinte cinco por cento do nosso plantel// Ainda hoje que falo-vos recebi uma chamada/ as nossa/Ø/ pedras fundamental/Ø/ já não encontram-se aqui no Cuando Cubango// O Cuca/ o Vado/ o nosso guarda-rede/Ø/ / o Rochaná/ O Ito/ todos xx o Chavier/ todos esse/Ø/ já abandonaram o clube/ por razões simples// Nós não /Ø/stamo/Ø/ a paga/Ø/ os salário/Ø/ // Esse é o quarto mês/ desde que começamos com o campeonato/ aliás/ e aqui vamo/Ø/ se/Ø/ sincero/Ø/ / nós só pagamo/Ø/ um mês// Eu tenho acompanhado à distância as pessoa/Ø/ porquê o governo deu trinta milhões/ é só / vou vos esclarece/Ø/ // de facto nós// não é o governo/ um patrocinador // através de divogacia no ex senhor governador / nós recebemo/Ø/ trinta milhões/ não é simplesmente trinta milhões/ mais cinco milhões que ele

pessoalmente tinha nos dado/ aliás/ mais seis milhões/ totalizando são trinta e seis milhões // Esmael faz só conta// trinta milhões o salário é de vinte milhões e oitocento/Ø/ que nós pagámo/Ø/ Setembro/ fica quanto? As pessoa/Ø/ estão aí// vinte milhões e oitocentos e cinquenta pagámo/Ø/ salário/Ø/ fica quanto? Os matemático/Ø/? E agora veja/ nós encontramos/Ø/ uma dívida//

- d) Neste preciso momento temos aí/ vinte e seis/ vinte seis neste preciso momento// Tem quatro que estão em Luanda/ que quer/ØØ/ vir pelo meno/Ø/ para ingressa/Ø/ mas não temo/Ø/ como também eles virem// temos ainda vinte e seis// o plantel// nesse plantel quarenta por cento são júnior/ØØ/ que são esses a equipa B que nos fomo/Ø/ com ele jogar em Benguela//

Programa Carrossel das Estrelas Gravado no dia 06 de Julho de 2021

- a) As brincadeira/Ø/ são muito boa/Ø/ porque até aproveito mais/ porque quando eu /Ø/stiver ah no princípio do ano tenho que me prepara/Ø/ que para estuda/Ø/ // [...] eh jogo futebol com os meus amigo/Ø/ / toco um bucado de guitarra/ em casa tem guitarra/ e também brinco com os meus amigo/Ø/ na OPA// [...] Que aproveitem/ é um momento consagrado é um momento que a criança alivia a mente e também não podemos/Ø/ só brinca/Ø/ também pensando nos caderno/Ø/ //
- b) Muito bem/ e desta forma nós queremos/Ø/ incentivar os nossos amiguinho/Ø/ que brinquem/ e tenham aquelas brincadeira/Ø/ motivadoras não é/ brincadeiras essas que estimulam o aprendizado cada dia que passa//

Programa Carrossel das Estrelas Gravado no dia 11 de Janeiro de 2022

- a) Não /ØØ/tou a i/Ø/ na escola por causa da covid // Pratica/Ø/ futebol e revisa/Ø/ e também i/Ø/ na /Ø/xplicação// tem sido bom// porque /ØØ/tão a aprende/Ø/ mais// Aprendi muita coisa sobre desenho e mais sobre os ponto/Ø/ da língua portuguesa// Não/ esqueci a máscara// que revisam muito/ estudam e colocam as máscara/Ø/ //

- b) Por causa da covid// Reviso e à tarde vou na /Ø/xplicação// e às vezes costumo a ver as matéria/Ø/ passada/Ø/ // deixo a mensage/Ø/ que revisam e que pegam no caderno sempre//
- c) Descansa/Ø/ i/Ø/ na /Ø/xplicação e joga/Ø/ // Esqueci a máscara lá em casa// Que se cuidam bem e se portejam porque a covide está a mata/Ø/ //
- d) Costumo a joga/Ø/ bola/Ø/ assisti/Ø/ tele aula/Ø/ telejorna/Ø/ // Muito sobre a matemática e aprendi também alguns desenho/Ø/ // Que peguem e estudam mais para amanhã vi/Ø/ te/Ø/ um carro ou uma mota// Eu gostaria de se/Ø/ um/Ø/ um engenheiro//
- e) Temos um prog/Ø/ama em casa// depois do lanche é reve/Ø/ tudo que se estudou /Ø/o ano passado// aonde tiveram falha e também exercita/Ø/ mais ainda na calegrafia sobre a matemática que tem sido dor-de-cabeça para as crinça/Ø/ // depois/Ø/ o prog/Ø/ama para assisti/Ø/ a televisão/Ø/ a tele escola também tem ajudado bastante// Às vezes é preciso desliga/Ø/ /Ø/ dos boneco/Ø/ e mete/Ø/ as criaça/Ø/ a /Ø/companha/Ø/ a parti/Ø/ da criança que estuda a treceira acompnha a teleaula da treceira da sexta/Ø/ da sétima// então isso tem ajudado bastante/Ø/ mas eu também tenho muito tempo memo de acompanha/Ø/ eles// ver muito bem/Ø/ melhora/Ø/ a letra/Ø/ melhora/Ø/ a fala/Ø/ melhor muito sabe/Ø/ porquê depois das aula/Ø/ levaram os livro/Ø/ // os livro/Ø/ eram para volta/Ø/ com eles no segundo semestre/Ø/ infelizmente /Ø/stão com os livros em casa então as criança/Ø/ gostam de tira/Ø/ dúvidas quando os pai/Ø/ /Ø/stão na mesa// Aos encarregado/Ø/ como eu/Ø/ /Ø/ apelo que eu tenho a deixa/Ø/ sobretudo aqueles que também são docente/Ø/ ou não docente/Ø/ tenham tempo das crinça/Ø/ /Ø/ Revisa/Ø/ muito bem o caderno da criança se o que ele escreveu realmente vai de acordo com a nota que vai sai/Ø/ // Porque o que nós temo/Ø/ verificado/Ø/ às vez/ØØ/ você reclama bastante/Ø/ principalmente nós que metemos os filho/Ø/ nos colégio/Ø/ reclama bastante que meu filho não aprovou mas você não acompanhas o ensino da criança sobretudo o sistema de aprendizagem/Ø/ então tem que aconmpnha/Ø/ /Ø/ verifica/Ø/ muito bem o caderno da criança quando a criança tem dúvida não se /Ø/xtressa // Chama a criança com paciência então explica se não sabe procura

alguém mete numa /Ø/xplicação// Precisam do nosso apoio/ toda criança se inspira nos pai/Ø/ e quando o pai é muito ocupado para ele também vai ve/Ø/ a desvalorização do seu estudo// /Ø/stá a estudar/Ø/ para quê/ se o pai não valoriza? Então esse apelo que eu de/Ø/xo a todos pai/Ø/ que tenham mais atenção aos filho/Ø/ / acompanha o seu ensino para não dificulta/Ø/ muito no sistema de aprendizagem/Ø/ porquê/ a psicologia explica/ a relação entre a escola e a casa é um processo de aprendizagem/Ø/ cognitivo que a criança aprende com facilidade aquilo que vem na sala de aula para casa// Então os pai/Ø/ é um factor primordial/Ø/ na aprendizagem/Ø/ das criança/Ø/ ajuda/Ø/ / educa/Ø/ o seu filho//

- f) Consoante essa paragem / temos/ aconselhando as criança/Ø/ a revisar/i/ para não esquecer/i/ da matéria// A mensagem/Ø/ que eu de/Ø/xo a todos encarregado/Ø/ que tem feito a pequena ceclage/Ø/ nas criança/Ø/ para não esquecerem é preciso dar/i/ uma recapitulação nas criança/i/ a revisarem//
- g) Gostava de dizer/Ø/ que/ a pandemia do covid 19 é um mal que afectou todas as sociedade/Ø/ / criou desestabilidade/Ø/ acima de tudo/ mas em função da organização de cada família/ em termos de escola vai se adaptando em função daquilo que tem sido o tempo dos pai/Ø/ / mas ah como professor o conselho que eu daria é que os pais tivessem mais atenção com os filhos porque eles chegam a se/Ø/ a franja mais afectada em função daquilo que é o processo pedagógico/ aquilo que é o próprio processo de ensino// e depois também em termos de busca/ nós sabemos/Ø/ que as criança/Ø/ eh menos buscam a matéria é necessário que os pais encorajem os filho/Ø/ a poderem buscar/Ø/ as matéria/Ø/ e a poderem também terem a prática mesmo de leitura de leitura e de poderem fazerem exercício/Ø/ / aqueles exercício/Ø/ que se calha/Ø/ os professor/ØØ/ deixaram na escola então para poderem encorajar/Ø/ ainda mais o processo cognitivo dos mesmo/Ø/ //
- h) Em função do novo decreto presidencial/Ø/ sobre a covid desanove/ o conselho que eu de/Ø/xo aos menino/Ø/ é que devem ficar/Ø/ em casa e saírem sempre que for necessário fazerem o uso da máscara// Agora quanto os pai/Ø/ e encarregado/Ø/ devem sempre manter/i/ as

criança/Ø/ em casa/ vendo sempre os caderno/Ø/ das criança/Ø/ fazendo sempre uma tarefa para que eles não possam sai/Ø/ de casa pes embora as aula ainda não arrncaram mas que estejam preparado/Ø/ ou se prepparando mesmo em casa// Acredito eu um bom pai é aquele que sempre vela pelos estudos dos seus educando/Ø/ então vai sempre pegando o caderno mandando fazendo uma cópia escrevendo algo para que oucupa o tempo do menino para não se desvia/Ø/ muito daquilo que é o estudo tão logo começa ele vem já com uma noção e não perde o princípio do estudo.

Programa Expresso de Manhã Gravado no dia 17 de Janeiro de 2022

- a) Tudo que é desempenho/ portanto o esforço que nós fazemos no nosso organismo é necessário que nós estejemo/Ø/ em condições eh perfeita/Ø/ de saúde// Sabemos que a saúde/ pelo seu conceito emgloba/ não só ausencia de doença mas também todo aquele componente físico/ socia/Ø/ / menta/Ø/ e provavelmente o espiritua/Ø/ // Então/ para que nós desempenhemo/Ø/ / nós os humano/Ø/ os seres humano/Ø/, desempenha as suas funções quer seja intecletuais/ sexuais/ o trabalho que nós fazemo/Ø/ no dia a dia é necessáio que tenhamos sim uma alimentação saudáve/Ø/ // Então daí a importancia da alimentação saudáve/Ø/ para o desempenho sexua/Ø/ / e quando estamos a fala/Ø/ da alimantação saudáve/Ø/ / não devemos nos esquece/Ø/ que uma alimentação saudáve/Ø/ é aquela que é diversificada/ é aquela alimentação que é variada e diversificada/ variada/ equilibrada/ balanciada estamos a fala/Ø/ no seu componente dos hidrato/Ø/ de carbono que nós vamo/Ø/ encontra/Ø/ em vários alimento/Ø/ que temos certamente no pais por regiões//
- b) Na nossa igreja não há falha// Distanciamento/ lavage/Ø/ as mão/Ø/ e limpar as mão/Ø/ com alcoor gel/i/ // No entanto, nós /Ø/stamo/Ø/ a compri/i/ porque as doença/Ø/ / desde que as medida/Ø/ veio e nós temo/Ø/ que faze/Ø/ compri/Ø/ e compri/Ø/ com essas medidas para ve/Ø/ se fizemo/Ø/ fuji/Ø/ a doença//
- c) Esses aí/ essas pessoa/Ø/ / são pessoa/Ø/ que podemo/Ø/ dize/Ø/ que /ØØ/tão ausente/Ø/ na vivência da maioria porque alguns falam que não

há doença se não talvez é através de dinheiro o governo quer dinheiro é mentira// Se fosse em Angola só se fosse em Menongue só mas isso está generalizada iniciou nos pais/Ø/ mais des/ØØ/volvido mas até aqui estão a morrer/Ø/ // Então será que esses que /ØØ/tão a morrer/Ø/ / /ØØ/tão a morrer/Ø/ através de mentira? Sinceramente/ esses são pessoa/Ø/ falsa/Ø/ /ØØ/tão a viver/Ø/ mas não têm ideia/ é melhor/i/ acatarmos essa medida de segurança por favor/i/ //

Programa Globo Informativo Gravado no dia 02 de Março de 2022

- a) Essa mulhe/Ø/ batalhadora/ assim mesmo faze/Ø/ um esforço para não adender só de alguém/ /ØØ/tamo/Ø/ a faze/Ø/ esforço mas aqui /ØØ/tamo/Ø/ a ve/Ø/ esses dia/Ø/ não /ØØ/tamo/Ø/ mais a nos considera/Ø/ como batalhadora/ como zungue/Ø/ra/ /ØØ/tamo/Ø/ a i/Ø/ nesse sítio /ØØ/tão inicia/Ø/ nos chota/Ø/ / não não vendem aqui vão aí/ não não fazem isso/ /ØØ/tão manda/Ø/ os carro/Ø/ nos recolhe/Ø/ / então nós não temo/Ø/ como vamo/Ø/ reagi/Ø/ // Porque nós /ØØ/tamo/Ø/ a faze/Ø/ /Ø/sforço/Ø/ para /Ø/ nossa vida/ vida dos nosso/Ø/ filho/Ø/ //

Anexo 2-Propostas de Plano de Aula

Anexo 2.1-Plano de Aula para o Nível Fonológico do Português

PLANO DE AULA

Data: 05/Dezembro/2022 **Semana:** 05 até 09 **Dezembro:** Primeiro **Ano:** 1º **Curso:** Gestão Turística **Local:** Menongue **Professor:** Valentim Moreira **Tempo lectivo** 7h:30 às 09h:05 **Duração:** 90` **Tipo de Aula:** Aula de Gramática
Unidade Curricular: Português I

Unidade Temática: Fonética e Fonologia da Língua Portuguesa

Sumário: Funcionalidade dos Fonemas /a/, /e/

Objectivos Educacionais (gerais): Desenvolver a competência comunicativa dos alunos/estudantes.

Objectivos instrutivos (específicos): Identificar, no nível fonético, as variáveis fonológicas ou alofónicas dos fonemas /a/ e /e/; realizar foneticamente os fonemas em causa.

Métodos: Indutivo; trabalho independente e ensino pela descoberta

Forma organizativa: Frontal colectiva

Procedimentos:

a)-professor: Apresentar o texto (oral) e fiscalizar a realização das tarefas durante a aula auxiliando ao máximo os estudantes.

b)-Estudantes: Escutar o texto (com máxima atenção) e realizar as tarefas orientadas pelo professor.

INTRODUÇÃO (10`)

a)-Asseguramento do nível de partida: saudar os estudantes, correcção da tarefa e resumo da aula anterior

b)-Preparação psico-pedagógica: referir sobre o conteúdo do texto que será ouvido na aula.

c)-Preparação didáctica: referir sobre a importância dos fonemas no processo

comunicativo em língua portuguesa.

DESENVOLVIMENTO (60')

a)-Audição do texto: Deverá ser feito usando meios próprios que facilitam a sua audição e percepção (alguramos que a sala de aula seja equipada com esses meios). A audição pode ser repetida muitas vezes até que os alunos percebam e consigam realizar explorá-lo, do ponto de vista fonológico e realizar as actividades programadas na aula.

b)-Indagar se os estudantes perceberam o teor do referido texto: Neste espaço, o professor deverá questionar cinco estudantes sobre o que perceberam sobre o texto.

c)-Escrever, no quadro, palavras que contenham os fonemas em estudo: com a ajuda dos estudantes, o professor escreve no quadro palavras, ouvidadas no texto, que contenham os fonemas /a/ e /e/ (cinco para cada fonema): Fonema /a/: época → [ˈɛpoka]; Nganguela → [ˈŋaˈŋɛla]; pagarem-se → [pagaˈrẽːsi]; campanha → [kãˈpaɲa]; repartição → [Repartiˈsãw̃]. Fonema /e/: meses → [ˈmɛzi]; decreto → [deˈkrɛtu]; essa → [ˈɛsa]; desde → [ˈdɛʒdi]; fevereiro → [feveˈrɛʁu].

d)-Audição das palavras escritas no quadro: esta actividade visa permitir que os alunos consigam identificar o modo como os fonemas /a/ e /e/, nas palavras seleccionadas, foram realizados foneticamente. Tal actividade deverá ser orientada de tal forma que as referidas palavras sejam ouvidas lentamente. O aparelho de som usado na aula devrá permitir que tal aconteça.

e)-Apresentação do modo de realização dos fonemas: os alunos, com ajuda do professor, apresentam o modo como os fonemas /a/ e /e/ foram realizados foneticamente nas palavras retiradas do texto.

CONSOLIDAÇÃO (20')

a)- Controlo: orientar os alunos a retirarem outras palavras do texto que contenham os fonemas /a/ e /e/ e identificarem os modo como foram realizados foneticamente.

b)- Resumo: o professsor elege dois alunos destacarem os pontos fulcrais da aula.

c)-Orientação e marcação da tarefa: orientar os alunos a gravarem uma breve entrevista radiofónica e retirarem da mesma cinco palavras onde se encontram os fonemas /a/ e /e/ e, por fim, identificarem o modo como foram realizados no nível fonético.

Obs/ Esta aula será antecedida por uma aula de classificação articulatória dos cons da língua portuguesa.

BIBLIOGRAFIA

Mateus, M. H. Mira et all (2003). Gramática da Língua Portuguesa. Caminho.

Mateus, M. H. Mira et all (2005). Fonética e Fonologia do Português. Universidade Aberta.

Martinet, André (2014). Elementos de Linguística Geral. Clássica Editora.

Jakobson, Roman (2006). Princípios de Fonologia Histórica. Curt Nimuendajú.

Marçalo, Maria João B.M. (1992). Introdução à Linguística Funcional. Ministério da Educação.

Cagliari, Liuz Carlos (2002). Análise Fonológica: Introdução à Teoria e à Prática com Especial Destaque para o Modelo Fonêmico. Mercado de Letras.

PLANO DE AULA

Data: 05/Dezembro/2022 **Semana:** 12 até 16 **Dezembro:** Primeiro **Ano:** 1º **Curso:** Gestão Turística **Local:** Menongue **Professor:** Valentim Moreira **Tempo lectivo** 7h:30 às 09h:05 **Duração:** 90` **Tipo de Aula:** Aula de Gramática
Unidade Curricular: Português I

Unidade Temática: Morfossintaxe da Língua Portuguesa

Sumário: Processo de Pluralização dos Sintagmas Nominais em Língua Portuguesa

Objectivos Educacionais (gerais): Desenvolver a competência comunicativa dos alunos/estudantes.

Objectivos instrutivos (específicos): Reconhecer o processo de pluralização em língua portuguesa; identificar as regras de pluralização dos sintagmas nominais em português.

Métodos: Indutivo; trabalho em grupo e ensino pela descoberta

Forma organizativa: Frontal colectiva

Procedimentos:

a)-professor: Apresentar o texto e fiscalizar a realização das tarefas durante a aula auxiliando ao máximo os estudantes.

b)-Estudantes: Ler o texto (com máxima atenção) e realizar as tarefas orientadas pelo professor.

INTRODUÇÃO (10`)

a)-Asseguramento do nível de partida: saudar os estudantes, correcção da tarefa e resumo da aula anterior

b)-Preparação psico-pedagógica: referir sobre o conteúdo do texto que será ouvido na aula.

c)-Preparação didáctica: referir sobre a importância da pluralização sintagmática no processo comunicativo em língua portuguesa.

DESENVOLVIMENTO (60`)

a)-Leitura do texto: O professor distribui o texto aos alunos e orienta a leitura

silenciosa individual. A seguir, escolhe quatro deles para fazerem a leitura em voz alta.

b)-Indagar se os estudantes perceberam o teor do referido texto: Neste espaço, o professor deverá questionar cinco estudantes sobre o que perceberam do texto.

c)-Dividir a turma por grupos compostos por cinco estudantes: o professor, usando técnicas próprias, reorganiza a turma em grupos de cinco estudantes.

d)-Orientar os estudantes a retirarem algumas frases do texto frases: o professor orienta os alunos a retirarem certas frases do texto para a seguir escreve-as no quadro destacando os sintagmas nominais:

1. **Os crime/Ø/** são aqueles que o comandante domina/ e na questão da contenção/ há dificuldades/ por razões da redução;
2. Desta forma nós queremos/Ø/ incentivar **os nossos amiguinho/Ø/;**
3. A message/Ø/ que eu de/Ø/xo **a todos encarregado/Ø/;**
4. Também **ficamos satisfeito/Ø/** com/ com a situação do controlo e também eh estamos a trabalha/Ø/ na questão / da sensibilização/ das comunidade.

e)-Identificação das regras de pluralização dos sintagmas nominais: o professor orienta os estudantes, organizados em grupo, a observarem a forma como os sintagmas nominais foram pluralizados nas frases retiradas do texto e a determinarem as regras de pluralização.

CONSOLIDAÇÃO (20`)

a)- Controlo: orientar os alunos a retirarem outras frases do texto, identificarem os sintagmas nominais e os processo de pluralização que os caracterizarm.

b)- Resumo: o professor elege dois alunos destacarem os pontos fulcrais da aula.

c)-Orientação e marcação da tarefa: orientar os estudantes a produzirem um texto onde

BIBLIOGRAFIA

Mateus, M. H. Mira et all (2003). Gramática da Língua Portuguesa. Caminho.

Mateus, M. H. Mira et all (2005). Fonética e Fonologia do Português. Universidade Aberta.

Martinet, André (2014). Elementos de Linguística Geral. Clássica Editora.

Jakobson, Roman (2006). Princípios de Fonologia Histórica. Curt Nimuendajú.

Marçalo, Maria João B.M. (1992). Introdução à Linguística Funcional. Ministério da Educação.

Cagliari, Liuz Carlos (2002). Análise Fonológica: Introdução à Teoria e à Prática com

Especial Destaque para o Modelo Fonêmico. Mercado de Letras.